



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

MIRIDAN REJANE SOARES LIMA

AOS ENCANTOS DO LAR:
AMOR E COMPANHEIRISMO ENTRE AMÉLIA BEVILAQUA E
CLÓVIS BEVILAQUA

TERESINA – PI

2016

MIRIDAN REJANE SOARES LIMA

**AOS ENCANTOS DO LAR:
AMOR E COMPANHEIRISMO ENTRE AMÉLIA BEVILAQUA E
CLÓVIS BEVILAQUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para obtenção do título de Mestra em História do Brasil, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

TERESINA – PI

2016

L732e LIMA, Miridan Rejane Soares.

Aos encantos do lar: amor e companheirismo entre Amélia Bevilaqua e Clóvis Bevilaqua./ Miridan Rejane Soares Lima. – Teresina: UFPI, 2016.

133f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI/CCHL.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

MIRIDAN REJANE SOARES LIMA

**AOS ENCANTOS DO LAR:
AMOR E COMPANHEIRISMO ENTRE AMÉLIA BEVILAQUA E
CLÓVIS BEVILAQUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para obtenção do título de Mestra em História do Brasil, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

Dissertação aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Sousa Abrantes
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Examinador Interno)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

TERESINA – PI

2016

Em memoria de minha avó Maria Romana do Rosário.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é o conjunto do empenho e estímulo para realizar essa pesquisa histórica, tema que ganhou minha afeição desde o início de minha vida acadêmica. Inúmeras pessoas contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento deste trabalho.

Em primeiro lugar, um agradecimento muito especial à minha família, meu pai Raimundo e minha mãe Milde e aos meus irmãos e suas famílias que, através do estímulo e da compreensão, me permitiu o desenvolvimento desta pesquisa. A eles e a todos que compreenderam a minha falta social e familiar, quero agradecer e dizer que minha vida é mais completa com vocês ao meu lado.

Em razão disso, gostaria de agradecer a Deus, que me deu a oportunidade de nessa vida ter podido estar ao lado de pessoas tão boas, gentis e generosas, que muito me ajudaram, não só em aspectos materiais, mas principalmente em incentivo, carinho, ensinamentos e lições que contribuíram muito na formação do que eu sou hoje como pessoa. Aproveitando esse momento quero pedir perdão ao meu filho Heverton Cali pelo tempo que o deixei órfão, momento que tive de ser egoísta e pensar primeiramente em mim, mas quero que ele tenha certeza que vamos recuperar o tempo que passou.

Minha gratidão à professora e orientadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz que me indicou o caminho e me incentivou desde o planejamento de minha pesquisa, bem como na construção de minha escrita. Seu auxílio foi fundamental no desenvolvimento e conclusão do meu trabalho. Deixo registrada minha afeição e admiração.

Um especial agradecimento ao professor Pedro Vilarinho Castelo Branco e para a professora Elizangela Barbosa Cardoso que, ao participarem da banca de qualificação, forneceram contribuições valiosas para meu trabalho. Agradeço também aos demais docentes do Programa de Pós-graduação em História do Brasil, ao coordenador Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento e também à equipe técnica do Mestrado, muito bem representada por D. Eliete, a quem eu agradeço pelos esclarecimentos e pela sua confiança.

Aos meus colegas do curso de Mestrado em História do Brasil, desejo sorte e sucesso. Que esse seja mais um passo em direção aos nossos sonhos.

Ao meu amigo Thiago Silveira, meu grande agradecimento pelas inúmeras vezes que leu e pontuou as discordâncias de minha escrita e me estimulou a prosseguir quando percebia meu cansaço. Ao meu eterno professor José de Arimatéa, que ficou ao meu lado durante todo

o processo seletivo do mestrado. Ao mestrando Ronyere Ferreira da Silva, que em poucos dias organizou meu trabalho e me transmitiu confiança.

Agradeço ao carinho do Francisco Souza que está ao meu lado e que com sua calma me deu a tranquilidade necessária para a conclusão da pesquisa, principalmente por sua sobriedade que me fez refletir a necessidade de ir até o final.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da presente pesquisa, bem como agradecer ainda as demais instituições que tiveram papel fundamental em minha pesquisa documental: Arquivo Público do Piauí, Universidade Federal do Piauí, Tribunal de Justiça do Ceará, Memorial Clóvis Bevilacqua e aos seus funcionários que permitiram minha pesquisa.

Na ausência de palavras que demonstrem com clareza toda a minha gratidão, deixo registrado meu obrigado por tudo e a todos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de Clóvis e Amélia Bevilaqua na sociedade brasileira, nos meados do século XIX e início do século XX. Para tanto, a investigação dá conta da vida pública e privada do casal, desde a solteirice até a vida a dois, priorizando a história social e intelectual. Disso a narrativa desdobra-se para tratar dos sentimentos, da união matrimonial e das relações de poder que se estabeleceram no mundo das letras no final do século XIX e início do século XX, tendo em vista o espaço ocupado pelo casal cujas produções foram divulgadas em âmbito nacional. Desse modo, ao construir uma história deste casal, este trabalho também permite vislumbrar o universo sociofamiliar da elite intelectual brasileira. Para tanto, este trabalho privilegia, de um lado, a pesquisa bibliográfica, pois a partir desta é possível conhecer o contexto histórico em que os sujeitos em análise estão inseridos e, de outro, a pesquisa documental, por meio do estudo e análise de uma vasta documentação privada encontrada em acervos físicos no Piauí e Ceará, bem como em acervos virtuais.

Palavras-chaves: Família. Casamento. Clovis. Amélia.

ABSTRACT

This work aims to analyze the trajectory of Clovis and Amélia Bevilaqua in Brazilian society, in the mid-nineteenth century and early twentieth century. Therefore, the research discusses about the public and private life of the couple, from bachelorhood to life together, prioritizing the social and intellectual history. That the narrative unfolds to deal with the feelings of the marital union and power relations that were established in the world of letters in the late nineteenth century and early twentieth century, in view of the space occupied by the couple whose productions were released in nationwide. Thus, to build a history of this couple, this work also provides a glimpse of the universe family member of the Brazilian intellectual elite. Therefore, this work focuses on the one hand, the bibliographic research, because from this it is possible to know the historical context in which the subjects in question are inserted and on the other, the documentary research, through the study and analysis of a vast private documents found in physical collections in Piauí and Ceará, as well as virtual collections.

Key-words: Family. Wedding. Clóvis. Amélia.

*É mais fácil cultivar os mortos que os vivos
É mais fácil viver de sombras do que de sóis
É mais fácil mimeografar o passado
Que imprimir o futuro.*

(Zeca Baleiro)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: D. Tereza Carolina.....	30
FIGURA 2: Dr. José Manoel de Freitas	30
FIGURA 3: Ângelo Bevilaqua e a brasileira Luiza Gaspar de Oliveira, avós de Clóvis.....	43
FIGURA 4: Padre José Bevilaqua	45
FIGURA 5: Padre José Bevilaqua	46
FIGURA 6: Martiniana, ao lado de Clóvis Bevilaqua, aos oito anos de idade	47
FIGURA 7: Casal Clóvis e Amélia	55
FIGURA 8: Frente do comunicado do casamento de Amélia e Clóvis.....	72
FIGURA 9: Comunicado do casamento de Amélia e Clóvis	73
FIGURA 10: Encontro com amigos e intelectuais na residência do casal, no Rio de Janeiro .	81
FIGURA 11: Momento da família reunida na residência do casal Bevilaqua	82
FIGURA 12: Casal Bevilaqua	83
FIGURA 13: Foto de Amélia e Clóvis em Niterói (RJ), outubro de 1931.....	83
FIGURA 14: Amélia e Clóvis com as filhas Vitória e Vilela	84
FIGURA 15: O casal e as netas Vitória, ao lado do avô, e Vellêda ao lado da avó.....	84
FIGURA 16: Clóvis e Amélia com filhas e neta	85
FIGURA 17: Clóvis e Amélia	85
FIGURA 18: Dóris, Florisa, Clóvis (atrás), Vitória, Vellêda e Amélia (na frente)	86
FIGURA 19: O Professor Clóvis Bevilaqua	98
FIGURA 20: Professor Clóvis Bevilaqua usando veste talar.....	98
FIGURA 21: O casal na juventude nos primeiros anos de casamento.....	113
FIGURA 22: O casal no final da década de 1930	114
FIGURA 23: Clóvis Bevilaqua recebendo a comprovação da inscrição de seu nome no livro do mérito.....	118
FIGURA 24: O jurista Clóvis Bevilaqua.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FAMÍLIAS E CASAMENTOS NO BRASIL	25
1.1 Tipos de famílias, modos de casar	26
1.2 Família Freitas	29
1.3 Família Bevilaqua	42
2 NAMORAR, NOIVAR, CASAR	55
2.1 Namoro de perto, namoro de longe	63
2.2 Enfim sós! A vida de um casal	74
3 NO MUNDO DA CULTURA ESCRITA	88
3.1 A escrita de Amélia Bevilaqua	89
3.2 Clóvis Bevilaqua e o <i>Código Civil</i>	95
3.3 A candidatura de Amélia à Academia Brasileira de Letras	100
4 ATÉ QUE O A MORTE OS SEPARE	110
4.1 Envelhecimento e doença	112
4.2 O testamento de Clovis Bevilaqua	118
4.3 O reconhecimento dos contemporâneos	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Juro por quanto há nobre e grande, por tudo que eu amo e venero, pela honra, pela virtude, pelas crenças que se aninham em minha fronte, pela fé que me afervora a alma, por minha dignidade de homem, por tudo que possa acordar em mim um sentimento elevado, puro que te adoro, que te idolatro, que és o meu mundo e a minha glória, minha ambição e o alvo de meus anelos, juro que jamais se apagará em meu seio este ardor que me é alento e vida, mesmo se, por crudelíssima fatalidade, o destino me apartasse de ti para sempre.

Feliz serei se acreditares na verdade do que deixo escrito e que sempre, viva ou morta, me possuirás a alma de tal forma que eu jamais saberei se no mundo há outra mulher.

(Clóvis Bevilaqua)

As palavras reproduzidas acima são composições de uma carta de amor, onde a escrita eternizou o sentimento que Clóvis Bevilaqua dirigiu à companheira que amava, Amélia Bevilaqua. Neste sentido, ao observarmos tais palavras, somos induzidos a perceber que a idealização do amor, no transcorrer do tempo, faz parte das diferentes relações cotidianas e são adquiridas culturalmente, que se concebe a partir de ligações afetivas ou simplesmente se concretizaram motivadas pela admiração, afinidades e ideais. O certo é que a comunicação estabelecida através da escrita nos deu um eixo de estudo e análise que nos levou ou até mesmo nos aproximou da história social de um determinado espaço, lugar e tempo, para nós os anos que permearam o fim do século XIX e início do século XX.

Em referência a este estudo, fizemos a análise e discorremos sobre a história da família brasileira e as relações que circulavam em meio ao mundo intelectual vivido, no caso desse estudo, pela família que se formou a partir dos laços matrimoniais entre Amélia Carolina de Freitas e Clóvis Bevilaqua. Ambos eram membros de famílias nordestinas, sendo Amélia uma piauiense nascida na segunda metade do século XIX e que, com sua escrita, tornou-se detentora de uma produção literária, colaborando com sua escrita no que tange a pensar sobre a sociedade em um período que os espaços públicos eram exclusivamente masculinos. Ao seu lado estava o jurista e escritor Clóvis Bevilaqua, seu esposo e companheiro de produção, a quem ela chamava carinhosamente de Mestre. Foi homem das

letras e da justiça que se destacou na sociedade brasileira como membro de uma elite política e intelectual. Ocupou posição privilegiada no campo jurídico ao redigir o *Código Civil Brasileiro* no ano de 1916¹, mas antes disso já era reconhecido por seus trabalhos como professor, crítico literário e autor de livros de direito, filosofia e história.

Somado a este propósito, buscamos perceber o passado a partir das relações que foram baseadas em sentimentos que ligaram vidas. Sabemos que não é tarefa fácil estudar um passado recuado, um olhar ou ação que não vai ser captada, mas sabemos que são alguns dos obstáculos que o historiador encontra em seu caminho quando precisa exercer seu ofício. Daí necessitarmos lançar múltiplos olhares no que seriam os fios condutores dessa ligação com o passado. As fontes nos falam de nosso objeto de estudo e nos conduzem à percepção de determinado tema, e a partir disso nos ajudam a apreender e narrar uma história.

Considerando o que foi mencionado, foi imprescindível conhecermos mais sobre as famílias Beviláqua e Freitas, conhecimento que nos foi proporcionado através das correspondências e documentos ligados a essas duas famílias. Entendemos que ao nos aproximarmos dessa correspondência e documentação – cartas pessoais e profissionais, bilhetes, convites, telegramas, ofícios, inventários e testamento –, estamos como que tocando o passado. As fontes são o fio condutor real de uma história, fato ou simplesmente um momento que foi marcado e eternizado por essa escrita, no levando a ter a sensação de poder alcançar o subjetivo através dessas páginas escritas.

As correspondências ligadas à família Beviláqua nos possibilitaram também conhecer uma parte da sociedade brasileira, letrada ou não, profissionais, políticos, poetas, escritores, intelectuais que usavam sua escrita não somente para a produção intelectual ou literária, mas também para compartilhar suas dúvidas, apresentar opiniões a respeito de um determinado fato e partilhar seus conhecimentos. Relacionadas a isso, temos outras fontes que nos permitem compreender o percurso e reconhecimento do casal como membros de instituições importantes que contribuíram para a história social brasileira. São conferências, discursos e homenagens escritas que foram registradas em correspondências da época.

Desse modo, todas essas fontes nos ajudam a perceber que, ao longo da trajetória profissional e intelectual do casal, particularmente de Clóvis – que além de ser um requisitado jurista, foi nomeado em 1906 como consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores – havia um número grande de escritos, em especial correspondências, meio de comunicação mais comum da sociedade letrada da época. Clóvis e Amélia utilizaram as correspondências

¹ Ano que oficialmente passou a vigorar o *Código Civil Brasileiro*, concluído por Clóvis Beviláqua no ano de 1899.

durante muitos anos como forma oficial de confraternizar com seus próximos e também compartilharem apontamentos sobre suas escritas e seus diferentes trabalhos.

Partimos da justificativa de que a produção historiográfica vem nas últimas décadas voltando seu olhar também para os estudos biográficos, que retomam seu lugar na escrita dos historiadores. Estes, ao refletirem sobre a possibilidade de escrever sobre o indivíduo no seu singular, em suas particularidades, perceberam que a formação dessa escrita se constituía a partir do convívio desse indivíduo com a sociedade, com o contexto social e o universo de ações e sentimentos que o envolvia dentro dessas relações sociais. Daí a importância dos trabalhos biográficos, pois conduzem para uma escrita particular e também íntima de determinado sujeito. Com relação à pesquisa, inicialmente localizamos trabalhos que permitiram proximidade com o casal, biografias escritas por pessoas próximas da família e também pessoas que conviveram profissionalmente com eles, e sequencialmente estudiosos e pesquisadores que através de fontes primárias fornecidas por seus descendentes apreenderam também a história dessa família.

As principais obras que alicerçaram este estudo foram biografias como: *Clóvis Bevilaqua: sua vida, sua obra*², trabalho escrito por Silvio Meira, cuja narrativa percorre desde a chegada dos ascendentes de Clóvis no Brasil até seus últimos dias de vida; *Provocações e debates*³, de Silvio Romero, que dedica algumas páginas para falar de Amélia Bevilaqua como escritora e esposa; *Clóvis Bevilaqua: sesquicentenário de nascimento (1859 – 2009)*⁴, de Aloysio Picanço, que usa cartas particulares de Clóvis para o avô Melchiades Picanço; *Clóvis Bevilaqua na intimidade*⁵, escrito pela filha de um dos mais próximos amigos de Clóvis, o desembargador Carlos Xavier Paes Barreto, a escritora Noemia Paes Barreto Brandão, que também frequentou a casa do casal e cultivou amizade com as filhas de Clóvis e Amélia, Floriza e Doris; *Memória indiscreta*⁶, livro do repórter Hildon Rocha, que reúne entrevistas de políticos, artistas e em particular do intelectual Clóvis Bevilaqua; da mesma importância temos a escrita de Clodoaldo Freitas, obra biográfica intitulada *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*⁷, que traz entre os biografados o pai e o irmão de Amélia Bevilaqua.

² MEIRA, Silvio. *Clóvis Bevilaqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990.

³ ROMERO, Silvio. *Provocações e debates*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1908.

⁴ PICANÇO, Aloysio. *Clóvis Bevilaqua: sesquicentenário de nascimento (1859–2009)*. Niterói: Editora Alternativa, 2009.

⁵ BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clóvis Bevilaqua na intimidade*. Rio de Janeiro: Editora Editorama, 2008.

⁶ ROCHA, Hildon. *Memória indiscreta: de Getúlio, Juscelino, Prestes, etc. a Drummond, Vinícius, Bethânia, etc.* Rio de Janeiro. Ed. Francisco Alves, 1981.

⁷ FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

Mary Del Priore⁸, ao discorrer a respeito da escrita biográfica, afirma que nos anos 80, inúmeros debates ocorreram entre historiadores e sociólogos a respeito de como a história biográfica daria a possibilidade de um novo fazer histórico. O debate incidiu sobre questões referentes aos limites entre uma narrativa biográfica e a escrita da história, onde essa narrativa possibilita falar sobre atuações individuais que de uma forma pública ou particular deram uma essência para a sociedade de sua época. Assim, historiadores e sociólogos foram instigados a pensar em novas formas de escrever a história da vida de um indivíduo, e o estudo da biografia agregou-se à história social, oferecendo aos indivíduos históricos, assim, um valor distinto.

Nessa nova perspectiva, a biografia histórica não tinha como objetivo fazer somente a história dos grandes nomes, de mostrar pessoas fortes que se destacaram em meio às grandes revoluções, pessoas que não demonstravam suas fraquezas e seus defeitos diante de seus problemas, mas de examinar, segundo Priore:

Os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época. A biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Ele ou eles não eram mais apresentados como heróis, na encruzilhada de fatos, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais tangível a significação histórica geral de uma vida individual.⁹

Através da biografia é possível analisar a vida de homens e de mulheres que fizeram parte de um determinado contexto histórico em suas peculiaridades e características próprias. Neste sentido, a biografia lança luz sobre o porquê das ações de determinados indivíduos em um contexto social e, ainda, sobre os motivos que os induziram a agir, ou melhor, o que serviu como pano de fundo para que essas ações fossem concretizadas.

Essas percepções fizeram a historiografia conhecer, nas últimas décadas, inúmeros trabalhos de historiadores dedicados a usar sua escrita para narrativa, e para o estudo de trajetórias de indivíduos que tiveram suas vidas dedicadas a novos ideais e por isso escreveram seus nomes na história do Brasil. Esse trabalho biográfico nem sempre é produzido sem fardo, pois o biógrafo “se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com

⁸ PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009.

⁹ PRIORE, 2009, p. 9.

lacunas documentais”¹⁰ e escassez de fontes. O historiador que se propõe a analisar aspectos particulares deve ter a astúcia necessária para ligar fatos, ações e contextos, pois somente dessa forma, haverá uma maior compreensão do homem ou mulher analisados.

Através da biografia podemos descobrir diferentes aspectos relativos ao cotidiano do indivíduo pesquisado. Segundo Michelle Perrot¹¹, ao analisarmos uma mulher, podemos descobrir aspectos relacionados ao cotidiano das demais mulheres, especialmente no que se refere ao corpo e à forma como ele era visto. No geral, de acordo ainda com Perrot, as mulheres eram relegadas à subjugação: quando solteiras, eram vigiadas pelos seus pais e irmãos os quais definiam que a virgindade além de ser um tabu, era o bem mais precioso de uma mulher; posteriormente, quando casadas, sofriam com o jugo masculino, que impunha ordens diversas, bem como o uso de violências para satisfazer as necessidades de seu marido. Havia também mulheres que sofriam diversos tipos de assédio masculino e que eram violentadas sexualmente. Neste sentido, vale ressaltar que a sociedade era cruel, desmoralizava aquelas mulheres que perdiam a virgindade por causa da crueldade masculina, enquanto o homem saía ileso. As mulheres que eram vitimadas sofriam diferentes tipos de discriminação, fato que ocasionava a prostituição, já que tiveram suas vidas arruinadas por homens cruéis e por uma sociedade patriarcal.

A sociedade demarcava o lugar da mulher através de diferentes estereótipos e a Igreja, com seus discursos, ajudava a legitimar que o papel social da mulher devia ser casada e, posteriormente, reprimida pelos preceitos e imposições masculinas. Havia dentro dessa demarcação mulheres solteiras e com idade já avançada, as quais eram ainda mais excluídas, pois não teriam um casamento que pudesse pelo menos minimizar o desprezo e a rejeição que sofriam. Analisando esse ponto, é possível visualizarmos que o casamento, mesmo aqueles que não eram realizados por amor, legitimavam o papel da mulher, ou seja, ao lado do marido, e excluía aquelas que sofriam abusos e estavam impossibilitadas pelas circunstâncias de serem possíveis pretendentes ao casório. Estas muitas vezes acabavam se prostituindo, o que as tornavam mais relegadas e à mercê de todos os tipos de estereótipos.

No entanto, a mulher casada também era alvo de rótulos se não seguisse o padrão da época: subjugação total aos preceitos e imposições masculinas. No entanto, algumas mulheres que se casavam conseguiam, através do enlace matrimonial, formas de expressar seus desejos e se destacar por sua proeminência no meio social dominado pelas imposições dos homens.

¹⁰ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

¹¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 42.

Dessa maneira, tais mulheres que conseguiram se destacar no seu meio formularam trajetórias e táticas em um ambiente de imposições já prescritas e formularam, como pontua Michel de Certeau, “[...] astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem”¹².

Amélia Bevilaqua destaca-se justamente porque, através de sua trajetória, conseguiu formular estratégias que pudessem lhe garantir, no meio social prescrito pela sintaxe masculina, um lugar onde conseguiu ser percebida com um próprio distinto. Tal estratégia deu origem a táticas que puderam viabilizar proveitos, expansões em face de circunstâncias contraditórias.

[...] a tática depende do tempo, vigiando, para captar no voo possibilidades de ganho. O que ela ganha não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em ‘ocasiões’. Sem cessar, o fraco deve tirar partido das forças que lhes são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...] mas a sua sintaxe intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão e maneira de aproveitar a ‘ocasião’.¹³

Neste ponto, Certeau explicita bem aquilo que determinados indivíduos fazem frente às circunstâncias adversas: formular trajetória, imersa em estratégias e táticas que os possibilitem romper o laço de dominação e, neste sentido, conseguir, através das ocasiões, demonstrar distintas formas de jogar no ambiente em que estão situados. Amélia casou-se com Clóvis. Ambos casaram-se por amor. A união propiciou liberdade para Amélia, no sentido de expressão, de tornar-se uma exterioridade distinta, pois como já destacamos, as décadas iniciais do século XX ainda eram demarcadas por espaços e dizeres masculinos sobre as condutas e comportamentos femininos. Neste período também as mulheres já buscavam maior espaço para poder atuar, não como coadjuvantes, mais como atrizes principais de suas histórias, de seus desejos, ou seja, de sua realidade.

As mulheres intelectuais também sofriam discriminação, pois em um meio demarcado pelo masculino, havia pouco espaço para o brilho e atuação feminina. Entretanto, aquelas mulheres que conseguiram aproveitar com astúcia as ocasiões, puderam fazer e constituir sua história, fazendo parte do rol de mulheres que lutaram a favor de maior expressividade em diferentes segmentos sociais, até então demarcados por um único sexo.

Aquelas mulheres que faziam um casamento não para juntar fortunas, mas por amor de ambos, tinham além da ocasião a seu favor, sorte, pois naquele mundo onde as relações

¹² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 45.

¹³ CERTEAU, 2008, p. 46.

sociais de interesses políticos, econômicos demarcavam um espaço muito forte, o amor e os sentimentos individuais por vezes eram deixados de lado em nome da família, do dinheiro e do poder.

Michelle Perrot afirma que as mulheres em diversas ocasiões foram vítimas de estereótipos diversos: hereges, feiticeiras, prostitutas, santas, leitoras ou artistas. Para cada tipo de denominação conferido às mulheres fazia-se um tipo de repressão, na maioria das vezes negativa, principalmente quando não se enquadravam no padrão valorizado pela sociedade masculina e delimitadora do espaço de atuação de ambos os sexos: o homem no poder; a mulher na subjugação. Deste constante discurso de subjugação, muitas mulheres incorporaram a ideia de que sua existência era privada. Todavia, é necessário deixar claro que, “o status de vítima não resume o papel das mulheres na história, que sabem resistir, existir, construir seus poderes”¹⁴.

Nas tramas da história, as mulheres que se vitimaram também merecem nossos olhares, pois por trás dessa conduta, havia o medo de castigos físicos e agressões morais. Contudo, aquelas mulheres que não aguentavam mais as imposições conseguiram, através dos espaços, deixar vestígios de suas ações cotidianas em prol de melhorias de suas vidas e expressão de seus desejos por uma sociedade onde a imposição simbólica de valores masculinos fosse amenizada em detrimento de novas possibilidades de atuação para ambos os sexos. Neste sentido, concordamos com Perrot quando afirma que estudar a história das mulheres “não é um meio de reparação, mas desejo de compreensão, de inteligibilidade global”¹⁵. Cada temporalidade impõe formas de relacionamentos entre os indivíduos, de modo que não devemos estudar as mulheres levando em consideração o maniqueísmo, mas sua especificidade, de lutas, de novos desejos, de novas formas de subjugação e consequentemente, maneiras e astúcias que são desenvolvidas para burlar o sistema de imposições.

A história das mulheres deve ser vista através da historicidade, seja das ações cotidianas, seja das relações entre os sexos, elementos que devem ser universais, “[...] nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir outra leitura possível”¹⁶. Dessa forma, ao analisarmos as fontes referentes à Amélia e ao jogo das inter-relações que existia naquele período, devemos fazê-lo tentando

¹⁴ PERROT, 2007, p. 193.

¹⁵ PERROT, 2007, p. 166.

¹⁶ PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7>>. Acesso: 10 ago. 2016.

identificar novas interpretações e novas leituras, para que possamos compreender o que, por detrás daquele discurso, é possível descobrir. Nicolau Sevcenko, ao refletir sobre as análises históricas, deixa claro que o pesquisador, ao ler um documento, deve tomar cuidado com o tipo de interpretação que fará com relação às palavras e aos discursos da época, além de enfatizar a necessidade de levarmos em consideração a especificidade da realidade que estamos estudando. Somente desse modo, as diferentes interpretações que um documento pode fornecer constituirão características importantes de uma realidade histórica¹⁷.

Ao trabalharmos com os discursos tecidos por Amélia no limiar do século XX, devemos, como aponta Sevcenko, levar em consideração a realidade histórica na qual foram produzidos. Neste sentido, ao nos depararmos com os escritos da época, encontramos uma característica bastante peculiar e que nos fornece dados relevantes sobre o objeto pesquisado: as cartas, telegramas, cartões e bilhetes deixados por Amélia são reveladores de práticas existentes no cotidiano, das representações e as múltiplas sociabilidades do mundo feminino. Contudo, para verificação destas fontes faz-se necessário termos um embasamento teórico acerca da utilização, procedimentos, métodos e técnicas que devemos possuir, justamente porque através do aporte e fundamentos teóricos poderemos descobrir uma gama variada de elementos que nos remetam a desvendarmos e compreendermos fatos da época pesquisada.

Convém pontuar que nos arquivos qualquer tipo de fonte que nos possa remeter a uma característica da temporalidade pesquisada torna-se algo que merece ser analisado, desde as fontes mais formais, tais como as obras literárias, até fontes mais informais, como bilhetes e cartas que nos fornecem características extremamente válidas de serem refletidas. Cartas, bilhetes e as correspondências em geral, além de ser um importante veículo revelador de representações sociais do período estudado, nos fornecem também elementos acerca dos sentimentos, das emoções dos indivíduos que escrevem. Olhando por esse viés, a riqueza deste tipo de fonte se encontra nos detalhes, uma vez que podem levar a fatos antes visíveis somente nas obras.

Em correspondências é muito comum que determinados fatos do dia a dia sejam tratados de uma forma especial: angústias, sofrimentos, alegrias, espantos. Toda essa gama de informações ajuda a compor a compreensão de um dado período e, principalmente, revelam aspectos psicológicos da sociedade, em especial do indivíduo que escreve. Amélia destaca-se neste quesito, pois nos oferece correspondências que nos aproximam de dados extremamente válidos sobre a temporalidade na qual vivera: as opressões, tristezas, alegrias e saudades

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

retratadas com singeleza nos detalhes, o que torna mais rica a análise das correspondências desta literata. Ligando a pesquisa que realizamos no memorial Clóvis Bevilaqua¹⁸, a esse mundo pessoal das correspondências, encontramos cartas, bilhetes, cartões postais enviados e recebidos por Amélia e Clóvis Bevilaqua a seus familiares e amigos, bem como às instituições relacionadas à vida pública do casal.

De posse desse material, nos deparamos por vezes com a escrita compartilhada pelo casal nessas correspondências, prática repetida em alguns de seus trabalhos. Além disso, tivemos acesso às cartas e outros escritos trocados entre ambos, ainda antes do casamento, enriquecendo o estudo aqui realizado. Porém, no que se refere às cartas enviadas por Clóvis para sua amada antes do casamento temos um número reduzido, por que Clóvis se desfazia dessas cartas e pedia para Amélia fazer o mesmo. Era uma forma de preservar a imagem da futura esposa.

Tais aspectos foram importantes, pois nos dão um aparato geral daquilo que encontramos nos arquivos da família Bevilaqua ligados às correspondências. Infelizmente, sabemos que muitas cartas, bilhetes, cartões e outros documentos não foram preservados, mas sem prejuízo para nossa pesquisa graças ao cuidado de instituições como o Tribunal de Justiça do Ceará e o Memorial Clóvis Bevilaqua, este último fundado na cidade natal do jurista, Viçosa, Estado do Ceará, bem como o que foi doado pelos familiares aos amigos de Clóvis, que além da conservação fizeram o uso dessas fontes para produção de uma escrita rica em informações sobre o jurista.

A interpretação das fontes também é um fato que requer atenção. Ora, lidamos com um documento escrito em uma temporalidade específica, logo vemos que a linguagem é diferenciada e as palavras possuem significados por vezes não compreensíveis, havendo necessidade de uma pesquisa para a identificação de seus significados no contexto de produção da escrita. Além disso, devemos lembrar que o documento em si não é neutro, pois possui as marcas da temporalidade em que foi escrito. Seguindo essa premissa, é vital também que o pesquisador já tenha ideias e questionamentos específicos às fontes, pois de nada adianta ter uma gama de dados de um período, se não são feitos os questionamentos necessários que, além de facilitar na busca de informações, agilizam o processo de pesquisa.

Em vista disso, entendemos que as fontes relativas à Amélia Bevilaqua e suas diferentes relações cotidianas nos fornecem inúmeras possibilidades de estudar tanto a

¹⁸ Objetivando elevar e cultivar as ações do jurista Clóvis Bevilaqua, o Tribunal de Justiça do Ceará adquiriu o que restou da documentação guardada pela família a respeito da vida jurídica e pessoal de Clóvis Bevilaqua e para conservá-las foi inaugurado o Memorial Clóvis Bevilaqua no Estado do Ceará.

escritora, bem como o seu esposo Clóvis Bevilaqua, justamente porque nos induzem a constantes reflexões sobre o período que viviam. Dessa forma, como material de análise para a produção da dissertação nos possibilita duas perspectivas: visitar um universo intelectual nacional através das produções escritas de ambos e analisar a estrutura familiar do Brasil do final do século XIX ao início do século XX, tendo em vista que o casal fornece elementos para entendermos como um segmento social diferenciado pode representar uma classe de intelectuais questionadores e propostos a mudar a situação vigente, seja através de suas condutas e relações sociais, ou ainda, através de seus escritos.

Encontramos boa parte da produção literária de Amélia Bevilaqua datada entre 1880¹⁹ – alguns escritos ainda assinados com o nome de solteira, Amélia Carolina de Freitas – a 1940, ano da produção de seu último livro intitulado *Jornadas pela infância*,²⁰ que retrata uma parte das suas memórias, produzido na cidade do Rio de Janeiro, palco de seus últimos anos de vida.

Analisamos alguns de seus livros²¹ com o intuito de percebermos em sua escrita o seu olhar sobre a mulher na sociedade brasileira do início do século XX. Ao longo do nosso estudo nos deparamos com várias lacunas que mereciam ser preenchidas, pois não conhecíamos o caminho percorrido por essa mulher escritora, seus ideais, sua vida. O pouco que conhecíamos era que a seu lado existia a figura culta de seu esposo Clóvis Bevilaqua, que testemunhou e dividiu sua escrita e ideias com sua esposa, bem como alcançou reconhecimento como um dos mais renomados escritores, políticos e intelectuais do Brasil.

Ao partimos em busca de respostas a respeito do nosso objeto, nos deparamos com inúmeras possibilidades de pesquisas, inicialmente nos apoiamos em biografias, textos, livros a respeito da escritora ou sobre seus trabalhos, porém não encontramos informações suficientes, o que nos aproximou de outros caminhos que deveríamos seguir para alcançar nossos objetivos.

Procuramos então nos apropriar das fontes hemerográficas e impressos produzidos no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Fazem parte dessa seleção artigos escritos pelo casal e também trabalhos que fazem referência aos nomes da literata e do jurista

¹⁹ Antes de produzir seus primeiros livros, Amélia ensaiava versos, poemas e alguns contos. Esses manuscritos foram preservados pela família, porém não foram impressos e a maioria não foram intitulados pela escritora, adquirimos esses escritos que falam sobre viagens, animais, amor e outros temas, a exemplo temos *Triollets* (1884), *Folhas caídas* (1884).

²⁰ BEVILÁQUA, Amélia. *Jornada pela infância*: memórias. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940.

²¹ *Através da vida* (1906), *Açucena* (1921), *Impressões* (1929), *Divagações sobre a consciência* (1931), *Jornada pela infância* (1940).

divulgados em impressos, periódicos e jornais do Piauí²², Maranhão²³, Pernambuco²⁴, Rio de Janeiro²⁵, bem como livros produzidos por literatos e intelectuais próximos do casal. Foi graças à existência dessa produção literária e à divulgação de seus trabalhos por meios de jornais, revistas, almanaques que podemos analisar e identificar um tipo de escrita caracterizada ora por um tom profissional²⁶, ora por uma escrita mais particular²⁷. Dessa forma, tendo em vista as múltiplas facetas da escrita do casal relacionadas às correspondências, decidimos voltar nosso olhar para os escritos que estavam relacionados à vida intelectual e familiar, mas não descartando a possibilidade do uso das fontes relacionadas às suas carreiras profissionais.

Parte da análise das correspondências foi possível graças ao encontro com o escritor José Luís Araújo Lira²⁸, organizador do livro *De Clóvis para Amélia: correspondência inédita do jurista Clóvis Bevilaqua para Amélia de Freitas*²⁹, bem como cuidador de doze cartas do casal. Somando-se a isso, temos também um conjunto de cartas de familiares e amigos, cartões recebidos pelo casal em datas comemorativas³⁰, convites de instituições³¹ e telegramas³², resultado de pesquisa no acervo do Tribunal de Justiça do Ceará, onde se encontra o Acervo Clóvis Bevilaqua, composto por escritos particulares dos Bevilaqua cedidos pelas herdeiras do casal.

²² Revista *Litericultura* (1912, 1913), *Revista da Academia Piauiense de Letras* (1918-).

²³ *Jornal O Brasil* (1907, 1908), *A Inúbia* (1904).

²⁴ *Jornal A Pilheria* (1913), *Diário de Pernambuco* (1922), *O Lírio* (1902, 1903, 1904).

²⁵ *Almanaque Garnier* (1902, 1904, 1907-), *Atualidade* (1890; 1894).

²⁶ Momento que sua escrita estava relacionada ao projeto jurídico onde discutia sobre o Código Civil Nacional ou cartas que falavam a respeito de pareceres, processos analisados por ele, bem como, análises de trabalhos literários e produções intelectuais que lhe era solicitado.

²⁷ Para trilharmos uma discussão a respeito da vida do casal Bevilaqua foi essencial para nosso trabalho a correspondência particular da família dentre essas cartas dos pais, irmãos e parentes.

²⁸ Doutor em Direito pela Universidade Nacional de Lomas de Zamora (Argentina). Advogado, Professor efetivo do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Hagiologia – ABRHAGI e, igualmente fundador, da Academia Fortalezaense de Letras e da Academia Cearense de Hagiologia; membro da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará, da Academia Camucinenses de Letras, da Academia Sobralense de Estudos e Letras.

²⁹ Após uma negociação com as herdeiras do casal Bevilaqua, o professor José Luís Lira adquiriu e publicou as cartas do casal que estavam aos cuidados de Cecília Bevilaqua, bisneta do casal.

³⁰ Encontramos correspondências de datas comemorativas como aniversário do casal e das filhas eram lembrados por parentes, amigos e por algumas instituições como Instituto Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras.

³¹ Através de uma série de telegramas e cartões postais o casal era lembrado no mundo das letras pelas instituições e convidados para inaugurações, solenidade de posse e aniversário dessas instituições principalmente Clóvis pelo cargo que ocupava de juriconsulto do Brasil.

³² Uma variedade de telegramas encontrados em nossa pesquisa confirmou mais uma vez o prestígio que o casal tinha nos espaços intelectuais e jurídicos, mas o que nos chamou atenção é a ligação política que existia entre o casal e alguns políticos daquele período, como os presidentes: Campos Sales que foi presidente do Brasil de 1902 a 1906, Rodrigues Alves presidiu o Brasil de 1906 a 1916, Epitácio Pessoa foi presidente entre 1916 e 1918 e Getúlio Vargas que presidiu de 1930 a 1945.

Além disso, o trabalho também foi construído a partir do estudo dessa rede de comunicação que se estabeleceu a partir dessas correspondências de meados de 1882 a 1943, e a análise desses documentos incide principalmente sobre a vida intelectual e sobre momentos íntimos do casal Bevilaqua. A escolha desse recorte corresponde à data da primeira carta que encontramos até a última. Entretanto, alguns recuos e avanços podem e devem ser feitos, no sentido que possibilitam a apreensão das singularidades das famílias dos cônjuges, bem como a união que se estabeleceu entre os Freitas e os Beviláqua.

Nesse sentido, dividimos a dissertação em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “Famílias e casamento no Brasil”, apresentamos o objeto de estudo e discorreremos sobre a vida de Clóvis e Amélia. Discorreremos ainda sobre a família no Brasil entre os meados do século XIX e início do século XX a partir da história da família Freitas, da escritora Amélia Bevilaqua, e a família Beviláqua, do jurista Clóvis Bevilaqua. Assim, descrevemos traços da existência do casal ainda em suas cidades natal, no berço de suas famílias e nas primeiras expressões do uso da escrita em decorrência de uma formação diferenciada.

O segundo capítulo, nomeado por “Namorar, noivar, casar”, mostra como se deu a união do casal Bevilaqua e tem como objetivo percorrer a história de amor vivida pelo jovem casal, a ligação que foi eternizada pela admiração e respeito em um contexto social marcado ainda pela dominação patriarcal e de relações formadas a partir de interesses que envolviam vários sentimentos e ideais, mas que não julgava o amor e companheirismo como essenciais para a formação matrimonial.

Em “No mundo da cultura escrita”, terceiro capítulo deste trabalho, destacamos a vida intelectual dos Bevilaqua e como se estabeleceu o envolvimento dos seus nomes dentro das instituições nacionais que surgiam principalmente no início do século XX. Clóvis se destacando em meio às várias funções como jurista, filósofo, escritor, e Amélia se mostrando uma mulher intelectual, escritora e sendo reconhecida no mundo das letras como primeira representante feminina da Academia Piauiense de Letras no ano de 1918.

O último capítulo, “Até que a morte os separe”, analisa as questões relacionadas à morte, lançando olhar sobre o envelhecimento do casal, bem como os sentimentos que são expressos com a perda da vida e às condutas ligadas às cerimônias de despedidas após a morte, aos testamentos, inventários e homenagens que oficializavam a partida de alguém. O capítulo teve como alicerce para a escrita o acervo particular da família, composto principalmente por correspondências familiares e documentos ligados à morte do casal escritos por familiares, amigos e companheiros profissionais do casal, bem como pela

documentação judiciária³³ e ofícios³⁴. Assim, foi possível fazer uso dos escritos produzidos pelas herdeiras, parentes e amigos mais próximos de Amélia e Clóvis – esses escritos eram homenagens usadas como simbologia para a despedida – bem como os inventários da família e testamentos, que são “preciosos registros das últimas vontades de um indivíduo nos permitindo uma penetração nas crenças e nas visões de mundo do homem do passado”.³⁵ Tais fontes nos possibilitaram um maior conhecimento a respeito das particularidades das herdeiras do casal, como datas de nascimento e estado civil. Portanto, escritos que envolveram de alguma maneira o nome dessa família e sua história.

Dessa forma, através da biografia, apreendemos a história de duas famílias do século XIX, família Beviláqua, originária do Ceará, e a família Freitas, da província do Piauí, que compartilharam suas relações após a união matrimonial de Clóvis Bevilaqua e Amélia de Freitas. Assim lançamos nosso olhar para as convivências sociais desse grupo familiar, bem como para o contexto social em que estavam inseridos e que se relacionava com a formação intelectual brasileira. Portanto, como contadores dessa história traremos para perto os eventos do passado, impostos sobre diferenças entre a biografia e o romance, pois os fatos contados pela narrativa do historiador são atribuídos aos documentos e fontes e não à imaginação.

³³ Essa documentação judiciária são os documentos da família mais recente que estão ligados principalmente a divisões de bens e valores pensionais deixados pelos pais às filhas, bem como processos de pedido de pensão junto ao governo das netas e bisnetas de Clóvis.

³⁴ Os ofícios que temos em mãos fazem parte da documentação endereçada a Clóvis como autoridade judiciária com o objetivo de comunicar um fato ou realizar uma solicitação em caráter oficial.

³⁵ BARCELAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: BASSANEZÍ, C. P. (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 36.

1 FAMÍLIAS E CASAMENTOS NO BRASIL

Os estudos no Brasil sobre o papel da organização familiar nos permitem a pensar na organização da sociedade brasileira ao longo do tempo. No caso deste estudo, tomaremos como recorte de análise o período entre os meados do século XIX e início do século XX, do ponto de vista das configurações familiares, direcionando nosso olhar ao casamento e às relações que se constituem em volta e a partir dessa cerimônia.

Estudos recentes mostram que a família apresentava diferentes modelos durante esse período, variando de acordo com o local e, principalmente, conforme os grupos sociais e lugar econômico ocupado pelos sujeitos analisados. Assim, trabalhos como os de Gilberto Freyre em *Casa grande e senzala*¹, de Maria Beatriz Nizza da Silva em *Sistema de casamento no Brasil colonial*² e *Casamento e família em São Paulo colonial*³ de Alzira Lobo de Arruda Campos, forneceram para este trabalho informações fundamentais para o entendimento do casamento como instituição social que acompanha as mudanças sociais e espaciais transcorridas com o tempo.

Embora as obras citadas acima não tratem especificamente sobre o casamento nos séculos XIX ao XX, nos ajudam a compor a linha de pensamento que leva a responder às questões levantadas a respeito das relações que envolvem o casamento e nos aproxima da história social do Brasil, ao passo que trilhamos nosso caminho no sentido de construir uma história do casal Clóvis e Amélia, sem deixar de esboçar uma escrita a respeito das famílias às quais pertenciam, os Freitas e os Bevilaqua.

Nesse contexto, este capítulo encontra-se estruturado em três subtópicos que discutem sucessivamente: os tipos de famílias e modos de casar presentes no recorte temporal analisado; o perfil da Família Freitas e, por fim, o perfil da Família Bevilaqua. Desse modo, foi possível reconstruir o contexto em que Clóvis e Amélia se encontravam e o espaço ocupado por suas famílias na estrutura de poder estabelecida.

¹ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 23. ed. São Paulo: Editora Global, 2003.

² SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: Editora EDUSP, 1984.

³ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Casamento e família em São Paulo colonial*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

1.1 Tipos de famílias, modos de casar

A família brasileira que se apresentava no contexto social do século XIX, mais precisamente nas últimas décadas, é caracterizada por um modelo patriarcal, cercada de regras e moldada em conformidade com os costumes da época. Importante salientar que nesse período a noção de indivíduo enquanto sujeito autônomo capaz de viver em diferentes formas de agrupamento social não estava estabelecida, colocando a família como principal elo entre sujeito e organização social. A esse respeito, concordamos com Eni de Mesquita Samara⁴ quando conta que “nesse momento histórico, a noção de indivíduo, ainda não havia se enraizado, e o bem estar social significava antes de tudo o pertencimento a um grupo familiar. O vínculo familiar era, portanto como um valor indissolúvel”.

A família constituía-se em estrutura de poder que situava os diferentes integrantes do grupo em papéis a serem desempenhados de modo a manter a coesão da organização pré-estabelecida pelos padrões sociais vigentes no período. Tal fato não quer dizer que houvesse uma única forma de estrutura familiar, mas que, em geral, a definição dessa estrutura seguia padrões claramente definidos. Como definição de família, tomamos de empréstimo aquela trazida por Campos sendo:

[...] uma organização de vários indivíduos, constituída por uma descendência comum e destinada a conservar e a transmitir no tempo certos caracteres, disposições, habilidades e tipos de vida física, mental e moral. É uma unidade de pessoas vivendo em interação, procedente, por geração, de um tronco comum⁵.

Nesse sentido, compreendemos o conceito de família em uma perspectiva mais ampla e alargada, não se limitando ao núcleo marido, esposa e filhos. Levamos em consideração que a sociedade brasileira do fim do século XIX e início do século XX apresenta um nível de complexidade que seria incoerente limitar o olhar para a familiar nuclear. O próprio desenvolvimento desta pesquisa mostrou como o agrupamento familiar, mesmo se tratando de membro da elite tradicional, pode apresentar nuances que fogem aos padrões esperados e que engendram estratégias a serem construídas para conformar a situação real vivida às normas morais vigentes.

⁴ SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/53500/57500>>. Acesso em: 04 Out 2015.

⁵ CAMPOS, 2003, p. 240.

Ao estudar a família no Estado de São Paulo no período colonial, Campos pode identificar cinco tipos de família presentes na sociedade naquele momento: família nuclear; famílias complexas ou alargadas; individual; fratrias; e famílias múltiplas ou polinucleares. Tais tipologias são consideradas aqui uma permanência histórica que perdurou nos séculos seguintes. Isso quer dizer que, embora com novas nuances, no recorte temporal de análise desse trabalho é possível identificar a tipologia apresentada pela autora não apenas em São Paulo, mas em todo o Brasil.

Tendo em vista o caráter das famílias Freitas e Bevilaqua, consideramos relevante conceituar dois dos tipos apresentados por Campos, como segue:

1. *Família nuclear* (simples ou conjugal), compreendendo pai, mãe e filhos co-residentes, na classe completa, e apenas um dos cônjuges, nos lares truncados. A existência ou não da prole não foi considerada para efeito da classificação. Os enteados foram postos na situação de filhos, em respeito, aliás, às leis da época.
2. *Famílias complexas ou alargadas*, formadas pelas duplas conjugais, somadas a um a vários agregados. Não é o tamanho maior da família que a diferencia da nuclear; uma vez que um casal com prole numerosa poderia formar famílias com mais membros do que em muitos exemplos alargados. É o caso de uma viúva vivendo com um filho e um agregado (família complexa truncada), relativamente a um casal com dez filhos (família nuclear).⁶ [grifos da autora]

Tais tipos são encontrados na sociedade brasileira, não sendo possível definir em que medida um tipo de sobrepõe a outro. A constituição dos núcleos familiares segue trajetórias particulares definidas pelas ações dos indivíduos, particularizando cada caso, ao mesmo tempo em que é possível encontrar traços gerais que levam ao enquadramento das famílias estudadas e daquelas com que mantêm relações em um ou outro tipo.

Na sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX o casamento é posto como base da família, instrumento que dá coesão ao grupo e que pode se constituir a partir de diferentes critérios. Enquanto base da família, o casamento se mostrou como mecanismo para manutenção do status social, bem como para consolidar os interesses sociais, políticos e econômicos da elite brasileira.

O primeiro modo pelo qual evidenciamos a ocorrência do casamento é pela seleção biológica. Esse critério, trazido para a discussão por Campos, aponta para uma tentativa de formação das famílias a partir de dados como a etnia, a idade e a aparência física dos pretendentes ao casamento. O segundo modo que leva à constituição do casamento é pela seleção econômica. Este se sobrepõe ao anterior na medida em que o “processo de escolha do

⁶ CAMPOS, 2003, p. 247-8.

cônjuge funcionava, essencialmente, como um sistema de mercado”⁷. Nesse sentido, podemos falar de uma verdadeira capitalização do matrimônio a partir do dote, que servia essencialmente para, de um lado, atrair bons pretendentes e, de outro, para prover o casal da estabilidade financeira necessária para o início da vida conjugal. Por último, Campos destaca a constituição do casamento como modo de alcançar prestígio e poder. Nesse aspecto, destacam-se os casamentos realizados no quadro da elite brasileira unindo famílias tradicionais. Em certa medida, este terceiro modo de casamento engloba os dois anteriores congregando aspectos que são inerentes à construção da malha social.

Enfatizamos que a fala de Campos ao traçar esses três modos de casar se refere ao período do Brasil colonial, mas alertamos para o fato de que este tipo de prática só apresenta mudanças no contexto das longas durações. Assim, tais características podem, em maior ou menor grau, ser encontradas no contexto analisado. No fim do século XIX e início do século XX percebemos que já não era regra a realização de casamentos por arranjo entre famílias, como prática para conservar heranças, tradições familiares e fortalecimento de poder das famílias patriarcais, embora estas características ainda fossem presentes.

Surge, nesse período, a ideia do casamento construído na ideia de amor romântico, uma vez que se nota que os chefes familiares e seus membros começaram a levar em consideração os sentimentos dos envolvidos no enlace matrimonial. Prevalece ainda a ocorrência de casamentos entre os grupos familiares de parentes próximos, indicando uma preocupação com a manutenção do patrimônio familiar. Segundo Samara⁸:

O que se deveria evitar sempre era casar abaixo de suas possibilidades: desposar alguém que estivesse numa posição social inferior ou não fosse pelo menos tão rico quanto você. Para evitar que as fortunas saíssem das famílias, casamentos entre parentes de primeiro grau eram comuns⁹.

Dessa forma, destacamos que o casamento formado para manutenção dos bens familiares era uma realidade da sociedade naquele momento, mas isso não constituía uma regra que os casais eventualmente não pudessem quebrar. No caso específico dos sujeitos que analisamos nesse trabalho, Clóvis e Amélia, defendemos a ideia do casamento baseado no amor romântico do casal. As diversas fontes pesquisadas indicam essa característica, que poderá ser verificada ao longo deste trabalho.

⁷ CAMPOS, 2003, p. 133.

⁸ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família na sociedade paulista no séc. XIX*. 1989. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

⁹ SAMARA, 1989, p. 56.

Nesse sentido, os tópicos seguintes deste capítulo mostrarão as especificidades da Família Freitas e da Família Beviláqua, de modo que se possa perceber os sentimentos evocados em torno das relações matrimoniais tanto do casal Amélia e Clóvis como também dos outros membros familiares.

1.2 Família Freitas

Ao entrarmos no universo da família Freitas, visualizamos várias possibilidades de estudo que nos propiciarão maior conhecimento das relações cotidianas existentes e das relações afetivas. Olhando por esses aspectos, no decorrer do tópico serão ressaltadas partes da história da família Freitas tendo em vista que é no seio dessa família que encontramos Amélia Carolina de Freitas, mulher que nasce em meados do século XIX, no meio de uma família piauiense, administrada por uma figura política e intelectual, onde cresce revigorada com um ambiente familiar caracterizado não só pela política, mas também pela proximidade com um mundo da escrita. Amélia e alguns de seus irmãos conquistaram espaço de destaque para seus nomes em setores da sociedade nacional e deixaram suas obras. O lar familiar da escritora foi formado a partir do enlace matrimonial do patriarca Desembargador José Manoel de Freitas¹⁰ com D. Thereza Carolina da Silva Freitas em 15 de dezembro de 1859.

Amélia nasceu no ano de 1860, na fazenda Formosa, localizada na cidade de Jerumenha, na Província do Piauí, fazenda pertencente os seus avós maternos, Major da Guarda Nacional Luís Mathias e D. Maria de Castro Matos. Amélia descende de família representativa da administração do Império brasileiro, principalmente do lado paterno. Era a família Freitas, que trazia na figura de seu pai, José Manoel de Freitas, um homem que ajudou a compor a história da Província do Piauí, bem como assumiu nomeações importantes em outras províncias como Maranhão e Goiás, com destaque para a ocupação do cargo de Presidente da Província de Pernambuco no fim de sua vida. Foi no seio dessa família que cresceu e também contribuiu com seu talento para as letras, Amélia Carolina de Freitas.

¹⁰ Homem das letras nascido no Piauí destacou-se como desembargador e na política exercendo cargo de Presidente das Províncias do Maranhão, Piauí e Pernambuco.



FIGURA 1: D. Tereza Carolina.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilacqua no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 2: Dr. José Manoel de Freitas.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilacqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Amélia veio de uma família numerosa de nove irmãos. Seu meio familiar foi assinalado pelas constantes viagens decorrentes dos cargos públicos ocupados por seu pai. Tal fato impossibilitava José Manoel de Freitas de ter uma vida familiar plena, pois o pai de Amélia, muitas vezes, ao assumir algum cargo, deixava a família e ao se estabelecer em determinado local voltava para levá-los. Tais viagens eram constantes, longas, cansativas, feitas a cavalo e levavam semanas para chegar ao destino. Muitas ocorreram ainda com os membros da família Freitas quando crianças.

Interessante mencionar que Amélia, com menos de dois meses de nascida, enfrentou sua primeira viagem a cavalo, quando saiu de Jerumenha para a vila de Parnaguá, onde seu pai assumia nova posição profissional por visar progresso em sua vida jurídica e política. Por isso, atendia prontamente quando era solicitado, por mais que abalasse a estrutura de sua vida familiar. Mas antes de intimarmos para nossa escrita a vida de Amélia Bevilaqua de uma forma mais intimista, cabe traçarmos algumas linhas sobre o início dessa família a partir da vida do Dr. José Manoel de Freitas.

Nesse propósito além da utilização de fontes oficiais temos como fundamento para nossa escrita o livro *Traços bibliográfico do desembargador José Manoel de Freitas*, redigido por seu genro Clóvis Bevilaqua, publicado pelo irmão do senhor Freitas o Dr. Jesuíno José de Freitas em 10 de novembro de 1888, na cidade de Recife. Mostra um pouco da história do patriarca da família de Amélia de Freitas Bevilaqua quando ainda jovem e sua formação como homem, profissional e pai.

Essa obra foi um projeto do desembargador Freitas onde os escritos que formulou esse livro tinham como objetivo preencher as páginas de um álbum de família de sua filha Amélia Bevilaqua, uma autobiografia de seu nascimento até os anos de 1885. Para melhor demonstrarmos a importância desse escrito, temos as palavras de Clóvis Bevilaqua que explica:

É sobre esse documento íntimo de um estilo simples, fácil e cristalino que se basearam principalmente esses ligeiros traços biográficos, que, antes de tudo, se querem mostrar como justo preito rendidos às grandes virtudes de um homem ilustre e como a tradução do afeto que dedicavam ao vivo e, se é possível, mais consagravam ao morto aqueles que, no conforto da família, conseguiram assim melhor apreciar a história de longanimidade de sua vida e espírito. É assim o meu testemunho pessoal e juntamente com a colaboração de meus amigos Dr. Jesuíno Freitas e Clodoaldo de Freitas¹¹.

Assim, a partir dessa exposição, consideramos importante levantarmos essa obra como base para recontarmos a história dessa personalidade da história Piauiense, Dr. José Manoel de Freitas. Foi a partir desse documento que nos aproximamos da origem dessa família e de seus descendentes. Segundo Clóvis Bevilaqua:

Os antecedentes ancestrais são de uma importância incalculável para a vida e para compreensão do caráter de um homem, por que são eles, que fazendo convergir, numa harmonia, tendências desencontradas e diversas, dão nascimento as individualidades que hão de ser, em seguida, modificados pela

¹¹ Palavras de Clóvis Bevilaqua a respeito do livro *Traços bibliográfico do desembargador José Manoel de Freitas* sobre a vida pessoal e política do Dr. José Manoel de Freitas.

ação da força educadora do meio social que aceleram ou retardam os acontecimentos e destinos¹².

Nesse sentido, e semelhante a Clóvis, consideramos importante destacar parte da história dos descendentes de quem pretendemos biografar. Recorremos a isso e partimos para uma história de vida do Dr. Freitas e da família que ele formou.

No século XVIII, saiu de Recife para Icó, no Ceará, o negociante Manoel de Albuquerque Mello que ao chegar casou-se com D. Eufrásia da Cruz Neves dos Filhos. Desse casamento nasceu José, que adotou como nome José de Freitas Fragoso, nome que era de seu padrinho e tio materno.

Segundo José Manoel de Freitas, José de Freitas Fragoso “talvez guiado pelo seu gênio empreendedor e aventureiro de sua família, assumiu uma vida mercantil de comerciante”¹³ e partiu para o Piauí, depois para o Maranhão. Quando volta para o Piauí casa-se com Luiza Maria de Sousa e tem muitos filhos, entre esses Gonçalo Manoel de Freitas, que quando adulto foi morar em Jerumenha e casou-se com Ana Maria de Souza e tiveram cinco filhos: Lucialina Maria de Freitas e Souza, o pai de Amélia, José Manoel de Freitas que nasceu em 14 de março de 1832, outro filho foi Manoel de Freitas¹⁴, Jesuíno José de Freitas e Francisco Emigdio de Freitas.

Marcadamente, essa família cresceu em meio a uma boa educação onde, segundo Clóvis, foi da mãe a maior preocupação em instruir sua família, como nos conta: “mas é, sobretudo, de sua mãe, que lhe veio essa inquebrantável energia, essa enorme força de resistência que opunha a todos os obstáculos e contrariedades do destino, sempre cautelosa e firme”¹⁵. Essa base familiar voltada para o crescimento dos filhos foi adotado no seio da futura família do Dr. Freitas que se mostrou um chefe de família patriarcal.

Sobre a educação vivenciada pelo Dr. Freitas sabemos que iniciou aos treze anos de idade quando foi enviado por seus pais para a capital da província do Piauí, Oeiras, onde estudou francês, latim e geografia¹⁶. Aos dezoito anos, já em um preparatório, recebe a notícia

¹² BEVILAQUA, Clóvis. *Traços bibliográfico do desembargador José Manoel de Freitas*. Recife: Tipografia Tradicional, 1888. p. 12.

¹³ BEVILAQUA, 1888. P.14

¹⁴ Filho falecido aos oito anos de idade, José Manoel de Freitas por causa da doença do irmão parte com seu pai aos dez anos de idade para a cidade de Oeiras para pagar promessa pela saúde de seu irmão, antes, por causa de uma briga os dois irmãos não estavam se falando. Antes de cumprir a promessa, ele e seu pai ainda a caminho de Oeiras são avisado da morte de seu irmão que por todas as dificuldades não chegam a tempo para o enterro e despedida mesmo depois do esforço da mãe de não permitir o enterro por dois dias, essa magoa de não ter se despedido do irmão antes da morte foi lembrado por ele em alguns dos seus discursos quando era juiz de direito.

¹⁵ BEVILAQUA, 1888, p. 25.

¹⁶ Teve como seus mestres, respectivamente, Dr. Candido José Casado Lima, Antônio João Batista Ferreira e Dr. Simplício de Souza Mendes.

da morte de sua mãe, cujo luto o afastou dos estudos. Esse momento foi narrado por ele mais tarde em uma revista de ensaio filosófico, em que voltou para sua casa onde viveu por um ano ao lado do pai. Após esse período viajou para São José das Cajazeiras, na Paraíba, para continuar seus estudos no Instituto de Humanidades dirigido pelo padre Rolim¹⁷. Essa passagem de sua vida educacional é destacada em seu discurso, em que ele comenta das dificuldades de se manter estudando longe de sua cidade natal e de sua família. Assim,

Com limitadíssimos recursos no alto do sertão de uma província atrasada, sem relações para fora dela, meu pai perdia as esperanças de fazer-me continuar nos estudos; mas não desanimando, pedi-lhe que consentisse em que eu continuasse em Cajazeira no colégio do Padre Rolim, apesar da dificuldade do pagamento mensal de dez mil réis, para ensino, residência e alimentação¹⁸.

Ainda consegue permanecer por um tempo em Cajazeiras e quando conclui seu preparatório e “sem consultar seu pai e nem mesmo ter um correspondente em Pernambuco”, parte para Olinda em 23 de junho de 1853 onde continuou seus estudos para tentar ingressar na faculdade de Olinda. Segundo Bevilaqua, logo o estudante percebeu que as chances de ser chamado para os exames eram mínimas pela falta de conhecimento naquele local. Precisava então completar sua iniciação literária.

Nessa perspectiva, viaja no mesmo ano para a Bahia, e como dispunha de recursos limitados não consegue viajar a vapor e segue em um pequeno veleiro. Chegando a seu destino se hospeda no Hotel Figueiredo, um tradicional hotel que tinha fama de receber estudantes, e lá permaneceu até conhecer alguns estudantes piauienses para formar uma república. Porém, passados alguns meses, ele volta em março de 1854 para Olinda, agora já matriculado na academia.

Dedica-se totalmente aos estudos acadêmico, dispensando qualquer suciasas com os rapazios, nem tão pouco com futilidades infrutíferas, sempre diligente e zeloso no cumprimento dos seus deveres escolares acompanhava com inteligência e assiduidade as preleções dos mestres, cultivando desde logo, essa complicada jurisprudência pátria [...] que o tornaria um dos mais abalizados conhecedores.¹⁹

Por todos esses aspectos, José Manoel de Freitas logo estava ao lado de uma geração de homens que já ocupavam posições elevadas nas “letras, magistério, na administração, na

¹⁷ O padre Inácio de Souza Rolim fundou o instituto na fazenda onde nasceu em 22 de agosto de 1800, O colégio era um dos primeiro estabelecimento de educação em todo o Estado e ainda recebia estudantes de Estados vizinhos, como Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão.

¹⁸ BEVILAQUA, 1888, p. 14.

¹⁹ BEVILAQUA, 1888, p. 16.

política e no parlamentarismo”. Sabemos também que além da dedicação ao curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, inclinou-se aos estudos de poesia e literatura ao lado de amigos e companheiros de curso, como o piauiense José Coriolano de Sousa Lima e Polidoro Burlamaque, tendo ainda escrito para alguns jornais e periódicos da época²⁰.

Clodoaldo Freitas, um dos responsáveis por divulgar esses escritos, destacou no seu livro *Vultos piauienses*, que o desembargador escrevia suas lembranças e recordava sua infância, onde sua escrita “era antes uma nota pessoal de suas próprias aflições, do que uma simples fantasia romântica longe de todos e ferido ainda pela dor da perda de sua mãe”²¹. Escrevia esses versos paralelo a suas obrigações acadêmicas, que encerrou-se no dia 29 de 1858, quando recebeu o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Parece aqui oportuno reproduzir alguns desses versos, reveladores do que consideramos a outra face do Dr. Freitas, pensando que esse, entre tantos, foi também um dos legados que deixou para sua família, pois não podemos deixar de lembrarmos que seus filhos percorreram também esse destino em campos diferentes, mas apontando para uma escrita íntima que seguia a individualidade de cada um. Escolhemos assim a poesia “A minha rede”, já destacada por alguns biógrafos da família Freitas.

A MINHA REDE

Não desejo grandezas deste mundo
E nem do ouro jamais nutri a sede;
Minha vida cantando eu passo alegre
Me embalando deitado em minha rede.

Contemplo a natureza e faço versos
Escrevendo do quarto na parede
Dos amores que tenho me recordo
Quando eu estou me embalando em minha rede

O teu peito pra mim é mais que um trono,
Pois do outro jamais nutri a sede:
Assim mesmo sem ti eu passo alegre
Me embalando deitado em minha rede.
Olinda, 24 de fevereiro de 1856²².

Segundo Clóvis Bevilaqua, apesar do conhecimento e possuir parte desse acervo dentre eles poesias, memórias e artigos diversos do Dr. Freitas que atestavam essas atividades

²⁰ *Diário de Pernambuco*, no ateneu pernambucano, ensaio filosófico e o periódico acadêmico do seu curso recebia e divulgava suas poesias e outros escritos.

²¹ FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012. p. 13.

²² FREITAS, 2012, p. 17-18.

literárias, todos entendiam que “a ambição de divulgar e concretizar essa atividade não inclinava para esse lado; fazer versos para ele foi um mero passatempo”²³.

Assim voltaremos nosso olhar para a vida profissional que ingressou depois de sua titulação de bacharel, quando logo embarcou para o Maranhão em dezembro do mesmo ano da conclusão do curso, para ser nomeado promotor público de Caxias, cargo oferecido pelo presidente do Maranhão, o Marquês de Paranaguá. Ali inicia sua colaboração ao lado de Dr. Sinval Odorico de Moura na *Imprensa Caxiense*, expondo sua opinião e destacando com uma voz expressiva a respeito da política dominante daquela comarca.

Contudo sua permanência em Caxias dura poucos meses, pois em 7 de maio de 1859 foi nomeado secretário interino da Presidência do Piauí, mas por questões políticas essa nomeação é interrompida através do decreto de 6 de julho de 1859 o nomeando Juiz Municipal de Parnaguá. Nesse momento aproveitou o tempo entre a mudança de cargo para a realização de seu matrimônio com D. Thereza Carolina da Silva Freitas. Essa união foi datada no dia 15 de outubro de 1859, a respeito da qual Clóvis Bevilaqua discorre que Dr. Freitas:

Foi agraciado com a mais terna das esposas, companheira mais solícita que ele encontrou, eles formam duas almas que se encontraram e consubstanciaram em uma alma só desde quando se olharam pela primeira vez e não tiveram nem pensar e nem querer que não fosse comum²⁴.

A união do casal era bem vista por seus familiares. Por mais que o casal tentasse permanecer mais tempo ao lado de sua família, já preparavam-se para embarcar para a vila de Parnaguá em janeiro de 1860. A permanência nesse local foi de meses. O curto período de entrada e saída de cargos, muitas vezes era motivado pelas questões políticas a que o Dr. Freitas fazia parte. Porém, no caso do cargo de juiz em Parnaguá, sua inquietação em estar longe do movimento político em um local “marcado pelas características dos sertões do norte, com uma população era ainda escassa”, apressou sua mudança. Segundo a escrita de Clóvis Bevilaqua, o Dr. Freitas desabafou em sua escrita:

A vida sensaborona e desalentadora dessas merencórias aldeotas segregadas do convívio da civilização, perdidas no adusto ermos dos sertões do norte, bocejando no quebranto do ócio [...] acrescentando naquele ano os efeitos de uma horrível seca que assolavam essas tristes paragens²⁵.

²³ BEVILAQUA, 1888, p. 16-17.

²⁴ BEVILAQUA, 1888, p. 20.

²⁵ BEVILAQUA, 1888, p. 21.

Viver em uma cidade sem movimentos não tinha nada a ver com seus planos, pois ansiava pela carreira política que o enchia de ânimo para evidenciar suas ações num local que favorecesse sua ação política. Em poucos meses ele parte para a capital, Teresina, onde foi nomeado delegado em agosto de 1861.

Após três anos, ou seja, em 1864, o Dr. José Manoel de Freitas é nomeado delegado de Piracuruca. A vida e a carreira do Dr. Freitas seguem progressivamente, ganhando maiores desafios dentro da política, assumindo funções ora em pequenas vilas, ora em cidades mais desenvolvidas. De acordo com Clodoaldo Freitas, era um homem dedicado à família e também aos seus ideais, era:

Juiz de direito [...] e jornalista, o Dr. Freitas dedicou-se à advocacia, da qual auferia os meios para sustentar a sua numerosa família. Efetivamente, nessa nobre e pouco lucrativa profissão, nesta província, o Dr. Freitas, cerca de dois anos, ganhou alguns contos de réis, tal era a confiança que em si depositavam os que o conheciam²⁶.

Entre a política e os cargos que assumiu o Dr. Freitas segue sua vida profissional ao lado de sua família, que já estava formada e com alguns de seus filhos em idade de vida estudantil possibilitando a ele uma maior estabilidade na vida política e que o aproximou ainda mais da administração de algumas províncias. Em alguns momentos de sua vida profissional teve que separar-se da família para assumir cargos de urgência em comarcas, daí a impossibilidade de deslocar sua família composta ainda por filhos de pouca idade. Na *Imprensa Caxiense* temos notícias de suas viagens para visitar a família no Piauí, como segue:

Parte para a província do Piauí o senhor José Manoel de Freitas em encontro de sua família que ficou naquela província, os filhos ainda pequenos e a esposa vão ter com o Dr. Freitas por poucos dias, pois seu retorno é aguardado pelos membros do partido que sem o seu representante ata os braços [...] Na província ele será recebido com moções de política e homenagem de seus iguais. O Dr. Freitas é reconhecido na nossa província e no Piauí por sua dedicada carreira política e jurídica²⁷.

Assim, por muitos anos foi a vida da família Freitas, entre viagens e as novas nomeações do Dr. Freitas até a família segui-lo na ascensão de novos cargos. Mais tarde passa a assumir o cargo de presidente da administração de províncias como o Piauí, Maranhão, Pernambuco e, por fim, em Goiás, assume o cargo de desembargador da Relação. É o que veremos de forma mais detalhada a seguir, onde Dr. Freitas teve sua vida marcada por

²⁶ FREITAS, 2012, p. 31.

²⁷ VIAGEM. *Imprensa Caxiense*. Caxias, ano 4, n. 22, 22 out. 1875, p. 4.

inconstâncias tanto de cargos como frequentes mudanças de cidades até a sua ida para Pernambuco onde viveu seus últimos momentos. Escreveu seu nome na história de sua terra natal e no cenário político da sociedade vigente.

A cronologia que segue reforça ainda parte da vida profissional do desembargador Freitas. Com sua carreira já reconhecida e com um histórico de liderança no meio político, assume os melhores cargos da aspiração de um representante da política nacional. Torna-se, em agosto de 1866, vice-presidente da província do Piauí, e com a saída do Dr. Polidoro Burlamaque, assume a presidência da província do Piauí mais uma vez no ano de 1868, poucos meses depois passa a administração para Dr. Simplício Mendes.

Com a renúncia do cargo para o Dr. Simplício Mendes, e usando a imprensa para combater o partido conservador, o Dr. Freitas saiu em defesa de seus ideais e de seus companheiros políticos liberais. Em 1873 foi viver na vila do Rosário, província maranhense onde morou por dois anos. Segundo Clodoaldo Freitas, esse momento de sua vida em Rosário foi como um refúgio para ele, onde:

Saindo da província onde ocupava, entre seus amigos, o lugar de chefe, o Dr. Freitas foi refugiar-se na pequena vila do Rosário, onde, longe das lutas políticas e das agitações da vida pública, tão cheia de espinhos, o Dr. Freitas entregou-se aos estudos, o único conforto dos grandes espíritos. No estudo do direito e da literatura, que cultivou com gosto e inteligência²⁸.

Apesar do seu distanciamento da vida pública, foi solicitada sua remoção pelo decreto de 10 de abril de 1875 para Caxias, onde permaneceu pouco mais de quatro meses até ser transferido para a capital do Maranhão, São Luís. Em 1878 parte para o Piauí, para o processo eleitoral, onde vence a eleição para deputado de sua província até 1881. Deixou a vida política para reassumir o cargo de juiz no Maranhão e após o decreto de 25 de agosto de 1880, foi removido para Recife onde atuou na vara de Feitos da Fazenda.

Pela carta imperial de 20 de junho de 1883 foi nomeado para assumir o cargo de Presidente da Província de Pernambuco. Nesse momento, a família era bem menor, pois os filhos adultos estavam em outras cidades e desenvolviam suas carreiras. No caso de Amélia, já vivia em seu lar com o marido Clóvis Bevilaqua. Foi em Pernambuco que ele viu a possibilidade de realizar ações como administrador daquela província. As finanças do último governo abalavam aquele local, no entanto conseguiu:

Melhorar o orçamento do estado, fundou um hospital para tratamento da varíola, reformou o hospital da santa casa de misericórdia, reedificou o

²⁸ FREITAS, 2012, p. 35.

quartel da infantaria, [...] e realizou outras obras mais para o melhoramento da província. A partir daí ganhou apoio da Assembleia provincial que depositava no criterioso administrador a mais ilimitada confiança, dando-lhe vasta autorização na lei do orçamento²⁹.

Concluiu seu trabalho em Pernambuco e deixou a administração daquela província em 20 de setembro de 1884 para refugiar-se à sua vida particular, dedicando seu tempo para a família e aos seus amigos até uma nomeação repentina mudar os ânimos do Dr. Freitas. Pelo decreto datado de 18 de agosto de 1887, recebeu o título efetivo de desembargador das relações de Goiás. Quem estava no poder naquele momento era o partido conservador, então o nome do desembargador, ligado ao partido Liberal como “um dos vultos mais proeminentes do partido, não podia deixar de ser uma vítima desse grupo”³⁰.

Ampliam-se, desse modo, as questões políticas por conta dos conservadores que pretendiam afastar de Recife todas as ameaças de um retorno do partido Liberal. Assim, acatando a vontade do governo e o decreto, o Dr. Freitas assume em Goiás o cargo de desembargador “embora ele mal contivesse a indignação e a dor que lhe causava aquela revoltante injustiça do governo”³¹ que conhecia todos os feitos do Dr. Freitas como juiz e como administrador público.

Contudo, alguns dias depois, aconselhado por seu médico, viaja para Caxangá, para cuidar de sua saúde, “por que uma enfermidade estava esgotando as fontes de vida; a 28 de outubro, é acometido por uma congestão cerebral e a 10 de novembro expira nos braços da família”.³² Sobre o seu falecimento nos apropriamos da escrita de Clodoaldo Freitas e sua impressão a respeito desse acontecimento, concluindo que:

De fato, é incontestável que a origem da morte do desembargador Freitas foi essa nomeação acintosa, que importava, para ele, em vista de suas condições, uma demissão. Prostrado por essa acabrunhadora injustiça, foi, dois meses e oito dias depois, assaltado por uma congestão cerebral, que o prostrou, sem vida, por dez dias, no leito da morte. Nada pôde fazê-lo voltar ao conhecimento exterior das coisas. Sem movimento, sem voz, sem poder sequer ouvir os consolos ou os prantos que caía em torno, ele jazeu nessa bruta agonia, até que exalou o derradeiro alento, a 10 de novembro de 1887³³.

²⁹ BEVILAQUA, 1888, p. 46.

³⁰ BEVILAQUA, 1888, p. 49.

³¹ BEVILAQUA, 1888, p. 52.

³² BEVILAQUA, 1888, p. 54.

³³ FREITAS, 2012, p. 44.

Inúmeras foram as honras prestadas ao Dr. Freitas. Morreu ao lado de sua família e amigos que prestaram homenagem, dedicaram escritos a ele como profissional, pai e amigo e como patriarca chegou a realizar-se com os caminhos percorridos por seus filhos.

Ainda a respeito da família Freitas, alguns seguiram os passos do pai, outros levaram em conta a necessidade de suprir os anseios do Brasil em formar uma sociedade mais intelectualizada. João Alfredo de Freitas dedicou sua vida à escrita e com sua produção³⁴ destacou-se em alguns espaços intelectuais. Ainda jovem frequentou a Faculdade de Direito de Recife, onde concluiu o curso de Direito e conheceu o seu companheiro de estudo e amigo Clóvis Bevilacqua, e semelhante a ele ministrou aulas na faculdade. Morreu jovem, no entanto conseguiu produzir alguns trabalhos que versavam sobre política, mas principalmente sobre literatura. João Alfredo de Freitas era um dos irmãos mais próximos de Amélia. Foi nas aulas particulares que eram oferecidas a João Alfredo quando criança que Amélia ganhou o direito de estudar. Como também observava seu irmão e tudo que o professor o ensinava, os pais decidiram permitir à filha o direito de aprender as primeiras letras.

No que diz respeito aos irmãos de Amélia, temos ainda Vitor Manuel de Freitas, que se destacou como Juiz Federal e José Otavio de Freitas, um dos irmãos mais novos, que se destacou na história da medicina do Brasil, o que nos permite maiores informações sobre ele. José Otavio de Freitas era professor da Faculdade de Medicina, docente também em Recife, e foi um dos importantes sanitarista do Brasil. Administrador de saúde pública, escritor, jornalista e pesquisador. Sobre seus trabalhos³⁵, percebemos a predominância de uma escrita voltada para a saúde, diferente de seus familiares.

Com o falecimento de seu pai, José Otavio de Freitas ainda na academia “sofreu bastante, uma vez que crescera admirando sua dignidade e caráter, bem como honradez na condução da coisa pública”³⁶. Otavio teve que abandonar por um tempo suas atividades na Bahia para voltar a Recife e ficar ao lado de sua mãe, que na condição de viúva e com muitos dependentes, ainda precisava cuidar da família, que além de alguns filhos, havia também

³⁴ Alguns títulos da obra de João Alfredo são: *Contextos* (1883), *Excursão pelos domínios da entomologia* (1886); *Feitichismo religioso e político* (1883); *Jesus e os evangelhos*, tradução compartilhada com Clóvis Bevilacqua (1885); *Lendas; e superstições do norte do Brasil* (1884).

³⁵ *Lições de microbiologia; Horas de trabalho; Meus doentes meus clientes; Problemas médicos; Doenças africanas no Brasil; Medicina e costumes do Recife antigo; De calouro a médico; Os animais na história e na higiene; Medicina e costumes do Recife Antigo; Clima e mortalidade; Histórico da luta anti-tuberculose em Pernambuco; Lepra, leprosos e leprosários; Poeiras; Dietas e remédios; Servindo ao Rotary; Médicos, outras figuras e fatos do meu tempo; Minhas memórias de médico; História da Faculdade de Medicina do Recife; Anuário estatístico demógrafo-sanitário de tuberculose no Derby; e O dispensário de tuberculose no Derby.*

³⁶ MIRANDA, Waldemir. *Vida médica em Pernambuco*; scientia et caritas. Recife: Sociedade de Medicina de Pernambuco, 1974. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/ccs/medicina.htm>>. Acesso em: 6 jul. 2005.

cinco netos que estavam sob a proteção do casal. Por sorte a mãe se mostrou uma grande matriarca, assumindo toda a responsabilidade como cuidadora da família e de seu lar. Como ajuda, recebia mesada de alguns filhos e, principalmente, do genro Clóvis Bevilaqua, que a considerava como sua segunda mãe.

Octávio de Freitas formou-se em Medicina, em janeiro de 1893. Com o diploma resolve morar em Recife, onde destacou-se na profissão quando em 1902 identificou e controlou uma epidemia causada pela gripe espanhola. Além disso, “combateu a comercialização de produtos deteriorados, a falta de fiscalização nos matadouros, a precária rede de esgotos, enfim, tudo o que significasse atraso, moléstia, e pudesse ocasionar a morte”³⁷. Casou-se com Maria Cristina Antunes de Almeida Castro e tiveram dois filhos: Miguel e Octávio, nascidos em 1902 e 1903, respectivamente. Uma fatalidade, contudo, veio abalar seriamente a felicidade do casal: em 1909, ambos os filhos morreram no mesmo dia, vítimas de febre amarela. O Dr. José Octávio de Freitas veio a falecer no Recife, no dia 26 de janeiro de 1949, aos 78 anos de idade.

Ainda sobre este estudo, dos demais membros da família temos informações sobre Teófilo José de Freitas, formado em Engenharia e um dos irmãos mais novos de Amélia, a quem ela demonstrava um apego diferenciado. Teofinho, como era chamado pelo cunhado Clóvis, que também tinha uma afeição especial pelo o irmão mais novo de sua esposa, era citado em cartas, quando Clóvis ainda era namorado de Amélia. Há notícias de que ele ficou um período com o casal no Rio de Janeiro, próximo à conclusão do seu curso de Engenharia.

Temos notícias sobre outro irmão de Amélia, Tomás de Aquino, que tornou-se almirante da Marinha de Guerra do Brasil. Suas irmãs Ana Julieta de Freitas e Rosa de Freitas, até onde foi possível pesquisar, ficaram solteiras e sob os cuidados da mãe. Outra irmã, Catarina Evangelista de Freitas, a qual teve enlace matrimonial com Joaquim Antônio de Abreu Basto, teve como filho o importante livreiro do século XX, Freitas Bastos.

Assim, apresentamos Amélia de Freitas Bevilaqua como mulher, esposa e mãe que percorreu um caminho diferenciado da maioria das mulheres de sua época, pois desde o início de sua existência sua vida se voltava para um destino sempre ligado à família. As influências familiares lhe deram a oportunidade de receber uma educação mesmo de modo informal, mas possibilitou também a aquisição de valores somados aos seus ideais, mesmo quando ela percebia, ainda na sua infância, que estava inserida em uma sociedade masculinizada. Assim,

³⁷ VAINSENER, Semira Adler. *Octávio de Freitas*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2015.

apesar dessa possibilidade de ensino para Amélia, segundo Miridan Britto Knox Falci, era perceptível a sua condição como mulher, pois

Amélia de Freitas se ressentia da educação que recebera. Apesar de ter aprendido inglês e francês, queixava-se do grande rigor e da pouca profundidade do ensino que lhe fora dado, tão diferente daquele recebido pelos irmãos João, Vitor, Octávio, Thomaz e Theophilo, que liam em latim, recebiam noções de grego e do pensamento de Platão e Aristóteles, além de aprenderem Ciências Naturais, Geografia e francês³⁸.

Esse relato, de como Amélia sentia-se a respeito da educação que era dada a seus irmãos, mostra parte de seus anseios como mulher, no sentido de que Amélia percebia a distinção no tratamento que era dado para ela e os irmãos em relação ao processo educacional. Ora, aos homens o acesso ao conhecimento era facilitado pelo papel social que era requerido a eles. Como provedores do lar e economicamente administradores da família precisavam de uma formação que, dependendo da classe social, chegaria ao ensino superior. Ao lado dessa visão social a respeito do sexo masculino estava o tratamento dado às mulheres que era totalmente diferenciado, se comparado aos homens. De acordo com Washington Dener dos Santos Cunha, a educação feminina no século XIX,

[...] mantinha-se como um privilégio de poucas. Grande parte das mulheres continuava à margem do processo de alfabetização, não havendo muita diferença em relação à maioria dos homens livres pobres. Aos responsáveis pelas meninas bastava apenas o aprendizado das prendas domésticas mais do que a leitura e a escrita, portanto a educação escolar era vista como elemento de segunda necessidade para os pais das meninas pobres – a preocupação fundamental era de que as meninas arrumassem um bom casamento. Já a educação das meninas de famílias mais abastadas se dava na própria casa, uma vez que os pais pagavam um preceptor e acompanhavam todo o processo educativo³⁹.

Tais fatos ocorriam, justamente porque a educação para a mulher não devia se constituir como um elemento principal a ser dado a tal segmento. Ora, à mulher cabia casar. Esta era a preocupação primordial das famílias, por isso estudar, aprimorar-se nas letras, era totalmente secundário, mesmo que tal fato contrariasse o desejo que muitas mulheres possuíam de aprender e se envolver no mundo das letras.

³⁸ FALCI, Miridan Britto Knox. As mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

³⁹ CUNHA, Washington Dener dos Santos. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. *Niterói*, Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2010.

Nessas condições de poucas possibilidades de conhecimento cresceu Amélia. Segundo Miridan Knox⁴⁰, foi em São Luís que pela primeira vez frequentou uma escola formal, aos dezenove anos. Portanto, percebemos que Amélia conviveu pouco tempo no espaço escolar, pois casou-se aos vinte e um anos e foi conviver com seu esposo e cuidar do seu lar, primeiramente em Alcântara e depois em Recife, onde ela volta a estudar informalmente em sua residência.

Observando a estrutura familiar de Amélia, podemos refletir acerca do seu cotidiano. Vemos então, que os homens, como era de se esperar, tornaram-se prestigiosos, especialmente porque os mesmos ocuparam importantes cargos públicos no decorrer de suas vidas. Já as mulheres, desempenhavam papéis mais restritos. No entanto, apesar desse fato, Amélia conseguiu adentrar no mundo das letras e assim escrever sua própria história, Amélia fez parte de uma exceção juntamente com outras mulheres que viveram a experiência de ganhar uma educação e participar ainda de atividades que estava inserida no universo masculino, diferenciando-se, assim, da situação ainda vivida no meio feminino por algumas mulheres que eram subjugadas pelos familiares em relação a educação formal, precisamente porque conseguiu que seu pai a deixasse estudar, ainda que tardiamente, ou seja, aos dezenove anos, quando foi matriculada em uma escola formal em São Luís.

Esse estudo foi primordial para nosso trabalho, onde conhecemos detalhes da vida dos Freitas, dentro de um histórico onde a família era a base do indivíduo para sua formação.

1.3 Família Bevilaqua

Neste tópico iremos discorrer sobre a família de Clóvis Bevilaqua, destacando a chegada dos ascendentes no Brasil, em seguida ressaltaremos aspectos das relações familiares entre Clóvis e seus descendentes para assim fundamentarmos a história intelectual e profissional deste sujeito histórico.

Para isso, temos como base da nossa escrita, documentos sobre a família, tais como certidões de casamento e batismo, inventário e testamento do pai de Clóvis, o vigário José Bevilaqua, assim também como cartas familiares de parentes próximos que se comunicavam com Clóvis, destacando as correspondências que testemunharam a vida do padre e seu

⁴⁰ FALCI, 1997, p. 241-277.

falecimento, bem como a escrita de Freitas Nobre sobre a família e também o trabalho do biógrafo Silvio Meira.

Ao analisarmos as fontes, percebemos que tanto os documentos como as biografias se articulam e narram que a família Bevilaqua inicia sua história em terras brasileiras aproximadamente no ano de 1774, quando três irmãos de uma família italiana da cidade de Trieste deixaram sua terra natal e partiram para a América do Sul, chegando ao Brasil como náufragos. Aqui os irmãos se separam e Ângelo Bevilacqua chegou ao litoral da capitania do Ceará.



FIGURA 3: Ângelo Bevilaqua e a brasileira Luiza Gaspar de Oliveira, avós de Clóvis.
FONTE: NOBRE, Freitas. *Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

Desse modo inicia a história da família Beviláqua no Brasil. Depois de alguns meses, Ângelo Bevilacqua instala-se na vila de Viçosa e logo constitui família, casando-se com D. Lenita Gaspar Oliveira, herdeira de família tradicional da capitania do Ceará. Dessa união nasceram dez filhos: Maria, José, Luís, Antônio, Manuel, João, Tiago, Firmino, Alexandre e Joviano. O casal viveu junto até o ano de 1869 quando Ângelo Bevilacqua, avô paterno de Clóvis, morre em Fortaleza, e D. Lenita passa a viver sozinha com seus filhos.

Destacamos aqui o segundo filho do casal, José Beviláqua, futuro pai de Clóvis Bevilaqua, que nasceu em Fortaleza no dia 5 de setembro de 1818. Segundo Freitas Nobre⁴¹, José Beviláqua “cedo demonstrou sua vocação eclesiástica”. Após alguns anos de estudos em

⁴¹ NOBRE, Freitas. *Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

Fortaleza, passa a ganhar orientação religiosa do Padre Antônio José Moreira, da Igreja da Sé daquela mesma cidade. Em 1840, José Beviláqua matriculou-se no Seminário de Olinda e no dia 21 de novembro de 1843 foi nomeado vigário da paróquia de Viçosa. Sobre sua vida religiosa, Freitas Nobre afirma que logo após a ordenação do padre ele já era reconhecido pela sociedade especialmente no interior do Ceará, como

Uma figura sobrenatural, cuja palavra era uma ordem que se cumpria sem discutir, prestigiado pelo bispado foi nomeado para administrar os bens pertencente ao patrimônio de Nossa Senhora da Assunção, padroeira de Viçosa. As ambições humanas foram crescendo dentro do jovem sacerdote, paroquianos humildes, submissos e religiosos que aguardavam uma simples palavra para o cumprimento de um trabalho qualquer⁴².

Dessa forma, aos vinte e cinco anos de idade já era dono de uma pequena fortuna, resultado do trabalho e da ajuda dos paroquianos. Sua proximidade com os membros daquela cidade, segundo carta deixada por ele, não era interesseira, mas de cumplicidade⁴³. A igreja e as ações estavam acima de tudo, e assim o vigário aproveitava do seu prestígio para resolver os problemas de seus párocos, que retribuía com bens materiais e com isso sua condição financeira se comparou às famílias abastadas, pois

Aceitava penhor de joias de ouro e prata dos paroquianos, adquiria sítios, terras, casas, barracas, moedas de ouro e prata vindas de outros países, também recebia no pagamento de suas dívidas maquinarias, instrumentos de toda ordem, títulos de crédito, com isso acumulou considerável fortuna [...] tanto é, que teve cuidado de esclarecer tudo em seu testamento e inventário [...] documentos que demonstrou o monte-mor que deixou a seus herdeiros e legatários. Seu testamento redigido do próprio punho a 25 de maio de 1886, revela a sua franqueza a declarar que viveu de portas a dentro com D. Martiniana que lhe deu seis filhos naquela data. Todos reconhecidos como seus verdadeiros filhos. E declarou: assim os tenho criado e educado, e somente a eles constituo meus únicos herdeiros.⁴⁴

José Beviláqua, em consequência de sua vida pública, via a possibilidade de iniciar, em paralelo aos cuidados da Igreja, uma vida política e, assim, em 1851, foi eleito deputado provincial. Entre a sua vida política e religiosa conheceu Martiniana Maria de Jesus, uma jovem com pouco mais de 12 anos de idade, vinda de Parnaíba, Piauí, aproximadamente em 1855, acompanhada de sua mãe viúva, a senhora Maria da Costa Ferreira, que veio em busca

⁴² NOBRE, 1954, p. 3.

⁴³ O vigário criou entre ele e os paroquianos uma relação de dependência, acolhia e auxiliava a população mais carente e em troca recebia bens ou até mesmo objetos de valores.

⁴⁴ MEIRA, Silvío. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990. p. 30.

de proteção do vigário depois do assassinato do marido, o português José Ayres da Rocha, em uma emboscada.

Após a chegada dessa família, o vigário assume o papel de seu protetor, atuação que, segundo Silvio Meira, era exercida pelos padres daquela época quando a “atividade paroquial paternista estendia-se à proteção às vítimas das insurreições que ocorria em inúmeras partes do Brasil”⁴⁵. Foi assim que se deu o início da relação do vigário José Beviláqua e D. Martiniana de Jesus.

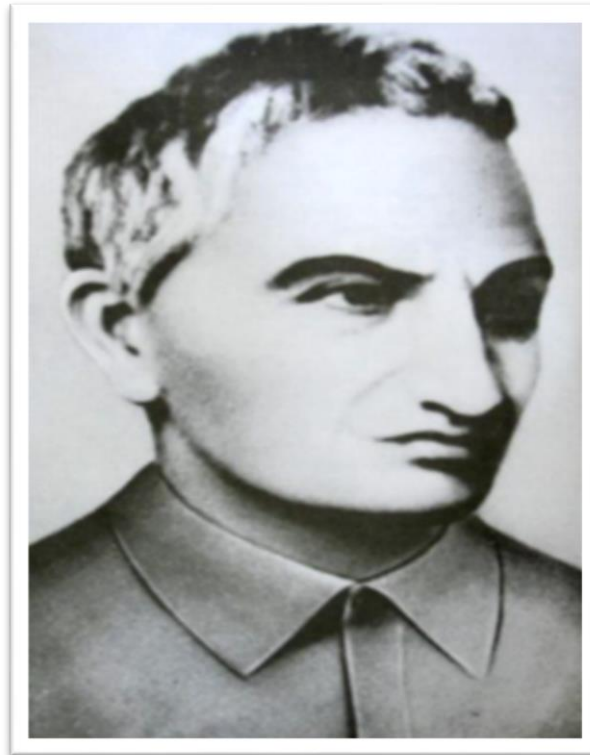


FIGURA 4: Padre José Beviláqua

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Beviláqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Quando o padre planejou uma maneira de tê-la como companheira, organizou o casamento de Martiniana e um primo dela chamado Antônio Severiano da Silveira, que precisava de ajuda financeira. Assim, ele concordou em casar pela quantia de 30 contos de reis, mas no acordo com o vigário ele teria que fugir logo que o casamento acontecesse. Assim, Martiniana casou-se aos doze anos, mas o casamento não foi consumado. Curiosamente o oficial do matrimônio era seu futuro companheiro o Padre José Beviláqua. Segundo o amigo e biógrafo de Clóvis, Silvio Meira, dois anos depois o vigário José Beviláqua iniciou uma organização familiar com D. Martiniana. O vigário assumiu sua

⁴⁵ MEIRA, 1990, p. 30.

relação com D. Martiniana e seus filhos, mas por muitos anos seu casamento não foi exposto para a sociedade. Todos sabiam, no entanto os dois viviam sempre no convívio íntimo do lar.

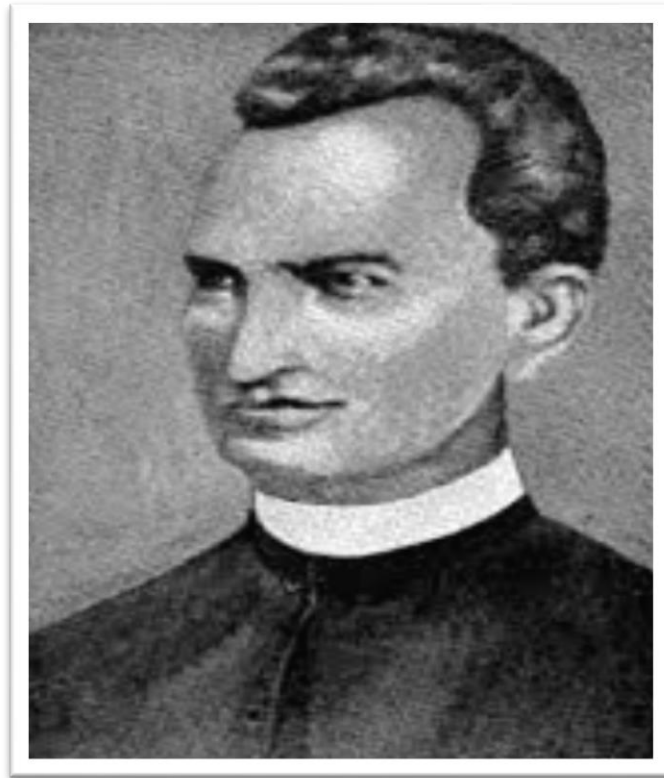


FIGURA 5: Padre José Beviláqua
FONTE: Acervo particular de Silvio Meira.

Dessa união nasce Clóvis Bevilaqua em 4 de outubro de 1859, na Província do Ceará. A história⁴⁶ do homem intelectual inicia na sua terra natal, Viçosa, e percorre longo caminho de estudo e profissionalismo até ser reconhecido como um grande jurista nacional. Clóvis Bevilaqua inicia seus estudos no Ateneu Cearense de Viçosa, onde seu mestre era um opositor político de seu pai, mestre Marcelino. Aos nove anos de idade deixa a proteção dos pais e vai estudar em Sobral, na escola do Professor Arruda, e só retorna para sua cidade quando cessam as brigas políticas entre o vigário José Beviláqua e o mestre-escola.

⁴⁶ Além das biografias sobre a vida do jurista Clóvis Bevilaqua, temos também documentações pessoais como registro de nascimento, batistério e registros escolares que nos falam muito da trajetória de Clóvis, assim como as correspondências da família Bevilaqua.



FIGURA 6: Martiniana, ao lado de Clóvis Bevilaqua, aos oito anos de idade.
 FONTE: Acervo pessoal de José Luís Lira, biógrafo do casal.

Voltando para Viçosa, Clóvis mostrava-se distinto de seus colegas estudantes. Era um aluno dedicado e já despontava intelectualmente. Estudou cedo o latim e o francês que seu pai lhe ensinava nas horas vagas, entre as funções políticas e as responsabilidades como padre, onde além de cuidar da paróquia e das obrigações religiosas buscava auxiliar a população. Por mais que existam alguns escritos que falem da relação de poder do padre com os fiéis e de como ele enriqueceu pelos bens doados e adquiridos pelo vigário, havia também a preocupação do bem estar da cidade e dos seus fiéis, bem como também o tempo que tirava para a educação dos filhos. Clóvis, em escritos, sempre relembra das palavras de seu pai, do jeito particular de demonstrar o amor paterno. Aqui, a exemplo disso, uma carta que Clóvis escreve ao seu irmão Euclides Beviláqua que estava visitando o pai. Vejamos:

Ao seu desejo de me educar foi firme em suas observações, me mostrou ao seu modo um caminho e nele eu estou. Aqui sinto saudades da companhia de meu pai, do seu olhar e de sua mão. Foi ele que me deu o alento que me faltava para eu não sair do caminho traçado na minha vida escolar. Deu-me o aviso correto e também me fez a pergunta certa: esse peso que você disse que leva meu filho é para sempre ou vai ter fim? Suporte-o porquê eu estou contigo a te esperar quando findar teus estudos.
 Mande pedir a sua benção, irmão, para mim.

De seu irmão e amigo, Clóvis Bevilaqua.
Recife, novembro dia 23 de 1879⁴⁷.

As cartas que o jurista escrevia para seus familiares eram marcadas por lembranças da infância. Clóvis deixou de conviver ainda na sua infância com seus genitores e irmãos, pois passou a viver com sua avó paterna em Fortaleza. O olhar de seu pai a respeito da grande importância de uma educação formal e voltada para formação superior nas últimas décadas do século XIX foi o impulso que levou o menino de dez anos a afastar-se da proteção paterna e materna. Os pais demonstravam em suas cartas ao filho uma satisfação, mas ao mesmo tempo uma angústia protetora de ficarem anos distante do seu primogênito, principalmente demonstrada pela escrita da mãe nas cartas enviadas ao filho.

Clóvis Deus te abençoe e te faça feliz
Tenho presente tua cartinha a qual respondo, tive muito prazer de saber que tenha passado boas festas e feliz entrada de ano. Nós tivemos boas festas por estarmos com saúde graças a Deus.
Aceite recomendações de todos dessa casa, aceite o coração de Jesus e de sua mãe que estima.
Seu pai pergunta como vai o andamento do preparatório e quem são os que tem contigo nessa república? Ficou perto da fonte de água filho meu?
Teu dinheiro logo chegará, o da compra dos seus livros irá separado, seu pai achou o valor exagerado.
Aqui fica sua mãe aguardando sua cartinha não demore a responder como a última que te mandei.
Martiniana Maria, agosto de 1877⁴⁸.

Em princípio, Martiniana não era uma mulher culta, mas expressava sempre em cartas a sua preocupação com seu filho que estava longe. Nessa carta em particular, Martiniana fala da ajuda que eles mandavam para o filho, uma mesada para custear parte dos estudos de Clóvis, porém ela fala do dinheiro dos livros que iria separado, pois Clóvis havia feito o pedido do dinheiro ao pai e ele negou. Assim, sua mãe conseguiu enviar o dinheiro sem o esposo soubesse.

Segundo nossa pesquisa, o padre José possuía muitas posses. Mesmo assim afirmava ser uma pessoa sem condições de manter os estudos do filho como o curso exigia. Desse modo, o seu pai enviava o básico para o sustento do filho que também praticava algumas atividades remuneradas para manter-se como estudante.

A família de Clóvis era composta pelo pai, o vigário José Beviláqua, sua companheira e dez filhos. Dos filhos do casal que chegaram à idade adulta, apenas seis são citados no

⁴⁷ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 23 nov. 1879, Recife [para] Euclides Bevilaqua.

⁴⁸ MARIA, Martiniana. [Carta] ago. 1877, Viçosa-CE [para] BEVILAQUA, Clóvis., Recife.

testamento do vigário que, mesmo vivendo em uma situação atípica de relacionamento, assumiu diante do meio social a vida com uma mulher e reconheceu seus filhos como legítimos. Tal fato ocorria porque nos sertões brasileiros a moral da época permitia esse tipo de união. Por outro lado, como o vigário ajudava muitas pessoas de sua paróquia, havia também uma inibição por parte da população em indagar a situação de José Beviláqua em relação àquela união.

A vida de Clóvis foi traçada por vários caminhos, entretanto sua maior referência era o núcleo familiar. Desse modo, mesmo distante de seus pais parecia não esquecer a proteção do lar e a imagem protetora de sua mãe que, através de cartas, acompanhava os passos do filho estudante. Clóvis sentiu a perda de sua mãe aos 20 anos de idade, no segundo ano da Faculdade de Direito, em Recife. O falecimento ocorreu em 27 de junho de 1879. O fato de perder a mãe, de quem se separara dez anos antes motivados pelas viagens de estudos entre Sobral e Fortaleza, Rio de Janeiro e, por fim, em Recife, marcou um dos primeiros momentos de tristeza na vida do ainda estudante de direito.

Com a morte de sua mãe, restou a Clóvis a proteção do pai, homem de traços fortes que iniciou na juventude uma carreira militar e política antes de se voltar para as atividades religiosas. Essas profissões talvez motivassem o que percebemos nas correspondências trocadas entre os pais e Clóvis ainda como estudante e longe do lar. O que observamos nas cartas de D. Martiniana para Clóvis não era demonstrado da mesma maneira nas cartas de seu pai, que se mostrava mais firme em sua escrita e deixava transparecer sua preocupação em orientar e incentivar o filho a progredir nos estudos. No trecho abaixo, parte de uma carta de José Beviláqua ao estudante Clóvis, que falava em suas correspondências com sua noiva e com o pai de como não via sentido em continuar o curso superior:

Não esmoreça, avante, ânimo e coragem para lutar, não despreze o tempo das férias, não te deixes esquecer o latim, é um grande auxílio para o direito romano [...] prudentemente não te deixes levar pelo fogo ardente da mocidade: ponderação, moderação, energia, lucidez de ideias, mando-te vinte mil-réis para custear alguns livros que sei que precisas, tira um pouco do tempo às leituras dos ótimos escritores para fazer uma cartinha⁴⁹.

Por mais que sua condição de vigário e de pai fosse limitada pela sociedade moralmente rígida de uma cidade pequena em que todos se conheciam, o vigário não negou por muito tempo sua condição de esposo e de cuidador dos filhos. Desde muito cedo,

⁴⁹ BEVILAQUA, José. [Carta] 1882, Viçosa-CE [para] BEVILAQUA, Clóvis., Recife.

mostrou-se um homem zeloso com a educação dos filhos, pois acreditava que a dedicação aos estudos daria a eles um destino diferente dos moradores da cidade de Viçosa.

Assim, iniciou por conta própria a educação informal dos filhos, ministrando aulas em sua própria residência. Eram lições de latim, grego, treinava a leitura e transmitia também os ensinamentos que absorveu quando estudava para o ofício de vigário no Seminário de Olinda. Posteriormente, seus filhos começaram a frequentar aulas particulares e mais tarde alguns períodos em ambiente escolar, mas que logo se encerrou porque a cidade não propiciava o avanço do nível dos alunos.

Quando o pai José Beviláqua percebeu que a educação escolar daquele local não traria para seus filhos mais nenhum avanço, resolveu investir e mandar os filhos homens para estudar fora de Viçosa. Quando o vigário faleceu, Clóvis não estava próximo do seu pai e foi por carta que ele soube do falecimento daquele que durante muitos anos foi seu confidente e amigo, pois dele ouviu conselhos a respeito de sua educação e em cartas o vigário estimulava Clóvis a buscar sempre mais a sua formação. Clóvis comunicou a seu pai sua insatisfação com o curso de Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas nas cartas trocadas por eles.

D. Martiniana lamentava a saudade que sentia dos filhos e em particular de Clóvis, mas sabia estimulá-lo para seguir seus estudos. A distância crescia a cada momento que Clóvis avançava nos estudos. A mãe dedicava todo mês um tempo para se comunicar com o filho, embora não tivesse a facilidade do marido para escrever, que era um intelectual, estudava filosofia e falava latim fluentemente. D. Martiniana esforçava-se para produzir uma escrita legível, como ela dizia ao filho no final de cada carta, como pode ser percebido na carta abaixo de D. Martiniana para o filho estudante:

Clóvis Deus te abençoe
 Há muito tempo não tenho recebido cartas suas, não sei como vai com seus estudos, não sei se faz exame este ano, tenho muito desejo que faça.
 Como vai a peste aí soube que tinha morrido o filho de João de Pinho da bexiga. Fiquei muito preocupada que a peste está aí.
 Maria santíssima permita que quando receber esta carta esteja com perfeita saúde, todos de nossa casa se recomendam a você.
 Mandem me dizer se entende a letra que quero continuar a escrever para você.
 Aceite o coração de sua mãe que muito estima, Martiniana.
 Viçosa, 18 de novembro⁵⁰.

Sobre a família que se formou a partir dessa união entre José Beviláqua e Martiniana Maria encontramos a descrição, no testamento do vigário, dos filhos Edeltrudes (1857-1941); Euclides, nascido em 1867, torna-se Desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná,

⁵⁰ MARIA, Martiniana. [Carta] 18 nov. [...], Viçosa-CE [para] BEVILAQUA, Clóvis., Recife.

faleceu aos sessenta e um anos em 1928; José que nasceu em 1863 e morre em 1930 como marechal do Exército Nacional, o que nos chama a atenção é que ele era pai de Peri Constant Bevilaqua⁵¹; Clotilde, nascida em 1876; e Angelino, filho caçula, que nasceu em 1871 e faleceu em 1912, que foi reconhecido como um grande agrônomo da Amazônia⁵².

Todos foram reconhecidos como filhos legítimos. O padre decide fazer esse documento muito antes de morrer. Através da pesquisa chegamos à conclusão de que a feitura deste atestado foi a maneira que encontrou para proteger a família. O documento foi escrito em 25 de maio de 1886. O padre reconheceu em ato, de forma dita por ele honrosa e ousada, sua união com Martiniana e regularizou as certidões dos filhos, que até então eram vistos pela população mais distante como afilhados e adotados pelo sacerdote.

Quando D. Martiniana faleceu, sua filha mais velha, Edeltrudes, passa a cuidar do pai. Edeltrudes Beviláqua casou-se com João Benício Beviláqua, seu primo, e foi mãe de Humberto Beviláqua, Aquiles Beviláqua e Antônio Beviláqua. Humberto casou com sua prima Doris, filha de Amélia e Clóvis. Aquiles foi criado por Clóvis no Rio de Janeiro, tendo se formado em Direito e auxiliado o tio em seus pares e em atividades fora do lar. Edeltrudes, por nunca ter saído de Viçosa, foi a filha que mais participou da vida do padre Beviláqua. Morou ao lado de seu pai, onde testemunhou seus últimos momentos.

A fatalidade do falecimento do pai de Clóvis foi detalhada em carta por João Benício Beviláqua, genro e sobrinho de José Beviláqua, e enviada aos irmãos que viviam longe do pai. Uma carta rica em detalhes narrando como se deu os últimos momentos do vigário, foi o que restou a Clóvis e a seus irmãos.

Não tenho outra pretensão se não a de que se não diga que, morrendo vosso pai, de quem a tantos anos estão ausente, não houve quem vos consolasse, dizendo ao menos como ele tinha deixado esta vida, portanto venho dizer-vos. Quarta-feira, vinte e três do corrente ano, ele se levantou muito cedo como era de costume, foi para a sua sala de expediente, preparou-se e esperou pela hora de ir celebrar à missa. Notei que ele não tinha demorado pouco, e, como ainda achava-me deitado, desconfiei que ele não tivesse ido a Igreja. Procurei então saber a causa disto, sendo portadora a Edeltrudes, que me disse ter ele voltado por esta se animo de ir dizer a missa. Passou o dia sem sentir sofrimento; sentia apenas fastio a ponto de nada comer. Quinta-feira ele se levantou. Como costumava, às seis horas da manhã e foi para a sua referida sala. A Edeltrudes incomodou-se com isso, e, levantando-se, disse-lhe: ‘vou já onde está meu pai’; e disse-lhe: ‘Meu pai, para que se levanta tão cedo, sem necessidade, e estando tão fraco; é melhor voltar para

⁵¹ Graduado pela Escola Militar, cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1925) e a Escola de Estado-Maior do Exército (1926-1929). Foi oficial-de-gabinete da Junta Governativa Provisória, que dirigiu o país entre a deposição do presidente Washington Luís e a assunção de Getúlio Vargas ao poder após a vitória da Revolução de 1930

⁵² Trabalhou na catalogação de plantas e alguns projetos de estudos de solo da região Amazônica.

a cama' [...] 'vá ver uma coisinha para eu tomar, disse ele' e não quis voltar para a cama; Voltando, achou-o na rede, parecendo que dormia, então ele então virou a cabeça, abriu os olhos, riu-se e disse que estava sonhando com Nossa Senhora da Graça. Edeltrudes não vendo melhora de seu pai, seguiu a noite em busca de senhor Roberval, amigo de leitura de seu pai, dizendo-lhe que o vigário estava com agonia, e já outro portador foi chamar o Pro-pároco da freguesia. O Padre também chegou igual com o senhor Roberval; e, em quanto o confessava, fui a procura do Dr. Rufino Antunes de Alencar Junior, médico que aqui se acha a passeio. Receitou-o e disse-o que alguma esperança ainda havia, mas que a sua gravidade era a idade, pois que ele estava acometido de uma paralisia intestinal. O pro-pároco não lhe deu a extrema-unção, recomendou, porém, que mandássemos bater em sua porta, sendo que seu estado piorasse. Mais tarde, o vigário nos pediu a imagem de N. Senhora; quando recebeu o vulto de N. Senhora da Conceição; beijo-a muitas vezes, colocou-a sobre o peito. Seriam duas horas da madrugada, quando a Mariazinha do Affonso, que estava conosco, disse: 'Edeltrudes, manda chamar o Padre, para dar a Extrema Unção a seu vigário, que já lhe está faltando o pulso'. Fui eu mesmo em pessoa, acompanhado, bater à porta do Pároco, e este veio prontamente. Tomou a extrema unção, como também o escapulário de N. S. do Carmo, pegou na mão do pároco, beijou-a, como que em sinal de agradecimento. Estamos na manhã de sexta- feira, vinte e cinco de mês corrente quando de novo veio o médico, julgou-o nos últimos momentos, aplicou um seringatório, das 5 horas em diante o estado do vigário foi sempre comatoso, mas nunca se ouviu um gemido seu. A atenção dos que o cercavam no leito, era religioso. Faltavam dois minutos para meia noite, quando ele exalou o último suspiro⁵³.

Assim foi o relato do falecimento do vigário José Beviláqua. Clóvis sentiu muito por não estar próximo ao pai nos últimos anos de sua vida, relatos esses expostos em alguns de seus discursos acadêmicos quando recepcionava novos alunos do curso da Faculdade de Direito do Recife.

Sobre a vida acadêmica de Clóvis, sabemos que antes que ele decidisse sua carreira profissional, prestou exame para a Faculdade de Direito do Recife, pela qual se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1882. Na condição de acadêmico, foi escolhido orador em sua turma, representando o pensamento dos seus amigos de faculdade quando o assunto era abolição, política e república. Sua formação política era de um democrata.

Antes de contrair matrimônio com Amélia, exerceu a função de Promotor em Alcântara, pequena cidade próxima de São Luís, à época em que seu sogro, o desembargador Freitas, era presidente da província do Maranhão. Recém-formado, desejava muito o cargo de Promotor. Sua primeira tentativa foi em Aquiraz no Ceará, mas não obteve sucesso. Foi então que conheceu a família Freitas através de João Alfredo, que intermediou junto a seu pai o cargo de Promotor para Clóvis em Alcântara, dando início à sua vida jurídica. Nos primeiros

⁵³ BEVILAQUA, José Benício. [Carta] 31 ago. 1905, Viçosa [para] BEVILAQUA, Clóvis. Carta intitulada "Padecimento, morte e enterro do vigário José Bevilaqua", enviada a Clóvis, Angelino, Euclides e Coló.

dias o recém-promotor expôs sua felicidade em um ofício de agradecimento ao presidente da província. Transcrevemos o documento que enunciava:

Promotoria pública da comarca de Alcântara em 17 de março de 1883
 Tenho a honra de participar a V. excelência que nesta data assumi o exercício do cargo de promotor público da comarca de Alcântara, para o qual fui nomeado por portaria de 13 de março. Estimo por sua confiança de entregar a um inexperiente recém- formado estudante esses cargo de tão grande prestígio e responsabilidade.
 Aproveito a ocasião para fazer a v. excelência os meus protestos da mais alta consideração e respeito.
 Deus guarde a V. excelência Ilmo.
 Sr. Dr. José Manoel de Freitas - M. D. Presidente da província do maranhão
 Do promotor público Clóvis Bevilaqua⁵⁴.

A correspondência relativa a esse fato marcaria o começo de uma grata relação motivada pela admiração de Clóvis “pelo grande homem que fora José Manoel de Freitas, pois se destacava na política, e ramo intelectual do país” e motivado afetivamente pela condição de pai do seu melhor amigo, João Alfredo de Freitas, e de sua futura esposa. Era de seu agrado a ideia de conviver perto de Amélia e da família Freitas. Estava ainda mais distante de sua família e agora também de seus amigos do curso. Silvio Meira sintetiza na sua escrita seu olhar sobre esse novo período na vida de Clóvis. O autor nos conta:

População escassa em uma cidade que já tivera grandeza e ainda conservada os seus traços, os crimes deveriam ser os mais vulgares, e somente furtos às caladas da noite, uma sequência de fatos semelhantes que fazem cair em rotina os órgãos processantes. Estaria essa atividade de acordo com as tendências de Clóvis? Cremos que seu propósito era apenas o de obter um ponto de apoio financeiro, modesto embora, que lhe permitisse estudar para cargos futuros, que era a sua grande vocação e ler os seus filósofos⁵⁵.

Inicialmente, achou propício o ambiente calmo da pequena cidade, onde via a possibilidade de se dedicar ainda mais aos estudos. Somado a isso, a cidade era próxima de São Luís, onde estava sua noiva Amélia Carolina de Freitas. Tudo parecia tornar o ambiente propício, mas após o casamento sentia que aquele cargo, tão desejado por ele, não lhe trazia satisfação profissional plena. Havia mais ideais e não queria como palco de sua vida aquela pequena cidade, onde parecia que a modernidade nunca chegaria. Dessa forma, passou a solicitar licenças para suas longas viagens para São Luís e depois Recife, onde o pai de Amélia assumia um novo desafio, dessa vez a Presidência da Província de Pernambuco.

⁵⁴ BEVILAQUA, Clóvis. [Ofício] 17 mar. 1883, Alcântara - MA [para] FREITAS, José Manoel de., São Luís. Ofício informando que tinha assumido a promotoria da cidade de Alcântara.

⁵⁵ MEIRA, 1990, p. 61.

Assim, com menos de um ano de exercício da promotoria, Clóvis pede demissão do cargo através de um ofício dirigido ao vice-presidente da província do Maranhão, demissão concedida a Clóvis no ano de 1884. Na verdade, ele não realizou muitos trabalhos como promotor devido à frequência de licenças, ora justificadas nas enfermidades, ora por problemas familiares.

Esses são aspectos interessantes da vida de Clóvis e que descobrimos através das fontes pesquisadas. Vimos que sua vida estava ligada ao mundo jurídico desde a juventude, mas ganhou experiência quando se envolveu com questões políticas, ocupando assim lugar de líder entre a sociedade política do Piauí, Maranhão e Pernambuco, bem como seu envolvimento com a imprensa, meio pelo qual divulgou momentos de sua vida profissional e pessoal ao escrever sua opinião.

Ainda através das análises de documentos e escritos continuaremos a falar sobre a união que surge entre as famílias Bevilaqua e Freitas após o matrimônio de Clóvis e Amélia, atendo-nos aos escritos e permanecendo na tentativa de descrevermos a vida do casal, apresentando como se deu a aproximação entre ambos e quais caminhos que os direcionaram a união matrimonial.

2 NAMORAR, NOIVAR, CASAR



FIGURA 7: Casal Clóvis e Amélia.

FONTE: NOBRE, Freitas. *Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

Nada neste mundo teria forças para me fazer deixar de amá-la ou para levar-me a amá-la menos. Nada, a não ser sua vontade. Diz-me você: parece que já está se aborrecendo de escrever-me. Aborrecer-me, eu! Mas, se atualmente eu não tenho outro prazer senão escrever-lhe e ler cartas suas! Não, não pense nisso; nunca mais lhe perpassa pela mente, embora fugitivamente, uma ideia semelhante¹.

É claramente visto nessa declaração da epígrafe, de autoria de Clóvis, como ele declarava seu amor por Amélia em cartas enviadas no início do namoro e que não deixaram de ser dedicadas até após o casamento. Ao mesmo tempo insiste no prazer que sente em escrever-lhe, denotando uma preocupação de manter viva em Amélia a ideia de que nutria por ela profundo amor.

Isso nos permite pensar que no século XIX, o namoro, posteriormente o noivado e o casamento, eram maneiras que as famílias tinham de tecer novas relações com outras famílias e, muitas vezes, juntar fortunas. Daí porque por muito tempo tais práticas estavam relacionadas somente a esse fato e não necessariamente ao amor, mas não genericamente

¹ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 24 jun. 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia: correspondência inédita do jurista Clóvis Bevilaqua para sua mulher, a escritora Amélia de Freitas Beviláqua*. Sobral: UVA/ASEL, 2011. p. 71.

quando nos lembramos da história do casal Clóvis e Amélia Bevilaqua. Neste sentido, este tópico visa mencionar aspectos característicos do namoro, casamento e noivado no final do século XIX e limiar do século XX.

Os diferentes modos pelos quais se podem estabelecer as relações entre os cônjuges e os filhos determinam várias formas de família. Uma delas depende, diretamente, das modalidades que revestem a união conjugal. Outras procedem já das relações de dependência, parentescos e autoridade que se tecem entre os membros familiares. Daí as formas configuradas dos primeiros tempos, o patriarcado, e o tipo de família que vai se ajustando ao final do século XIX para adentrar no século seguinte que se poderia chamar igualitária, embora a sociedade doméstica, à semelhança de todas as outras, tenha necessidade de um chefe, ao menos em algumas situações e que ainda seja o homem.

Como sabemos, a mulher na sociedade patriarcal sofria imensos desprazeres cotidianos, principalmente porque era vítima do jugo masculino, que impunha diversas normas. Neste sentido, quando alguma mulher questionava o poder masculino, infelizmente sofria diversos preconceitos, sendo que muitas vezes a família e o próprio marido usavam algum tipo de coerção para inibir determinados desejos, para mantê-las sempre à mercê de imposições.

Entre as diferentes imposições sofridas pelo segmento feminino, podemos destacar as relações entre homens e mulheres que resultavam no casamento. A mulher, muitas vezes casava-se não por amor, mas sim por obrigação. Desta maneira, eram silenciadas, excluídas, vitimadas, primeiro pela família, posteriormente, quando casava, eram subjugadas pelo marido. Importante frisar que a Igreja Católica desempenhou uma importante função no decorrer dos séculos, qual seja, a de legitimar as imposições do marido e, algumas vezes, permitir posturas rígidas sobre a mulher.

A Igreja então impunha que o lugar social da mulher era em casa, cuidando dos filhos e do marido, sendo obediente e não questionando qualquer determinação ou ato masculino, justamente porque era delegado ao homem ser o chefe da família e ter o poder de decidir sobre as mulheres. Estas tinham que se contentar meramente em ser donas do lar, pois questionar seria visto como uma audácia e poderia ter consequências negativas. Então, excluídas na sociedade patriarcal, muitas não tiveram coragem cogitar novas possibilidades de resistência pelo medo, mas, principalmente, porque não viam oportunidades de exporem seus pensamentos e desejo mais profundos, assim aprenderam que o certo seria a obediência.

Obviamente, no decorrer da história, temos mulheres que lutaram para conseguir vencer a imposição masculina e para romperem com a subjugação. Se olharmos para o limiar

do século XX, veremos que algumas transformações já estavam gradativamente ocorrendo, fato que permitiu o questionar de mulheres com relação ao poder masculino e às imposições da sociedade patriarcal.

O advento do cinema, de novas sociabilidades, novas condutas e novos hábitos permitiu então, que as mulheres começassem a agir em prol de melhorias no sentido de romper o invólucro masculino de poder. No limiar do século XX, o patriarcado ainda constituía uma forma familiar consistente e definida. Repousava sobre a autoridade de um chefe despótico, sendo ao mesmo tempo, o ascendente mais velho, ao menos em regra geral, e o pontífice do grupo a que preside.

No entanto, foi no decorrer do século supracitado que uma forma mais igualitária começou a surgir e com o passar do tempo foi se acentuando melhor para satisfazer às novas necessidades que iam se desencadeando, assim como para dar maior expansão à vida física, econômica e moral do indivíduo.

Antes a família era constituída pela associação do homem e da mulher, em vista da procriação e da necessidade de criar filhos. Mais tarde essa mesma família passa a ser consolidada pelos sentimentos afetivos e pelo princípio da autoridade garantida pela religião, pelos costumes e pelo direito do homem sobre a mulher. É fácil ver que a família se torna potente foco de onde irradiam múltiplas relações, direitos e deveres, que é preciso conhecer e firmar. É um círculo no qual se agitam e se movem ações e reações, estimuladas por sentimentos e interesses pessoais que lhes emprestam feições suficientemente caracterizadas para exigirem uma distribuição do direito individual e privado, dentro e fora do lar, mas ainda guiados por costumes e ações que tratam com diferença o homem e a mulher. Clóvis Bevilacqua, discorrendo sobre o matrimônio e os direitos que circundam essas relações, cita no seu livro *Direito da Família* que:

A regulamentação do casamento, seus feitos pessoais e econômicos, sua duração e dissolução, a determinação do parentesco, do dever alimentar, do pátrio poder, da tutela [...] são os enfeixamentos das relações principais, que se originam da família e cujo exposição pertence a esta parte do direito civil-a que se dar o título de direito da família².

A família constitui-se pelo casamento que até o século XIX era regulamentado e precedido pelo contrato pelo qual duas pessoas “de sexo diferente, se prometem, uma a outra, em casamento”³. Esse pacto nem sempre foi uma promessa recíproca, tendo apresentado

² BEVILAQUA, Clóvis. *Direito da família*. 9. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1952. p. 22.

³ BEVILAQUA, 1952, p. 27.

diversas faces ao longo da história do casamento, como a negociação da mulher onde havia uma “compra”, um pagamento em dinheiro para a concretização do enlace. A princípio realizou-se, segundo a historiadora Alzira Lobo de Arruda Campos (2003), entre a família do noivo e a família da noiva ou entre os chefes das respectivas famílias e, só mais tarde, apresentou-se em forma de contrato entre os futuros consortes, para reduzir-se, em alguns sistemas jurídicos, a um simples ajuste de casamento, “que não transpõem, senão indiretamente os termos das relações extrajudiciais”⁴.

Considerando a eficácia do casamento como instituição em vários sistemas jurídicos, Clóvis Bevilacqua determinou que “o pacto é munido de uma sustentação energética: a coação ao casamento ou a represália da família”⁵. Ao passar do tempo, Arruda Campos comenta que as negociações que envolviam o enlace matrimonial e vitimavam a mulher como mercadoria, foram recebendo novas nomeações, mas a atuação do pai ainda concretizava o aspecto mercantil do matrimônio, dentre eles o dote que, dependendo do trato ou contrato, teria do pai o poder decisório. Assim,

Os grandes dotes estimulavam os homens a casar-se e os casamentos acrescentavam genros à família, ao mesmo tempo em que ajudavam os filhos a se estabelecer. Diante de tantos recursos em jogo, é claro que o casamento era arranjado, não só pelo pai, mas por ambos os genitores. De qualquer modo, a família da noiva era sempre mais influente no arranjo, determinando onde o casal iria morar e na fiscalização sobre como os bens eram administrados⁶.

Resolvido dessa forma a questão econômica, posteriormente se dava a confirmação do compromisso de futuras núpcias que se materializava pela simples troca de anéis entre o casal e pela firmação do compromisso, como explica Alice Canabrava⁷. Havia casos de compromisso com a troca de anéis em crianças, onde esse “ritual” constituía uma verdadeira forma matrimonial indissolúvel embora dispensando a assistência de um sacerdote e de um contrato escrito que era a promessa do futuro casamento.

Marcadamente, o casamento deveria ser contraído pelas pessoas hábeis, isto é, maiores de sete anos e desimpedidas do enlace matrimonial. Os pais dos menores de idade realizavam em seus nomes um contrato escrito para demonstrar seus consentimentos. E quando o futuro

⁴ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Casamento e família em São Paulo colonial: caminho e descaminhos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. ?.

⁵ BEVILAGUA, 1952, p. 31.

⁶ CAMPOS, 2003, p. 52.

⁷ CANABRAVA, Alice Piffer. *História e Economia. Literatura Econômica*, v.7, n. 1, 1985.

casal era maior de vinte e um anos ocorria o dever de solicitarem o consentimento de seus pais para a realização do matrimônio, porém a recusa dos pais não produzia nenhum efeito.

Existiam outras formas de compromisso, como o contrato esponsalício que vem dos esponsais, pontuado por Bevilaqua como uma “espécie de contrato pelo qual duas pessoas de sexo diferente se prometem, uma a outra, em casamento”⁸. Para Clóvis, o casamento é a regulamentação social do instinto de reprodução, onde ele caracteriza o matrimônio pela duração prolongada ou não da união em que se acham o homem e a mulher. As formas rudimentares e grosseiras aparecem com os primeiros homens que tiveram de viver em agrupamento social, unidos muito mais pela necessidade que por afeto.

O estudo do casamento no Brasil nos traz inúmeras linhas de abordagens, dentre as quais lançamos nosso olhar para as questões voltadas para as relações afetivas e isso nos levou a particularizar a figura feminina dentro dessa análise. Temos em vista que “o casamento implicava em muitos interesses materiais, [...] entre os quais estava o dote, por isso, entre as famílias de posses, o casamento era considerado primeiro como um negócio e, secundariamente, com um assunto sentimental”⁹. Assim, a existência ou não do dote definia, muitas vezes, o futuro conjugal de uma mulher em face dos costumes adotados no recorte temporal de análise deste trabalho.

Como já havíamos exposto, ao longo da história, as mulheres foram vítimas de intensos preconceitos e discriminações. Neste sentido, eram relegadas a estarem somente no ambiente familiar na companhia de sua família. No Brasil, não seria diferente, pois durante muito tempo os valores patriarcais predominaram na sociedade e impuseram ao seio feminino diversas restrições que subjugavam e, muitas vezes, feriam seu orgulho ao serem privadas das liberdades individuais. Ana Silva Scott, ao discutir as relações familiares existentes no Brasil no âmbito da sociedade patriarcal, pontua que:

Por muito tempo, ao longo da história do Brasil, os valores patriarcais que remontam ao período colonial, foram referência quando o assunto é família: pressupunham a ideia de submissão de todos (parentes e/ou dependente) que estivessem sob o poder da pater famílias. Na ordem patriarcal a mulher devia obedecer ao pai e ao marido, passando da autoridade de uma para o outro através do casamento monogâmico e indissolúvel. O domínio masculino era indispensável. Os projetos individuais e as manifestações de desejo e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando que

⁸ BEVILAQUA, 1952, p. 14.

⁹ ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. p. 25.

importava era o grupo familiar, e dentro dele, a vontade de seu chefe, o patriarca era soberana¹⁰.

Sabemos que a vontade do homem era o que determinava todo tipo de prática e representações que existiam na sociedade. Dessa forma, por um longo período as mulheres foram adestradas, no sentido de ficarem quietas perante as diferentes formas de dominação, subjugação, humilhação. O amor, esse sentimento que costumamos idealizar, onde o homem é honesto, fiel, companheiro e que busca satisfazer sua amada, praticamente não existiu por um longo período na sociedade brasileira. Nesse contexto, o dote “expressava uma forma sutil de ‘violência simbólica’, fazendo com que fosse interiorizado pelas mulheres os dispositivos que asseguravam sua submissão, mantendo-as em permanente estado de insegurança econômica, corporal e moral caso não estivessem sob a tutela masculina”¹¹.

O patriarca era o soberano. Olhando por esse aspecto, o amor conjugal não se constituía uma meta, algo a ser desejado pelo homem que muitas vezes só se importava em estabelecer vínculos conjugais com mulheres que pudessem trazer algum benefício econômico. A escolha do prestígio social também se relacionava ao pertencimento da mulher a um determinado grupo familiar. Tal aspecto é importante de ser enfatizado. Uma mulher pertencente a uma boa família possibilitaria ao futuro esposo um status social elevado. Contudo, essa característica era apenas uma das várias funções que o casamento feito por interesse e necessidade do homem podia ter. O enlace matrimonial podia ter ainda outras funções, tais como justificar a condição do homem como chefe de família, ser subjugador, autoritário, sendo que o relacionamento conjugal era permitido somente para fins de procriação, assim não se constituía um pecado mortal. Segundo Foucault,

[...] o casamento não é mais pensado somente como uma forma matrimonial, fixando a complementaridade dos papéis na gestão da casa, mas também e, sobretudo enquanto vínculo conjugal e relacionamento pessoal entre o homem e a mulher¹².

Dessa forma, tanto o homem como a mulher tinham papéis para seguir. O sexo na relação conjugal era considerado algo promíscuo, pois o calor em excesso podia gerar doenças e enfraquecer a descendência. No Brasil, o casamento era uma tradição incentivada, pois se constituía um caminho para o aumento da população que era algo positivo. Havia uma

¹⁰ SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-16.

¹¹ ABRANTES, 2010, p. 11-12.

¹² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal. 1885. p. 152.

necessidade de que o número de indivíduos crescesse e mais territórios fossem ocupados. Neste sentido, o casamento ajudava a enfraquecer fatores que pudessem contribuir, por exemplo, para o celibato religioso.

A Igreja Católica ditava um julgamento e aplicava caso houvesse um envolvimento entre pessoas leigas com clérigos. Se observarmos os pais de Clóvis Bevilaqua, veremos uma situação interessante que pontua bem essa questão. O vigário José Beviláqua se uniu com D. Martiniana Maria de Jesus, que se ressentia muito por viver nesta situação. Como o vigário era um homem respeitado pelos moradores locais, no sentido que os ajudava com empréstimos, doação de terras, em negociação de famílias recebendo em troca outros bens materiais, a Igreja não impunha ao vigário julgamento, até mesmo porque essa situação era de certa forma normal em cidades pequenas e menos desenvolvidas.

Convém pontuar que Martiniana vinha de um casamento não consolidado no ato sexual com seu primo, que partiu logo após a cerimônia. No entanto, essa fuga após o casamento foi um plano do Vigário José Beviláqua, que chegou a pagar a quantia de 30 mil contos para que a cerimônia fosse realizada e posteriormente o noivo desistisse da união como um fugitivo. Tal fato pode ser um meio interessante para refletirmos sobre as condutas e ações do passado criadas por determinados segmentos para que no futuro pudessem usufruir de determinado status. No caso de José Beviláqua, tal ação propiciou que ele fosse visto na história como um protetor de uma mulher abandonada e recém-casada, vítima da malvadeza e despeito masculino.

Todavia, ao longo da História, nem sempre havia posturas condizentes com relação ao enlace matrimonial. Muitas vezes as leis sobre a necessidade de consolidação e reafirmação do casamento eram impostas com dureza, havendo necessidade que as famílias cumprissem o que era determinado pela Igreja Católica. Segundo Alzira Lobo Arruda Campos,

As leis sobre a família podem em geral ser definidas como um conjunto de leis relativas à sua organização. No passado, muitas delas estavam intimamente conectadas com o direito de propriedade e de sucessão, criados pela transferência da mulher para a família paterna para o poder e guarda de seu esposo. As questões econômicas e de propriedade, envolvidas pelo casamento, estiveram na origem da legislação da família e compreenderam conceitos relativos à sucessão, custódia e legitimidade da prole, estatuto pessoal dos membros do grupo doméstico, sempre relacionados com estruturas de poder e de interesse econômicos¹³.

¹³ CAMPOS, 2003, p. 64.

Tais leis vinham das numerosas coletâneas eclesiásticas que continham normas providas dos concílios e pontífices. O casamento era considerado um matrimônio que deveria durar para sempre, havendo então a obrigação de se cumprir a promessa feita durante o enlace. Se para muitas mulheres que viveram na sociedade patriarcal o casamento poderia causar infelicidade, sabemos que com Amélia Bevilaqua foi diferente. Feliz com sua escolha, após o casamento teve maior liberdade de expor suas ideias e preferências justamente porque Clóvis fazia questão de que isso ocorresse.

Gradativamente, começaram a ocorrer mudanças nas relações matrimoniais no século XIX. No entanto, o patriarcalismo ainda envolvia toda a família e membros, que eram dependentes e subordinados aos desejos do representante masculino, ou seja, a figura do pai, pois os valores do patriarca se constituíam como referência para a organização familiar. A mulher ainda vivia sem poder impor sua opinião e ficava à mercê da ordem masculina do chefe familiar, primeiro o pai e depois o marido. Normalmente, não havia grande espaço para as mulheres idealizarem projetos individuais ou até mesmo manifestarem seus desejos e seus planos, pois o que estava reservado para o sexo feminino era o plano matrimonial tratado pelo representante da família, longe das preocupações com os sentimentos femininos.

No século XIX, o casamento começa a apresentar uma nova formulação. Foi reconhecido pelo Estado e pela Igreja, dando lugar assim ao amor romântico. Em face dessas mudanças, podemos pensar que o matrimônio do casal Bevilaqua se colocou entre dois períodos, onde de um lado as regras sobre o casamento exigiam o cumprimento das etapas exigidas para o homem e para mulher e que eram caracterizadas pelos costumes tradicionais da sociedade brasileira e, por outro lado, o casal teve seu enlace conduzido por sentimentos e respeito, fugindo das obrigatoriedades que tradicionalmente envolviam o casamento oitocentista.

Podemos dizer, assim, que o amor romântico em determinado período ganhou espaço nas relações conjugais, através da literatura e de um conjunto de outras transformações sociais que permitiram um refinamento do tratamento entre o casal. Em conformidade com Campos, “A cordialidade se tornou mais requisitada enquanto discurso e prática, tanto para criar como para manter os vínculos matrimoniais”¹⁴, denotando uma mudança nos padrões de condução da constituição do casamento.

¹⁴ CAMPOS, 2003, p. ?.

2.1 Namoro de perto, namoro de longe

Quisera que minhas palavras tivessem a doçura de um favo de mel, as minhas carícias a maciez do arminho e o ardor da brasa para que bem pudessem traduzir-te a imensidade deste amor que te consagro; quisera ser todo lábios para num beijo ardente, que te envolvesse toda, fazer-te sentir, como numa pilha elétrica, o choque do meu amor.

Feliz serei se acreditares na verdade do que deixo escrito e que sempre, viva ou morta, me possuirás a alma de tal forma que eu jamais saberei se no mundo há outra mulher¹⁵.

O fragmento acima evidencia o amor idealizado por Clóvis ao conhecer Amélia, registro feito em cartas e que mostra o outro lado das relações da sociedade vigente, que via no casamento uma forma de negociação ou de uma via segura para a permanência da história de uma família. Neste sentido, ressaltaremos neste item reflexões acerca do namoro de perto e também do namoro de longe, o qual ocorria especificamente por cartas, já que era a principal forma de comunicação vigente na época.

Ao destacarmos aspectos relacionados ao casamento, visto como uma união não necessariamente feita somente por causa do amor, percebe-se que muitas mulheres sofreram com as imposições de seus cônjuges. Todavia, como sabemos, toda regra tem exceções. Por mais que a sociedade fosse patriarcal, ainda assim existiram mulheres que conseguiam se casar e estabelecer laços de amor, carinho, companheirismo e fidelidade.

Olhando por esse viés, no limiar do século XX, Amélia e Clóvis Bevilaqua constituíram um casamento diferenciado: primeiro eles casaram-se por amor, sentimento que fazia florescer o respeito, dedicação, compromisso e fidelidade; segundo, ambos não estavam preocupados em seguir determinados padrões da época, os quais mencionavam que o lugar da mulher era em casa cuidado dos filhos e do marido.

Na verdade, Amélia e Clóvis Bevilaqua constituíam-se realmente como um casal diferenciado, pois fugiam em alguns aspectos do tradicionalismo, principalmente porque, segundo alguns dos seus biógrafos e ao mesmo tempo pessoas que eram do convívio íntimo do casal, ambos queriam demonstrar sua felicidade e o fato de não se importarem com

¹⁵ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] [para] BEVILAQUA, Amélia. Correspondência meses depois do casamento.

determinadas convenções ou tradições, pois na residência do casal havia um clima amistoso de não subordinação de um cônjuge a outro.

Exemplo disso ocorre quando observamos as relações cotidianas do casal e vemos que Clóvis, por exemplo, fazia questão de sempre andar com sua mulher, Amélia, nos mais diferentes lugares, inclusive em ambientes masculinos. Assim era comum a presença de Amélia em reuniões da Academia Brasileira de Letras e Associação dos Advogados Brasileiros. Ao socializar com sua mulher em diferentes espaços, fica então evidente o orgulho que Clóvis tinha de ter uma verdadeira companheira ao seu lado, que fugia dos padrões convencionais da época, cúmplice de seus projetos, uma intelectual das letras que gostava de escrever e de ajudá-lo em seus escritos.

Dessa forma, com todas as características e sua personalidade marcante, Amélia, através do casamento e da ligação intelectual com o jurista, realizou-se como mulher, mãe e escritora. Ao lado de seu companheiro participaram de conferências e eventos intelectuais como o Congresso Científico Latino Americano que aconteceu no Rio de Janeiro, onde Amélia substituiu o marido e proferiu um discurso sobre a educação.

Mas quando falamos em ajuda, não nos referimos somente ao apoio financeiro. Queremos dizer que Clóvis propiciava para Amélia o florescer de uma mulher que pudesse demonstrar aspectos de sua personalidade e realizar-se profissionalmente como uma escritora, divulgando sua escrita no meio intelectual que, na sociedade patriarcal e eminentemente masculina do limiar do século XX, era restrito e em muitos casos só era possível para o segmento feminino que estivesse em meio social privilegiado e, como no caso de Amélia, conseguisse realizar um matrimônio onde o marido pudesse propiciar além de uma boa qualidade de vida, a realização de desejos e sonhos.

Interessante pontuar que o amadurecimento do amor entre Amélia e Clóvis, que se conheceram, mas logo foram afastados, teve uma ajuda primordial das cartas quando ele volta para concluir seus estudos em Recife e Amélia continua com sua família no Maranhão. Assim, o casal teve que manter o compromisso por correspondências.

Desse modo, além de cartas¹⁶, o casal se serviu de outros meios para conduzir a relação mesmo à distância. Assim os cartões postais foram usados pelo casal e deles se serviram também para a comunicação com amigos e familiares. Nós analisamos um número consistente de cartões postais, bem como as cartas e por isso podemos dizer que tais vínculos de comunicação:

¹⁶ Temos em mãos 18 cartas do casal de diferentes períodos, desde o namoro até os últimos anos de vida do casal.

Foram poderosos instrumentos de trocas sociais que moldaram não apenas as regras de amizade entre rapazes e moças em nossas cidades de outrora, mas orientam seus códigos de namoro e de noivado para finalmente conduzi-los ao casamento e a formação de suas famílias de procriação. Os cartões postais expressavam formas de sociabilidades entre moças e rapazes e a preservação da honra do jovem, cuja conduta deveria se pautar pelo recato e pelo pudor nas suas relações na espera pública¹⁷.

Observamos através desta citação que os cartões postais foram um veículo bastante utilizado por diferentes casais, justamente porque propiciava códigos de namoro que poderiam desencadear um enlace no futuro. No caso dos enamorados Amélia e Clóvis, os cartões postais eram muito mais usados por ela. Clóvis tinha uma escrita marcante, mas dizia que preferia quando recebia cartas de sua amada que não se limitavam às conversas íntimas entre os dois, mas que mostravam-se como meio de comunicação para outros debates.

A história de amor e companheirismo entre Amélia Carolina de Freitas e Clóvis Bevilaqua teve como cenário inicial o estado do Maranhão em meados dos anos 1881 e 1882 quando Clóvis, companheiro de estudo na Faculdade de direito em Recife e amigo de João Alfredo, irmão de Amélia, vem visitar a família Freitas. Algumas versões foram levantadas sobre o primeiro encontro do casal, assim escolhemos como versões oficiais a descrita pelo próprio casal em uma entrevista dada ao repórter Hildon Rocha em 1923. O encontro foi marcado com a atitude heroica de Clóvis em salvar Amélia que banhava em um rio da Vila do Rosário no Maranhão. Clóvis descreve de forma informal para o repórter que Amélia

Estava com outras moças tomando banho no riozinho da cidade, circundada de árvores densas, que separavam o banheiro público das moças do outro próximo, o dos rapazes. De repente as moças começaram a gritar, pedindo socorro. Uma delas estava morrendo afogada. Amélia continua: E entre os rapazes, o mais discreto e o mais tímido colocou a solidariedade além das conveniências. E se atirou nadando para o banho das moças.¹⁸

O salvamento foi uma coincidência feliz, pois, Clóvis nem sabia que aquela moça em perigo era irmã de seu melhor amigo, assim como salvador da vida de Amélia, Clóvis conheceu a família Freitas, parecia predestinado aquele encontro, tinha o afeto e respeito de João Alfredo e agora também de toda família e o sentimento de Amélia não poderia ser diferente. Mulher ainda solteira apesar de seus vinte e um anos, Amélia vivia com sua família,

¹⁷ ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Uma história de amor a antiga através dos cartões postais. *Iluminuras*, São Paulo, v. 9, n. 22, 2008. p. 3. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/9326/5394>>. Acesso: 12 de março de 2016.

¹⁸ ROCHA, H. *Memória indiscreta*: de Getúlio, Juscelino, Prestes, etc. a Drummond, Vinícius, Bethânia, etc. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

em São Luís, onde seu pai era Presidente da Província. Ser solteira naquele período era uma idade avançada para uma mulher. Diante disso, sabemos que a “mulher sozinha” numa sociedade que era guiada para a união de casais, era vista como objeto de piada e medo das mulheres casadas ou comprometidas e também de vergonha no meio social e familiar. O casamento e todo o compromisso em volta dessa união eram idealizados por parte da sociedade vigente e caracterizados muito mais pelas conveniências sociais que por sentimentos entre homem e mulher.

No caso de Amélia e sua união com Clóvis, como podemos perceber nas correspondências do casal, houve desde o início respeito e o começo de uma cumplicidade. Não foi assim uma relação forçada, nem guiada pelas normas sociais em relação ao matrimônio. Na escrita das cartas percebemos, além das demonstrações dos sentimentos, certa ousadia no uso das palavras diferente do que se esperava para esse tipo de correspondência no período. O amor que amadureceu entre o casal foi admirado e comentado por pessoas próximas a vida íntima dos cônjuges, eles viveram juntos mais de até que a fatídica morte os separasse, foram somente meses para que o enlace matrimonial acontecesse.

Convém pontuar que, esse tempo entre o encontro e o casamento foi marcado pela distância entre o casal, Clóvis voltou para Recife onde ainda se bacharelava na Faculdade de Direito de Recife e Amélia ficou com sua família em São Luís. Só restava assim, para os enamorados o artifício das cartas, que eram um espaço de intimidade e de conhecimento para o casal que precisavam se conhecer e por que não dizer que esse amor foi construído a partir do jeito de sentir as palavras. Ao lermos algumas dessas cartas notamos certa transparência e liberdade nos sentimentos, ainda não comum pelo os casais daquele período, ainda estávamos no século XIX, onde essa exposição de sentimentos como afeto, carinho e saudade não configuravam a união tradicional em parte das relações de nossa sociedade. Apesar de ser ainda uma época de restrições em expor seus desejos e encantos, o casal se permitia a usar a escrita para consolidar o seu amor. A exemplo dessa escrita escolhemos a declaração de Clóvis quando se refere aos conteúdos de algumas cartas

Adeus. Eu escrevo as minhas cartas para você como quem conversa, sem método, sem concatenação, sem mesmo pensar no que disse nem no que vou dizer. Escrevo-te com liberdade de te falar-te o meu pensamento e meu carinho Não lhe peço disso desculpa, porque eu sempre lhe peço que faça comigo outro tanto.¹⁹

¹⁹ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] maio 1882, Recife [para] BEVILAQUA, Amélia.

A riqueza de detalhes encontrada nas cartas dos enamorados nos ajuda a perceber como se deu a construção do amor entre o casal, essas cartas não eram correspondências muito próximas uma das outras pois dependia da passagem do trem numa cidade distante da capital como Alcântara, cidade onde a família Freitas passou algum tempo naquele local, para Clóvis havia a oportunidade de morar na capital Pernambuco e a frequência maior de transporte pois o vapor passava três vezes por semana mesmo assim era reclamado por seus familiares e por sua namorada a ausência de suas notícias. Na carta abaixo Clóvis responde as reclamações de sua amada sobre a ausência de cartas dedicada a ela, assim ele escreve:

Minha boa e querida Amélia,

Permita que a trate desse modo. Tenho em meu poder, que ainda não foram respondidas, duas mimosíssimas cartas suas, das quais a última tem a extensão que (eu desejava) todas deviam ter, mas que eu reconheço não merecer.

Demais amo-a com sinceridade e em extremo bastante para considerar um crime qualquer motivo de dissabor que lhe possa dar, mesmo em pensamento. Portanto, se só à custa desse sacrifício é que posso ter a felicidade de ler uma carta do tamanho da sua última, renuncio a esta felicidade. Você faz justíssimas encrespações pela brevidade de minhas missivas e a demora de minhas respostas. Reconheço-lhe para isso toda razão e todo direito, direito que eu afirmo ser inteiro e pleno e que alegro-me vê-lo sendo cobrado. Tanto é isso verdade, que não acho fundamento nas desculpas que você não pede por ter-me falado com alguma franqueza. Se é franqueza, completa franqueza, abandono de etiquetas e formalidade o que mais ardentemente desejo que se estabeleça entre nós dois, o que eu instantemente lhe peço! Sim, toda vez que eu andar errado, como eu reconheço ter andado agora, diga-o francamente, positivamente. Verei nisso simplesmente uma prova da afeição que me dedica você.

O que, porém, eu desejo que você bane de sua mente é a suposição que vejo formulada em sua última carta em relação à intencionalidade da estima que lhe tenho. Nesse ponto não é injusta.²⁰

Por mais que algumas cartas escritas por Amélia tenham se perdido, podemos inferir o conteúdo destas a partir das respostas de Clóvis às reclamações feitas por ela. A ausência de cartas escritas por Amélia se deu pela preocupação de Clóvis em se desfazer dessas correspondências, ação comum entre casais enamorados da época estudada, pois as proximidades entre o homem e a mulher eram limitadas por suas famílias ainda conduzidas pelos costumes e tradições que pregavam o distanciamento do casal até o casamento era comum. Do mesmo modo, Clóvis pedia para Amélia tivesse a mesma preocupação, porém ela as guardou com o carinho que tinha por seu namorado. São essas cartas que restaram dessa

²⁰ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 24 jun. 1882, Recife [para] BEVILAQUA, Amélia.

comunicação entre o casal antes do casamento e que nos dão acesso à história que nasceu ela cumplicidade materializada nessa escrita.

Nesse sentido, percebemos em parte dessas cartas que o casal reciprocamente trocava opiniões sobre suas produções. Percebemos uma forte marca do envio de cartas de Clóvis para Amélia, demonstrando o quanto seu amado considerava importante a sua opinião acerca de sua produção. As correções propostas por Amélia certamente eram motivo para fomentar o diálogo entre os dois. A exemplo disso, encontramos a escrita de Clóvis demonstrando admiração pelas correções de Amélia, como segue:

Sabe por que conservei esses erros? É uma tolice minha. Eu queria ter a certeza de que existiam erros no meu pequeno conto para pedir que você corrigisse. Tudo isso por um motivo muito simples: - eu queria ter o prazer de ser emendado por você. Aí está a causa. No dia em que você me dissesse: isto não está certo, aquilo devia ser escrito de outro modo, eu ficaria contentíssimo. Na “fantasia” ele diz que foi escrito com um “e” no final. Você, porém, foi muito delicada; fez as correções em silêncio. Eu agora, visto como o meu plano não surtiu o efeito desejado, faço a reflexão que aí fica, para que salve os demais defeitos involuntários não vão estes cometidos com ciência e consciência.²¹

Essa prática dividida entre o casal foi usada mesmo depois do casamento. Em suas produções havia a presença e influência mútua que lembrava uma escrita a quatro mãos. Foi assim que surgiu entre outros trabalhos o livro intitulado *Literatura e direito* produzido em 1907,²² que possuía escritos a respeito do mundo jurídico escrito por Clóvis e a produção literária de Amélia.

O casal usa em suas produções algumas de suas páginas para homenagear seus familiares e amigos e no caso de Clóvis dedicava no final de seus livros bilhetes para a sua esposa, foi assim no livro *Frases e fantasias* de 1894, esclarecendo quanto a sua não pretensão em divulgar esses trabalhos literário

São estas as últimas páginas deste livro onde derramei por tantas vezes e fortemente derramei a seiva de meu coração. O livro é teu, somente teu. As frases ingênuas e sinceras, todas as ternuras que vasei dos seios d’alma são tuas somente tuas. Demais eu escrevo, como tenho sempre dito, para você e somente para você. É como se escrevesse para mim, o que quer dizer que tenho toda a liberdade de escrever como me parecer melhor, pouco me importando os defeitos que os outros lhe notem.

²¹ LIRA, 2011, p. 45-47.

²² Livro que infelizmente não tivemos acesso, porém encontramos cadernos com escritos particulares de Clóvis onde havia parte de alguns de seus trabalhos, dentre eles citações do livro *Literatura e direito*, esses cadernos eram usados para rascunhos de suas produções como eles mesmo chamavam era álbuns onde registravam suas produções.

Clóvis²³

No que diz respeito a sua escrita o jurista confessava a Amélia seus anseios e sua insegurança quando sua escrita não era no campo jurídico, para ele sua esposa era sua confidente e sua leitora tinha liberdade de expressar um lado de seu talento que não era conhecido por seus contemporâneos.

Contudo, já no Rio de Janeiro, Clóvis, publica alguns livros que registram a sua produção literária. Parte desses trabalhos são coletâneas de escritos dedicados a Amélia quando ainda eram enamorados e mais tarde às filhas, momentos distintos de sua vida, dentre esses, identificamos em suas cartas para Amélia pedido de opinião sobre determinado conto e novela que havia escrito e outras vezes Clóvis comentava sobre a conclusão de algumas produções escrita pelos dois, mesmo à distância.

Respondo à sua carta de 11 de Maio.

Fico satisfeito porque V. me diz que gostou muito daquela fantasia em francês que lhe enviei. Ainda mais mereci, quero dizer, mereceu a minha historieta a honra de ser contemplada em seu mimoso livrinho de lembranças, para ali foi transladada por sua própria mão. Agradeça-lhe por mim e pela terna *Lalie*, que comigo não esperava tamanha distinção.

Você, que copiou essa pequena fantasia, com certeza o fez depois de corrigi-la como eu o pedi. Não foi? Que tinha erros eu sei que escrevi propositadamente *três*. Alguns outros haveria, nascidos de inadvertência ou mesmo ignorância, mas tudo isso fica a seu inteligente cuidado fazer desaparecer. Os que são propositais são os seguintes: A palavra *parfum* está escrita com mais um e; na frase – *ele lesavaittro véés touteseule*– o particípio está no singular (*trouvé*), quando devia estar no plural; na locução *aubouthá* um *o* de menos. Os mais que você encontrar é devido ao descuido ou à *insciência*, eu ignoro-lhes a existência.²⁴

O companheirismo do casal era percebido em suas correspondências e dentro dessa análise percebemos também certa dependência em relação às suas produções, parece-nos que foi exatamente esse ponto que fez crescer a amizade e respeito entre o casal que dedicava parte de sua vida aos estudos e a divulgação de seus trabalhos.

Podemos pensar como o talento de Clóvis para escrever o ajudou a conquistar Amélia, pois ela aguardava ansiosa as correspondências enviadas por ele, o que ela desejava ele atendia com dedicação. Como de costume Amélia enviava para Clóvis inícios de contos e Clóvis dava continuação, prática do casal em suas produções. Na carta abaixo ele explica a falta de um romance que ainda não terminou para sua amada

²³ BEVILÁQUA, C. *Phrases e Phantasias*. Recife: Hugo & Co. Editores, 1907. p. 4.

²⁴ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 11 maio 1882, Recife [para] BEVILAQUA, Amélia.

Estou lhe enviando algo que refletiu em meus pensamentos sobre ti, e se, pois tem algum mérito o que escrevi; ele reverte todo sobre o que o inspirou, as suas flores, a sua carta e mais que tudo a lembrança de que lhe podia ser agradável. Não é, portanto, o romancinho que eu lhe prometi, como você supôs. Sobre esse eu vou lhe contar uma história que é a causa do seu retardamento em seguir o destino que eu lhe havia dado. Escrevi em primeiro lugar sobre o assunto daquelas bonitas páginas que você mandou-me. Apenas estava mais ampliada a história que ocupava um número de páginas mais ou menos igual ao de Angelina. Rasguei-o, porém, porque não podia ir ter às mãos de outrem que eu não desejava. Depois escrevi outro que saiu com um tom pedantesco e teve a mesma sorte que o primeiro. Finalmente escrevi um terceiro em que procurei ser mais simples e mais naturalista. Isto é, procurei banir os devaneios e dar o tom comum da vida real. Isso fá-lo perder o interesse, mas não importa, quando os romances de hoje, se há uma coisa que procuram abolir, é certamente o enredo. Demais eu escrevo, como tenho sempre dito, para você e somente para você. É como se escrevesse para mim, o que quer dizer que tenho toda a liberdade de escrever como me parecer melhor, pouco me importando os defeitos que os outros lhe notem.²⁵

Clóvis tinha o cuidado de esclarecer que sua escrita era algo particular aos dois por mais que ele soubesse que a namorada colecionava em seu álbum esses contos e romances e foi através desses álbuns que apreciamos alguns contos e romances inéditos do casal.

Ainda em uma época onde a mulher deveria se manter preservada da proximidade e intimidade com o seu pretendente, percebemos através das respostas de Clóvis nas correspondências que analisamos que Amélia se portava de forma menos reservada nas cartas que escrevia para Clóvis, cobrava do noivo mais atenção e reclamava que não era respondida em todas as suas cartas, se mostrando algumas vezes insegura em relação aos sentimentos do noivo, a carta que segue mostra uma delicadeza nas explicações de se noivo para tranquilizar Amélia

Sei que incorri nas censuras que você mui delicadamente me fez, confesso-me culpado, reconheço o meu erro e por isso não me defendo, porque seria negar a verdade, porque seria fechar os olhos à justiça. Mas duvidar de mim, isso não, não deve fazer [...] Demais amo-a com sinceridade e em extremo bastante para considerar um crime qualquer motivo de dissabor que lhe possa dar, mesmo em pensamento. Sim, toda vez que eu andar errado, como eu reconheço ter andado agora, diga-o francamente, positivamente. Verei nisso simplesmente uma prova da afeição que me dedica você. O que, porém, eu desejo que você bane de sua mente é a suposição que vejo formulada em sua última carta em relação à intencionalidade da estima que lhe tenho.²⁶

²⁵ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 1882, Recife [para] FREITAS, Amélia.

²⁶ LIRA, 2011, p. 67-71.

As palavras de Clóvis são de um bom gosto e prontas para atingir seus objetivos de tranquilizar Amélia, por mais que essas tentativas se repetiram em outras cartas, ora pela demora das respostas, ora por Clóvis não acatar aos seus pedidos, foi o que ocorreu quando Amélia, segundo explica o próprio Clóvis em sua carta, encontrou uma antiga amiga de escola no vapor e essa comentou que estava noiva de certo rapaz e para provar mostrou foto de seu noivo com uma dedicatória, com efeito, isso foi o suficiente para Amélia dedicar uma carta a Clóvis anunciando seu desejo de ter em seus pertences uma foto dele, talvez por timidez ou cuidado de que um homem devia ter em não expor sua amada, Clóvis deixou passar esse pedido sem resposta por algum tempo, é o que concluímos ao lermos a carta que segue, transcrita na obra de Lira:

Foi por esquecimento que você não respondeu a última pergunta que lhe fiz em minha carta de 17 de abril?
 A que pergunta alude você? À que faz relativamente ao tempo em que lhe mandarei o meu retrato? Se é, confesso que me calei a esse respeito propositalmente. Queria ver se você não lembrasse disso e então fugia de tocar em tal assunto. Em verdade, para que você quer o meu retrato, de que lhe serve ele? Não pode entrar em mim a ideia de que você se possa comprazer em possuir o meu retrato. Mas, como você pede, eu lhe enviarei mas sabendo você que de mim para você compreendo perfeitamente e todo mundo compreenderia, mas de você para mim não sei, mas... Enfim, eu lhe mandarei a fotografia.²⁷

Amélia por sua vez queria como as moças da sociedade, provar que estava comprometida e a fotografia para ela era uma forma indiscutível de sua situação, firmando assim, o que percebemos da sociedade vigente, é a preocupação de afirmar diante de um grupo que estar enquadrada nas normas exigida pela sociedade.

Clóvis se mostrava preocupado com a imagem de Amélia, mas não conseguia deixar de atender aos seus pedidos, enviou no vapor seguinte uma foto de sua estima para sua noiva, nesse mesmo período soube de notícia de Amélia indisposta e carente de saúde nesse mesmo dia demonstrou seu carinho e lamentou estar longe, onde ele se expressa dizendo:

Querida,
 Já está boa. Você? Infelizmente, para mim só posso lhe dizer que sinto os seus sofrimentos um pouco mais do que se fossem em mim. Não é isso pura frase de devaneio para fazer efeito. Sou sempre sincero no que lhe digo. A razão do que lhe afirmo é bem simples, aliás. Você é mulher, fraca, delicada e eu um homem sadio, portanto, em mim as moléstias que sobrevenham não podem produzir tanto abalo como em você. Não é? Por aqui só há de novidades a chegada de Carlos Gomes, o inspirado compositor do Guarany,

²⁷ LIRA, 2011, p. 55.

e a suspensão das aulas da Academia motivada pela paralisação dos mestres. Mas isso em nada lhe interessa. Mesmo longe estimo pela sua saúde.²⁸

Não conseguimos relacionar a fragilidade da saúde de Amélia na sua juventude com a doença que tomou de conta de seu corpo mais tarde, em telegramas datados de 1906, encontramos estimas de amigos da família por sua saúde.

As cartas nos mostra como se deu o início do sentimento que levou o casal a viver unidos durante suas vidas, foram sessenta e um anos de união matrimonial e cumplicidade entre Clóvis e Amélia. O jurista ao lado de sua companheira movimentou o meio intelectual de parte da sociedade vigente de letristas que acompanhava a vida e as produções do casal no Rio de Janeiro, foi o que consideramos nas correspondências particulares do casal, notadamente nas Três primeiras décadas do século XX.

O valor cultural e histórico das correspondências nos permitiu compreender a história que foi estabelecida pelo casal, suas trajetórias muitas vezes registradas nessas correspondências ajudaram narrar parte da vida do casal e de suas famílias. As cartas de namoro nos mostraram o início dessa união onde a prática dessas cartas românticas não foi contida com a aliança matrimonial de Clóvis e Amélia, que aconteceu em São Luís, capital do Maranhão, no dia 5 de maio de 1883, na igreja de Santo Antônio, como foi registrado no convite de cerimônia dessa união.

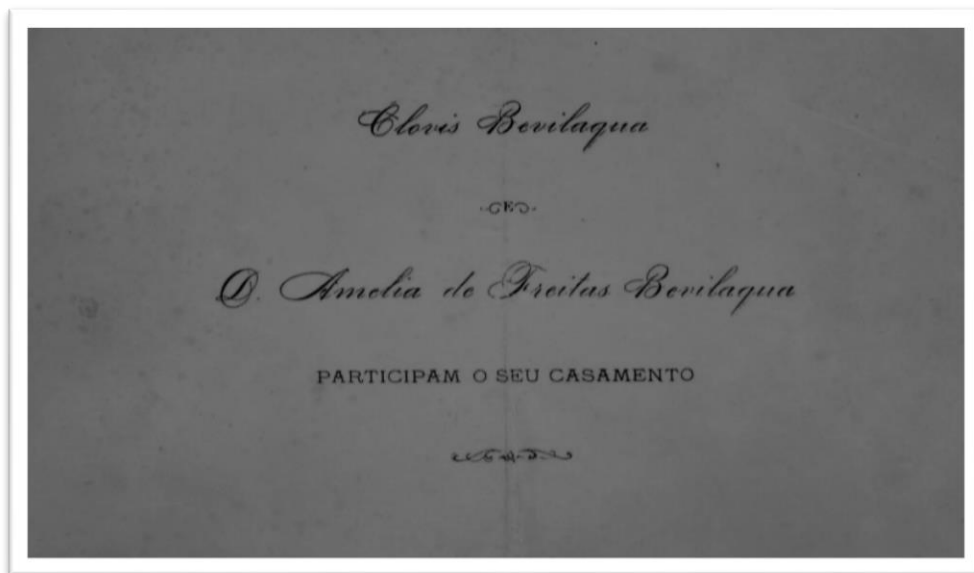


FIGURA 8: Frente do comunicado do casamento de Amélia e Clóvis
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilacqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

²⁸ LIRA, 2011, p. 61.

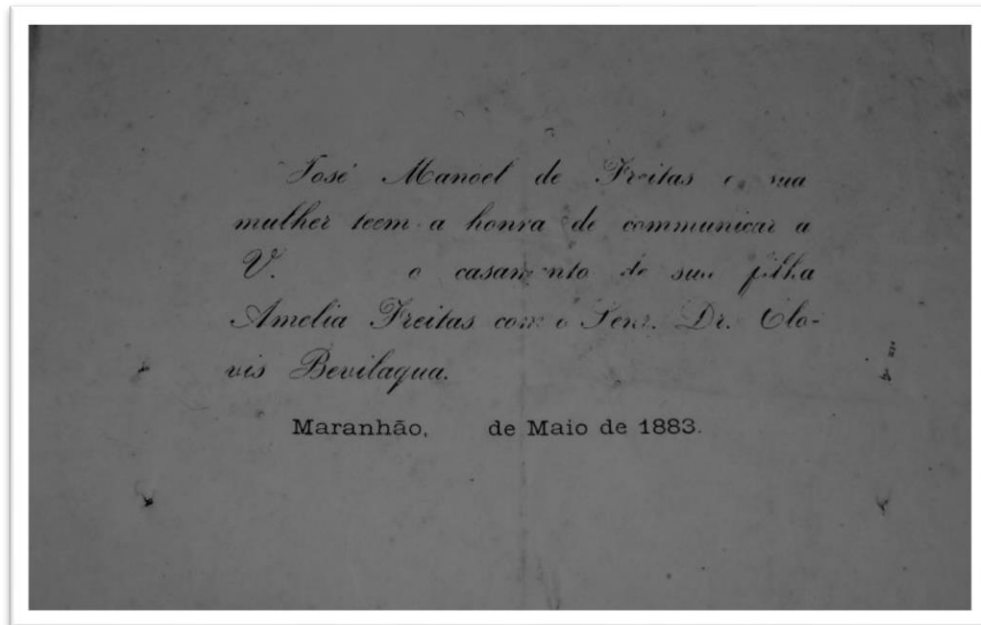


FIGURA 9: Comunicado do casamento de Amélia e Clóvis.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará

De uma maneira significativa, essas correspondências, bem como outros escritos foram trocados entre o casal nos revelando algumas particularidades durante a vida a dois, eram dedicatórias de livros, cartões de aniversários, convites ou simplesmente bilhetes recolhidos por Amélia e registrados por suas filhas nos álbuns produzidos em seu lar.

Ao estudarmos a vida do casal Clóvis e Amélia através das obras biográficas, dos documentos, e da escrita do casal nos deparamos com características comuns aos casais da sociedade vigente: o distanciamento entre os pares - pois a aproximação era censurada pela sociedade -mas também no caso deles, havia também o distanciamento geográfico, as maneiras de firmar o compromisso e as estratégias usadas pelo casal para se conhecerem fora dos limites dados pela família, assim percebemos que do firmar o compromisso da união à cerimônia matrimonial, havia espaço para rituais e práticas que contornavam todo esse universo dentro da sociedade.

2.2 Enfim sós! A vida de um casal

A proposta deste tópico é contar aspectos da convivência do casal, de sua união matrimonial e o caminho percorrido por eles, ao lado da prática da escrita, que resultou em produções literárias que evidenciam as feições do convívio a dois. O casal Bevilaqua protagoniza um momento de despertar de nossa imaginação, no sentido de que percorremos o século XIX e nos centralizamos em narrativas a respeito da relação entre homens e mulheres.

Tanto Amélia como Clóvis dedicavam horas a estudos, e ficavam muito tempo pesquisando, analisando e lendo sobre diversos assuntos, desde literatura a mudanças nos costumes, política, história, direito e assim por diante.

É necessário ressaltar que a maioria dos casais daquela época eram limitados a conviver em matrimônio, partindo de princípios que raramente estavam ligados ao romantismo e ao amor. As tramas familiares, segundo Maria Helena Bueno Trigo

Assim fundamentadas, as famílias estruturavam os sistemas de aliança e aprimoravam suas estratégias com a finalidade primeira de casar bem os filhos e, no mais das vezes, o casamento era arranjado, não se cogitando da necessidade de amor entre os cônjuges. É a partir do século XIX, na Europa Ocidental, e das primeiras décadas do século XX, no Brasil, que mudanças sociais começam a influir de forma significativa na ordem familiar e, conseqüentemente, no sistema de alianças.²⁹

Essas mudanças na sociedade brasileira giravam em volta da família, bem como em outras feições da sociedade. O início do século XX marca o encontro com novas questões, atitudes e busca por modificações, novas vivências serão percebidas pelos sujeitos sociais na sua coletividade ou na sua individualidade, bem como no meio familiar, marcado por resquícios do século XIX, quando a formação da família partia da ideia de ter o homem como membro central e a esposa submissa, provedora dos filhos e cuidadora do lar.

Assim, a formação matrimonial, muitas vezes não tinha como principal objetivo a união afetuosa e sim era motivada por “ritos sociais que organizavam, então, o encontro de jovens casais que logo chegam ao casamento. Namoro: pouco ou nenhum. Noivado, rápido”.³⁰ Do mesmo modo, apontamos a história da união vivenciada pelo casal Bevilaqua, pois em poucos meses de namoro concretizados muito mais por cartas e fotografias do que

²⁹ TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo. Editora Annablume, 2001. p. 89.

³⁰ PRIORE. Mary Del. *História do amor no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 121.

por encontros pessoais, a união matrimonial aconteceu. Contudo, diferente da realidade vivida por muitos pares que se casavam com falta de amor, no caso de Clóvis e Amélia havia um afeto mútuo que era evidenciado nas correspondências e que mostrava a cumplicidade do casal. Eram cartas marcadas por romantismo e juras de amor, fidelidade, desejos e melancolias do pouco tempo que estiveram próximos.

Convém esclarecer que o final do século XIX é também marcante no que diz respeito as relações conjugais, pois “propostas de sentimentos novos, nas quais a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. Mas isso ficava para os livros ou para os novos códigos amorosos que lentamente se instalavam”.³¹ Não era uma predominância na sociedade que ainda via na figura do pai o responsável pela escolha do futuro dos filhos.

Esse domínio sobre a família durante muito tempo não foi visto como uma imposição, pois era uma forma natural ver na figura do pai, um protetor da família, provedor do lar e o responsável pela continuidade da ordem familiar neste sentido, a lei garantia a valorização dos papéis masculinos. Enquanto a “mulher deveria respeitar a opinião do marido, mais experiente, conhecedor das dificuldades da vida”.³²

Para a sociedade brasileira do final do século XIX era natural ter o homem como figura representativa das decisões familiares. Quando Clóvis conheceu Amélia, sua aproximação foi decidida por seu futuro sogro que, em sua astúcia apresentou a filha mais velha que para época já estava com a idade avançada para o matrimônio, Clóvis com vinte e três anos e Amélia com vinte e dois anos, o namoro entre o casal caminhou logo para o noivado.

Havia em suas vidas aspectos que corriam para novas perspectivas sociais. Clóvis, recém-formado no curso Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, em importante instituição jurídica do país, a Faculdade de Direito de Pernambuco, já Amélia vinha de uma educação informal das primeiras letras, dada em sua própria residência. Juntamente com seu irmão, João Alfredo, aprendera a ler, a escrever e as quatro operações com um professor particular.³³ Enquanto os irmãos adentram em uma escola formal, Amélia avança seus estudos, ainda dentro do seu lar, aprendendo as línguas francesa e inglesa, que naquele momento para a condição feminina era visto como privilégio, pois cabia aos pais destinar para as filhas uma instrução de conhecimentos gerais e prioritariamente o ensino de etiquetas e de prendas do lar.

³¹ PRIORE, 2013, p. 132.

³² PRIORE, 2013, p. 134.

³³ BARRETO, Noemia Paes. *Clovis Bevilaqua na intimidade*. 2. ed. São Paulo: Editorama, 2008.

Essas intempéries não afetaram a união matrimonial. Nas cartas do namoro Clóvis admirava sua futura companheira e se mostrava muitas vezes inseguro ao lhe escrever as cartas de amor, pois reconhecia em Amélia talento, o conhecimento das letras e intimidade com algumas línguas estrangeiras. Amélia tornou-se revisora dos textos escritos pelo jurista, assim como intervinha com sua escrita no texto final. Dessa forma, foi nas leituras de correspondências endereçadas à amada que percebemos o diálogo do casal a respeito de artigos, textos que precisariam de certa revisão, mas Amélia sempre em resposta tranquilizava seu noivo, pois considerava que ele escrevia com o “labor jurídico e compenetrado de um homem das letras”.³⁴

Como exemplo, transcreveremos fragmento de uma dessas cartas onde Clóvis comenta sobre erros propositais que colocou em um texto em francês, somente para ter o prazer de ver a correção feita por sua amada, e ao mesmo tempo espera as devidas correções do texto completo.

Fico satisfeito porque V. me diz que gostou muito daquela fantasia em francês que lhe enviei. Ainda mais mereci, quero dizer, mereceu a minha historieta a honra de ser contemplada em seu mimoso livrinho de lembranças, para ali foi transladada por sua própria mão. Você, que copiou essa pequena fantasia, com certeza o fez depois de corrigi-la como eu o pedi. Não foi? Que tinha erros eu sei, eu que pus propositadamente *três*. Alguns outros haveriam nascidos de inadvertência ou mesmo ignorância. Sabe por que conservei esses erros? É uma tolice minha. Eu queria ter a certeza de que existiam erros no meu pequeno conto para pedir que você corrigisse. Tudo isso por um motivo muito simples: - eu queria ter o prazer de ser emendado por você. Aí está a causa. No dia em que você me dissesse: isto não está certo, aquilo devia ser escrito de outro modo, eu ficaria contentíssimo. Você, porém, foi muito delicada; fez as correções em silêncio.³⁵

Clóvis considerava a opinião de sua futura esposa importante para seus escritos, as correções não eram o motivo principal por que Clóvis dominava a arte de escrever, mas, além de cortejar a mulher amada pedindo esses favores, ele também gostava do jeito como ela ligava as palavras e deixava os textos mais delicados, confiando no seu estilo. Apesar do pouco tempo de relacionamento, havia um companheirismo entre o casal e, após o casamento, por vezes eles dividiam a mesma folha e assinavam juntos determinada correspondência e

³⁴ FREITAS, Amélia. [Carta] 26 maio 1882, São Luís [para] BEVILAQUA. Clóvis. Recife. 2 f. Carta elogiando a escrita de Clóvis.

³⁵ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 18 maio 1882, Recife [para] FREITAS, Amélia. São Luís, Maranhão. 7 f. Carta de namoro falando do cotidiano.

alguns escritos maiores como o conto “O vadio”,³⁶ de 1883, no mesmo ano do enlace matrimonial, o livro *Frases e fantasias*, no ano de 1894, e *Literatura e Direito*, publicado em 1907.

O nome Bevilaqua circulava na imprensa nacional através das publicações de artigos, folhetins e crônicas sobre assuntos diversos como educação, república e sociedade, bem como temas políticos e judiciais desenvolvidos por Clóvis. A produção do casal para os jornais e revistas também incluía suas produções literárias. O envio de capítulos retirados dos seus livros, iniciou-se ainda nas últimas décadas do século XIX, contudo é no início do século XX que seus trabalhos são assiduamente divulgados nas maiores capitais do país, como Recife, que “no fim do século XIX, esse local já se tornara uma bela cidade com suas novas construções como praças, teatro, clubes e instituições de ensino”³⁷ cujo seleiro intelectual era protagonizado não somente pela Escola de Recife, mas por inúmeras tentativas de consolidar a imprensa, favorecendo a divulgação de trabalhos que falavam do cotidiano e do contexto político da época. Desse modo, o casal, ainda morando em Recife, não só completava as edições desses jornais como também participava através da atuação nas redações e na criação de novos jornais, periódicos e revistas.

Igualmente foi no Rio de Janeiro, capital do país, com uma consagrada imprensa que já gozava de certa liberdade, ocorreu a divulgação dos trabalhos do casal, principalmente quando parte de Recife e lá fixam residência. A imprensa no Rio de Janeiro era caracterizada por ser palco de divulgações a despeito de posições, defesas de ideias, espaço também de críticas e elogios a respeito dos governantes, questionar hábitos, consolidar tradições e instituições, importar novidades e trazer para mais perto dos seus leitores o universo e também para ajudar a trazer à tona talentos da literatura nacional e das elites letradas, mais voltada para os trabalhos de Clóvis Bevilaqua.

Mas foi no início do século XX, que observamos uma maior liberdade na escrita de Amélia, em suas produções para a imprensa, tendo em vista que, do conteúdo literário surge um escrito mais crítica e com certo teor de atualidade. Amélia evidencia que sua escrita estava percorrendo por outros campos. No ano de 1906 ela divulgou quatro produções: *Aspectos*, *Instrução e Educação da Infância*,³⁸ *Através da Vida e Silhuetes*, livros que falavam sobre os

³⁶ Conto inédito estava inserido a um conjunto de contos e outros escritos de um caderno antigo todo manuscrito que tinha como título da primeira página: álbum de Amélia, neles além de contos, havia também alguns borrões de escritos da família Bevilaqua.

³⁷ MENEZES, Fernando. *Recife nos Tempos da Província*. Recife: Bagaço, 1999.

³⁸ Essa produção escrita pelo casal foi dividida em artigos para ser apresentado em uma conferência sobre educação, onde quem apresentou foi Amélia.

sentimentos e percepções da vida porém sempre envolvendo nessa sua escrita a sociedade e suas relações.

A residência em que ambos irão morar, em Recife, é o mesmo sobrado ocupado por Clóvis quando recém-formado. Durante um ano deu aulas e viveu com Amélia, segundo Silva Rabelo:

Vivia o casal metodicamente, o regime de internato em nada perturbou os seus hábitos. Continuava com a mesma disciplina do convento São Francisco. Quase que só conheciam a sua rua. Os vizinhos admiravam aqueles estudiosos que não se afastavam da mesa de trabalho, noite e dia sem um momento de descanso. Quando saíam era sempre juntos de mãos dadas somente próximos de sua residência. O casal teve felicidade matrimonial, Amélia quando não acompanhava o esposo esperava-o na Livraria Francesa.³⁹

Essa citação exemplifica bem a vida de Clóvis e Amélia, ambos eram estudiosos e viviam cercados de livros. Neste sentido, não tinham tempo para tecer relações sociais intensas com os vizinhos, por isso eram muito reservados quando estavam em suas residências. No entanto, os vizinhos notavam a felicidade do casal, justamente porque viviam de mãos dadas e felizes.

Convém pontuar que as relações eram ditadas pela tradição familiar e local de origem das famílias, no caso do casamento da elite do sertão nordestino foi antes de tudo um compromisso familiar, um acordo que naturalmente não envolvia a opinião do casale sim dos patriarcas da família preocupados em manter os laços parentais e aproximação com famílias poderosas, assim somar as fortunas nesse que chamamos de acordo matrimonial.

Segundo Miridan Falci, as famílias chegavam a planejar meios para promover encontros agradáveis de confraternização onde o intuito era reunir os jovens em uma tentativa de arranjos, eram piqueniques, festas de dia e bailes à noite, a estratégia era promover esses encontros nos meses de férias, onde os filhos retornavam dos cursos nas principais capitais do país e ainda traziam amigos para as férias em família. Lembramos assim mais uma vez do encontro de Clóvis e Amélia, que se deu nas férias de 1881- 1882, quando Clóvis foi convidado por seu amigo de quarto para passar as férias em terras maranhenses e com a ajuda do destino em um desses eventos de encontros de famílias Clóvis salva Amélia das águas.

Maria Angela D’Incao escreve que o século XIX presenciou ainda, o nascimento de uma nova mulher nas chamadas famílias burguesas, marcada pela valorização da intimidade e

³⁹ Brandão, 2008, p. 43.

da maternidade de um sólido ambiente familiar, um lar acolhedor, filhos educados e esposas dedicadas ao marido e às crianças e desobrigadas de qualquer trabalho produtivo.⁴⁰

O lar da família Bevilaqua transmitia esse aconchego, especialmente para quem teve contato direto com ambos.⁴¹ Amélia recebia os convidados ao lado do marido, sendo que suas filhas participavam de alguns momentos. Em correspondências enviadas a Clóvis, havia a preocupação dos amigos mais próximos, de cumprimentar a educação e meiguice das filhas. A casa aconchegante não deixava claro o limite do convívio e as distâncias sociais entre intelectuais renomados e iniciantes das letras e do direito, enquanto o que se via na sociedade vigente era um processo de privatização familiar marcado pela valorização da intimidade.

Interessante pontuar que, durante o casamento quando o casal não conseguia realizar a compra de sua casa, viviam de aluguel. No Rio de Janeiro as casas onde os Bevilaqua residiram foram residências simples, mas havia nesses espaços um pertencimento que era próprio do casal, o ambiente tinha suas características voltadas para o bem estar da família Beviláqua, livros e documentos espalhados por todos os compartimentos demonstrava o apreço à leitura e ao trabalho que há tempos era feito em sua própria residência, a presença de animais e de constante de amigos e admiradores em seu lar faziam daquele espaço o lugar perfeito para construir momentos de prazer e a ligação com o mundo intelectual.

Não existiam naquele lar fronteiras entre o público e o privado, as filhas e Amélia estavam sempre envolvidas entre os homens e seus diálogos. Neste sentido, não havia distinção entre o que era permitido aos homens ou as mulheres. Amélia participada das leituras e escrita de seus esposos, em cartas Clóvis permitia um espaço para Amélia escrever sua dedicatória e o apreço por ela sempre vinha em respostas nas cartas que recebiam sempre destinadas ao casal e as filhas. Percebemos que dividir espaços, gestos e sentimentos com os “seus” constituiu-se na tônica da família.

A mudança para novo endereço na Tijuca possibilitou o casal receber em melhor ambiente seus amigos. Realizavam encontros regados por boas comidas e bebidas que eram preparadas fora da residência. Outras vezes, Dóris, sua filha caçula, mostrava seus dotes culinários enquanto Floriza cantava e recitava poemas para os convidados. Essa recepção elogiada por quem frequentava o lar do casal parecia herança da família Freitas. Amélia cresceu em meio às festas particulares realizadas por seus pais, assim aprendeu a receber seus

⁴⁰ D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 223-240.

⁴¹ NOBRE, Freitas. *Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Edição Melhoramento, 1954. p. 14.

convidados. Um desses momentos é lembrado por Melchiades Picanço, amigo particular da família

Parentes, amigos, juristas, estudantes de direito iam a casa pelo prazer do bom convívio. A cordialidade dos anfitriões dava calor às reuniões. Mesa farta, vinhos de excelente qualidade. A mesa era renovada várias vezes ao dia, tantas as pessoas que chegavam. Realizavam-se horas de artes. Doris alegrava o ambiente tocando piano, outros amigos ajudavam com alguns instrumentos, havia ainda aqueles que declamavam. Veleda e Vitória mesmo ainda novas também recitavam. Era nesse ambiente saudoso que lembro das gentilezas de D. Amélia, sempre ao lado de seu mestre e companheiro como ela mesmo dizia, mostrava como seu lar era querido.⁴²

Era assim que vivia o casal, cercados por seus próximos, onde as demonstrações de carinho e companheirismo marcam suas vidas. A respeito do caráter do mestre Clóvis, Nobre cita que: “nem mesmo a necessidade fez curvar o seu espírito, o seu coração, o seu caráter, sua dignidade, a sua honra de jurista”.⁴³ Quando Clóvis mais necessitava de equilíbrio financeiro, surgiram as propostas que davam oportunidade de resolver todos os seus problemas financeiros, ele se mostrava firme, não perde sua dignidade, vive inabalável com as ofertas de propina tanto de pessoas comuns, como também dos cofres públicos. Como homem da lei que foi, lutava a favor de sua diretriz de honra profissional, como apresenta em uma carta ao amigo Freitas Nobre, onde transcreve parte de uma resposta dirigida à mais alta autoridade eclesiástica do país:

A arma de combate do governo ‘não é a crueldade, mas a corrupção, que maneja com excepcional talento, sendo hábil demais para comprar alguém diretamente’ e acrescentava: os seus processos são muito mais infames, porque se revestem de uma aparência de homenagem que não permitem ao que foi corrompido sentir, em sua consciência, a sua própria desmoralização interior. Não raro, quando a consciência quer acordar, aquele que se escravizou, experimenta consolações íntimas ao pensar que sua atitude de servilismo, implicando numa diminuição de sua própria personalidade, redundou num serviço ao país.⁴⁴

Suas palavras mostram que quanto mais era provocado, mais firme era seu caráter, mais determinado era dos seus ideais, nem mesmo a sua delicada situação financeira abalava a integridade desse jurista. Clóvis foi um homem que se envolveu em meio a questões políticas, intelectuais e sociais do seu país, sem um gesto que comprometesse a grandeza de seu

⁴² PIKANÇO, Melchisedes. [Carta] 23 fev. 1927 [para] PIKANÇO, Macário. Carta elogiando o ambiente familiar da família Bevilaqua.

⁴³ NOBRE, Freitas. *Grandes vultos das letras: Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1950. p. 40.

⁴⁴ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 23 maio 1923, Rio de Janeiro [para] NOBRE, Freitas., Rio de Janeiro. 1f. Carta ao amigo discorrendo sobre poder e política.

trabalho e de suas ações que eram assinalados sempre por uma palavra que era seu diferencial, liberdade, foi essa palavra que norteou seus estudos e sua prática como mestre.

Homem admirado no mundo jurídico e literário se relacionou através de cartas durante sua vida com grandes nomes do nosso cenário nacional, em que discorriam sobre uma variedade de temas que nos aproximaram do contexto social vividos por esses intelectuais. Nessa perspectiva, foi essencial, para adentrarmos nesse mundo das relações de Clóvis e sua família, a leitura dessas correspondências, pois nos fizeram perceber que as relações entre Clóvis Beviláqua e seus amigos intelectuais eram tecidas com muita cumplicidade, respeito e admiração. Seus amigos também eram intelectuais, políticos, estudantes, apreciadores das letras e buscavam seguir as orientações jurídicas de Clóvis em determinados assuntos. Frequentemente, elaboração do *Código Civil* foi usada como justificativa para a aproximação de pessoas que desejavam, através dessas correspondências, pedir pareceres, permissões para uma atividade ou simplesmente pedir conselhos a respeito de alguma temática jurídica.

Clóvis vivia cercado de intelectuais e amigos e, principalmente, ao lado de sua esposa e suas filhas. Sua filha Dóris era sempre lembrada nas cartas cujos remetentes enviavam felicitações e recados, pois ela era como se fosse a secretária do casal. Em muitas correspondências percebíamos a letra da filha e somente assinada pelo casal



FIGURA 10: Encontro com amigos e intelectuais na residência do casal, no Rio de Janeiro.
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Beviláqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

A respeito da vida privada do casal, nosso olhar volta-se também para discorrer sobre essa família através das fontes iconográficas, que em particular nos aproximaram de uma maneira prazerosa do mundo social dos Bevilaqua. Percebemos nos arquivos fotográficos momentos reservados onde a família estava sempre próxima, realizando alguma atividade ou, até mesmo cercada por animais, o que confirma algumas narrativas acerca desse carinho muito grande da família pelos cachorros, gatos, galinhas, patos que circulavam no meio da residência, como mencionava Silvio Meira, biógrafo de Clóvis, a respeito da displicência de Amélia em organizar o seu lar. Mas ao mesmo tempo, ele descreve que em particular, Amélia tinha a preocupação em organizar a casa, e em deixar o ambiente agradável para receber seus convidados que frequentavam corriqueiramente a residência do casal, como se aquele local fosse uma casa de encontros dos homens das letras.



FIGURA 11: Momento da família reunida na residência do casal Bevilaqua.
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 12: Casal Bevilaqua.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 13: Foto de Amélia e Clóvis em Niterói (RJ), outubro de 1931.

Fonte: *Divagações sobre a Consciência e Formação Constitucional*.



FIGURA 14: Amélia e Clóvis com as filhas Vitória e Vilela.
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 15: O casal e as netas Vitória, ao lado do avô, e Vellêda ao lado da avó.
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 16: Clóvis e Amélia com filhas e netas.

FONTE: Arquivo do memorial Clóvis Bevilaqua, no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 17: Clóvis e Amélia.

FONTE: Arquivo do memorial Clóvis Bevilaqua, no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 18: Dóris, Florisa, Clóvis (atrás), Vitória, Vellêda e Amélia (na frente).
 FONTE: Arquivo do memorial Clóvis Bevilaqua, no Tribunal de Justiça do Ceará.

Ao analisarmos as correspondências de Clóvis, percebemos a intenção de amigos íntimos em arquivar as fotografias, anotações em papéis, recortes de jornais, cartas, bilhetes, cartões postais, tudo que era ligado a vida desse homem e chegavam a fazer diretamente o pedido que ele devolvesse a carta que estava lendo, caracterizando, assim, um anseio de preservar a memória desse intelectual e, conseqüentemente suas opiniões a respeito de assuntos ligados à política, sociedade, ao direito e a temas atrelados à cultura.

A leitura das cartas nos mostrou que era tradição entre os intelectuais a troca de exemplares de publicações que enriqueciam suas bibliotecas e seus acervos pessoais. Convém frisar que Clóvis mais presenteava do que recebia e enviava como presente seus livros e artigos para amigos, discípulos e instituições.

Além desse contato através dessas mensagens escritas, havia ao seu redor e mais particularmente em sua residência uma frequente presença de pessoas. Como diziam seus amigos mais íntimos “Esses jovens estudantes e futuros intelectuais do Brasil vêm beber na própria fonte de conhecimento”.⁴⁵ O casal realizava de certa forma a ponte entre os escritores e intelectuais renomados que viviam no Rio de Janeiro, quando abriam as portas do solar dos Bevilaqua, na Tijuca, para receber. A residência do casal tornou-se um lugar de vivências e de trocas de experiências para os iniciantes das letras. Viver próximos desses homens era idealizar momentos de leituras, de discussões literárias, de recitação poética, era participar do que podemos nomear como rodas literárias.

⁴⁵ NOBRE, 1950, p. 7.

3 NO MUNDO DA CULTURA ESCRITA

A prática da escrita fortaleceu a união de Clóvis e de sua companheira Amélia, havia cumplicidade entre o casal ainda no namoro, os dois compartilhavam seus escritos e ainda no século XIX começam a publicar seus trabalhos em jornais, periódicos e a publicar livros.

Segundo Silvio Meira, Clóvis ao receber o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas tinha em suas mãos um leque de possibilidades em sua vida profissional, Clóvis “aproximava-se do ano de 1883. Com vinte e três anos completos era um homem preparado para a vida. Muitas opções se apresentavam: advocacia, ministério público, diplomacia, magistério, política”,¹ bem como, a sua dedicação a escrita onde estudou filosofia, literatura antes de alguma pretensão profissional.

Em princípio assume por alguns meses o cargo de promotor, mas após várias licenças sucessivas para tratamento de saúde dele e de seus familiares, bem como, o início do casamento e ainda o desânimo do local que não trazia pretensões de movimento social entrega o cargo de promotor público da comarca de Alcântara, exoneração assinada em 22 de fevereiro de 1884, decidindo assim voltar para Recife onde foi nomeado para o cargo de bibliotecário da Faculdade de Direito no dia 31 de março de 1884 onde “estava em seu ambiente favorito. Livros em redor a sua disposição, tempo para leituras, convivência agradável do meio estudantil de recifense e dos professores da tradicional faculdade.”² Foram quase cinco anos se dedicando aos preparatórios e concursos até que em no dia 28 de junho de 1889 foi nomeado professor do curso de filosofia da mesma faculdade, no mesmo ano é convidado para o cargo de Secretário do Governo do Estado do Piauí, pelo amigo Taumaturgo de Azevedo, mas sua experiência nessa cargo durou somente seis meses, assim segundo Freitas Nobre³ regressou para Recife reassumindo o exercício de magistério.

É oportuno lembrar que mesmo na sucessão desses cargos, Clóvis continuou a produzir seus artigos, livros e divulgou seus trabalhos em colaboração nos jornais *A Falange* e *o Estado do Piauí*.⁴

Podemos perceber que arte de escrever estava a frente das atividades do casal, mas havia também os momentos dedicados a outras funções, no caso de Clóvis como já vimos e também as atividades da escritora Amélia como comentarista, tradutora, conferencista e

¹ MEIRA, Silvio. *Clóvis Bevilaqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990. p. 63.

² MEIRA, 1990, p. 93.

³ NOBRE, Freitas. *Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954. p. 23.

⁴ NOBRE, 1954, p. 27.

destacando o momento que fica a frente do jornal *O Lírio* como redatora chefe, assim sob tal enfoque apresentaremos detalhes da escrita de Amélia e seu envolvimento no mundo das letras.

3.1 A escrita de Amélia Bevilaqua

A escrita de Amélia Bevilaqua contemplou a sociedade vigente e os sentimentos aflorados nas relações entre homens e mulheres. Discorria sobre as vivências, estudava as ações, os olhares, os atos das pessoas, talvez até mesmo sem perceber que estava fazendo uma história que iria percorrer longos anos. Era assim poetisa, romancista, escritora, mulher e esposa essa Amélia Carolina de Freitas, mais tarde conhecida como Amélia Bevilaqua. Sua vida foi marcada por distintas produções que ganharam mais tarde espaço entre a escrita produzida no Brasil. Podemos afirmar que Amélia cresceu e conviveu ao lado de intelectuais. Assim

O convívio, o luminoso espírito do seu marido argumentou sua predileção [...] e desenvolveu sua latente potencialidade que no lar encontrou meio propício para brochar em fecunda floração. [...] convivendo desde a infância em meios adiantados como de Recife e do Rio, a senhora D. Amélia estava naturalmente talhada a conquistar o lugar de destaque que hoje ocupa na publicidade nacional.⁵

Conviver em um cenário propício aos estudos, bem como a prática da escrita resultou em uma produção que vai desde 1888⁶ à 1940. São livros, contos, poesias, artigos que assinalaram a vida dessa escritora, que teve sua primeira publicação de livro somente aos 40 anos de idade. Ao lado de Clóvis, que era reconhecido no mundo das leis e das letras, Amélia adentra o mundo intelectual que era preferencialmente ocupado por homens.

Na década de 1880, o casal vivia em Recife, capital que estava em entre os grandes centros urbanos do Brasil, despontando culturalmente, com o crescimento populacional e uma economia mostrando-se favorável. A Faculdade de Direito, no cenário nacional, ocupava um lugar de privilégio, instituição voltada para a formação intelectual no Brasil, como também celeiro de ideais e manifestações culturais.

⁵ OLYMPIO, Mathias. Uma piauiense notável. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 1, n. 1, jun. 1918, p. 162-163.

⁶ Marcadamente Amélia já produzia e divulgava sua escrita antes dessa data. Estamos nos apoiando assim, no resultado de nossa pesquisa onde o primeiro trabalho divulgada que tivemos em mãos datava de maio de 1888, periódico literário e científico *O Arrebol*, intitulado “As coisas que vi”.

É em meio ao repertório cultural e literário reinante, que Amélia criou meios de apropriação para que sua escrita se tornasse instrumento de expressão. Suas primeiras produções foram elaboradas e divulgadas em Recife, seus livros receberam críticas favoráveis em meio à escrita masculina, foi prefaciada por escritores renomados que também dedicaram à escritora páginas a respeito de seu talento.

Em seus trabalhos lembrava sua família, que deixou ao se casar e que antes de revê-los muitos morreram, abatendo seus pensamentos e crescendo dentro dela o sofrimento que relata em algumas de suas cartas, em dedicatórias e muitas vezes nas suas obras, poesias soltas, palavras que remetem ao sofrimento dessa mulher, a qual teve grande parte de sua infância marcada pela felicidade do lar perfeito de uma família abastada e reconhecida socialmente, com seus pais e seus nove irmãos.

Na plenitude de sua escrita, não conseguia organizar seu lar, cuidava pouco de sua aparência, não era mais uma mulher vaidosa. Os anos lhe chegaram rápidos, envelheceu, seu corpo e sua mente foram tomados por uma doença que exigiu todos os cuidados de sua família, mas Amélia era admirada por seu talento, companheirismo ao marido e amor às filhas.

Assim, podemos ressaltar que a escritora dedicava em seus escritos espaços para inúmeros sentimentos possíveis: descrevia sobre o amor, a amizade, ternura, ciúmes, ódio, vingança, saudade, medo. Em seus livros, dotava com esses sentimentos suas protagonistas, do sexo feminino se mostravam independentes e fortes e diferenciavam-se em suas atitudes das mulheres da época.

Ainda lançou seu olhar para a educação, um trabalho que quebra uma sequência de sua produção, é o livro *Instrução e educação da infância*, editado em Recife no ano de 1906 que como o título sugere fala sobre a educação formal.

Entre outras obras temos o livro *Silhouettes* lançado no ano de 1906 que transcorre inicialmente caracterizando o modo de vida de uma pequena cidade, que valoriza a princípio as relações ditada nos bons costumes e estruturada na família que tem como enredo

A chegada de um homem em uma cidadezinha rural mobilizou toda a cidade todos queria conhecê-lo, Bacharelado em São Paulo, airoso, bem parecido, trajando no rigor da moda, nenhum homem possuía aquele donaire, o porte de homem de sala [...] Todas as mulheres se impressionam; até as velhas limpam os vidros dos óculos, para enxergar melhor o elegante e bello promotor.⁷

⁷ BEVILÁQUA, Amélia. *Silhouettes*. Recife: T. Garnier, 1906. p. 9.

As obras de Amélia são marcadas pelo o interstício das relações familiares e sociais mas também mostra sua escrita a respeito de questões relacionadas a igualdade entre homens e mulheres, a respeito dessas questões destacamos o romance *Jeannette* (1933), nesse romance criou-se uma construção de um diálogo entre o marido, Dr. Amaral Geleda e sua esposa Jeannette, uma mulher astuciosa, inteligente segundo o marido, e ele um homem machista que vê a mulher conduzindo a relação sem submeter-se ao papel de esposa submissa, marcadamente a fala do marido refletiu em quase toda obra, aqui um trecho de suas conclusões

São todas assim mesmo: brancas, pretas, mulatas... Nenhuma diferença. A mesma linha de demarcação; Querem as pretensiosas o direito de igualdade... Direitos individuais, constituir uma personalidade soberana; em tudo arrancar lugar superior... Protesto quanto a esse abuso. E os míseros maridos que passam o seu desgraçado caminho, lutando pela vida dessas bonecas pintadas, que despedem o seu tempo em luxúria, sempre gastando os magros vencimentos dos homens... É horrível essa formula da sociedade moderna.⁸

Em relação à ligação de Amélia com o mundo feminino temos ainda o romance *Através da vida*, onde o enredo inicia com a história de uma menina chamada Maria Daluz, que ao deixar a sua família no Ceará, passa a viver na casa de seus tios em Pernambuco, uma casa marcada pela dominação masculina onde as tarefas e os direitos estavam delimitados pelo o sexo, pois “o domínio e a excelência podem ambos explicitar julgamentos de capacidade e desculpa implícitas para tendências viciosas; os julgamentos de capacidade estão com frequência entrelaçados com avaliações de uma identidade social do indivíduo” (SCOTT, 1992, p. 71). Daluz sentia a dominação masculina fortemente presente no meio daquela família onde ela tinha que realizar assim como as outras mulheres da casa prendas domésticas enquanto via os homens viverem grandes mordomias, parte da realidade vivida por Amélia em sua infância onde sentia a predominância masculina e as vantagens da educação masculina, a exemplo dessa diferença no livro *Através da vida* temos o pensamento da protagonista que descreveu

Os marmanjos tinham vida muito diferente. Quando chegavam do colégio empinavam papagaios pela rua, traquinavam, corriam, tudo faziam sem que se ralhassem. A menina era um corpo cansado, sempre encurvado na almofada. Não distraía o espírito, nem brincava, por que era menina e devia

⁸ BEVILÁQUA, Amélia. *Através da Vida*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. p. 25-26.

estar sempre quieta.⁹

Ainda a respeito de suas lembranças, em uma de suas obras a autora traça seu próprio perfil e conta parte da história de sua infância, narrativa que encontramos em sua última obra, intitulada *Jornadas pela Infância*, de 1940.¹⁰ A obra foi estruturada diferente de todos os seus livros, talvez por que nela há o relato intimista de sua vida, de sua infância. Como o título mesmo sugere, Amélia revisitou seu passado, suas marcas e dividiu o livro em momentos diferentes, sem dar uma sequência, como se suas lembranças tivessem se dividido em curtos momentos.

Dessa forma, entendemos que as obras de Amélia Beviláqua não representam um fiel reflexo da sociedade do início do século XX, mas apenas um dos múltiplos olhares, ainda que parcial, da sociedade na qual ela estava inserida.

Amélia ensaiou sua escrita referenciando em alguns momentos sua vida e seus conhecimentos, percebemos uma intimidade com algumas das situações vividas por seus personagens, assim comenta Falci “Amélia aproveita alguns dos seus romances para expressar a sua opinião e os seus sentimentos”.¹¹ Vale ressaltar que a expressão dos seus sentimentos não significa afirmar que a análise de seus romances recaia em uma perspectiva unicamente intimista. A leitura de seus romances deve ser feita levando-se em conta a sua localização temporal, espacial, social e institucional, pois a narrativa, em suas diversas instâncias, como afirma Certeau (1994), é resultado de dimensões múltiplas nas quais o escritor, melhor dizendo, o sujeito, se insere, pois a necessidade de questionar a sociedade se misturava com o anseio de Amélia em ver os espaços de atuação feminina aceitos como espaços de atuação de sujeitos, independentemente do sexo e, de certa maneira, de condição social.

Nesse sentido, podemos evidenciar os nomes de Araripe Junior¹² que, além de admirar o trabalho de Amélia de Freitas Bevilaqua foi também o escritor que deu inspiração para a escritora, bem antes de sua produção individual de igual importância, Silvio Romero escreveu sobre Amélia no livro *Provocações e debates* divulgando a nível nacional sua crítica a respeito da escrita de Amélia

⁹ BEVILAQUA, 1906, p. 8.

¹⁰ BEVILAQUA, Amélia. *Jornada pela infância*: memórias. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940.

¹¹ FALCI, Miridan Britto Knox. As mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 247.

¹² Araripe Júnior (1848-1911), amigo íntimo do casal Bevilaqua, crítico brasileiro, nascido em Fortaleza, capital da então Província do Ceará, foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras e do Instituto do Ceará e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A autora de *Através da Vida*, entre as suas companheiras na arte da palavra escrita no Brasil, se distingue por algumas qualidades assinaláveis. É talvez aquela que guarda mais nítido o caráter de seu sexo, as feições da alma feminina. Se fossem anônimos os seus contos e novelas, ainda assim deixariam vê que foram escritos por pena de mulher. O mesmo não acontece com algumas de suas colegas em letras. Em síntese: *Através da Vida* é um romance bem feito, bem arquitetado, contendo bons traços de nossos costumes, belos quadros de gênero, curiosas notas psicológicas.¹³

Para uma mulher, ter sua escrita elogiada por um crítico literário reconhecido nacionalmente era de grande valor, Silvio Romero destacava-se na imprensa do Rio de Janeiro como também nacionalmente “tornou-se literariamente poderoso crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira”.¹⁴

Ainda sobre a obra de Romero ele destacou sobre a escrita do livro *Vesta* argumentos que apresentaram esse livro para a sociedade literária

Vesta vai pelo mesmo caminho e teor, sendo apenas mais reduzida e menos abundante nas informações sociais. O drama psicológico é, porém, mais amplo e mais fundo. O enredo é demasiado singelo, pôde-se dizer que se resume nas senas do violento ciúme que *Vesta* tinha do marido. Para quem através do livro, além da obra de arte e da natureza do talento do escritor, procura tomar a temperatura da atmosfera social, *Vesta* não é, como se poderia supor, de todo muda.¹⁵

Ainda a respeito da escrita de Amélia, temos trabalhos produzidos por literatos da Academia Piauiense de Letras. Dentre os seus admiradores destacamos autores e suas respectivas obras como Clodoaldo Freitas, na obra *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*,¹⁶ Lucídio Freitas, *História da poesia no Piauí*, João Pinheiro, em *Literatura Piauiense* e Mathias Olympio, com o artigo “Uma piauiense notável”.¹⁷ Vale ressaltar que Amélia produziu e publicou a maioria de seus romances pela Editora Garnier, uma das mais importantes da época, essa editora também tinha como meio de divulgação o *Almanaque Garnier* que serviu de espaço para divulgar ainda seus artigos, contos e poesias.

¹³ ROMERO, Silvio. *Provocações e debates*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1908. p. 4.

¹⁴ SILVIO Romero: historiador literário. *Almanaque do Garnier*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 148, 1903, p. 7.

¹⁵ SILVIO Romero: historiador literário. *Almanaque do Garnier*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 148, 1903, p. 7.

¹⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012.

¹⁷ OLYMPIO, Mathias. Uma piauiense notável. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 1, n. 1, jun. 1918, p. 161-166.

Além disso, fez uso da escrita que foi divulgada no cenário piauiense, em revistas como da Academia Piauiense de Letras e a revista *Litericultura* e produções biográficas da época. O nome de Amélia era citado na escrita de outros literatos e intelectuais que homenagearam a sua produção no cenário nacional. Essa escrita somada a sua atividade na imprensa também foi reconhecida por outras mulheres. Eram escritoras, donas de periódicos e mulheres que se lançavam em áreas ligadas à intelectualidade nacional em meio a escrita masculina.

Percebemos, a partir dessas considerações, que Amélia de Freitas Beviláqua teve seu valor reconhecido por ter realizado sua escrita em uma época em que era visivelmente presente o afloramento de conflitos acerca das visões e posturas tradicionalistas dos espaços sociais de atuação masculinos e femininos.

Amélia, ao lado de seus amigos e familiares, teceu sua escrita na preeminência de discutir e divulgar seus trabalhos em linhas que perpassassem o tempo. A escritora elaborou romances, poesias, novelas, contos que envolviam os sentimentos ligados ao homem e à mulher. Nesse momento havia mulheres que viviam submissas às regras sociais vigentes. Diferente de Amélia, fizeram uso da “escrita no silêncio” demonstrando uma submissão que as impedia de declararem seus nomes e seus talentos. Percebemos nas fontes analisadas que essa “escrita silenciada” era divulgada de formas distintas – ora as mulheres que produziam ocultavam seus verdadeiros nomes, ora assinavam por abreviações e em alguns trabalhos utilizavam assinaturas masculinas que davam um maior acesso a essa imprensa ainda masculinizada.

Amélia de Freitas Beviláqua trilhou em sua vida atitudes com certa distinção, mas provando que não precisaria fugir totalmente dos padrões ditados na época; se fez esposa e companheira do “Mestre”¹⁸ de sua vida, Formou com ele uma família admirada por quem convivia com o casal, teve com ele duas filhas que refletiam em seus talentos e a educação dada pelo casal. Amélia dedicou-se a educar suas filhas e cuidar do marido que lhe recompensou com muito amor e dedicação e concretizaram suas vidas com convivência, respeito, veneração e companheirismo.

¹⁸ Amélia chamava seu esposo de “Mestre”, assim como os que o admirava, alunos, amigos. Era comum nas correspondências enviadas à Clóvis ter como saudação “Ao mestre”.

3.2 Clóvis Bevilaqua e o *Código Civil*

A Faculdade de Direito de Recife desempenhou grande papel na vida de inúmeros intelectuais do século XIX. Não seria diferente com Clóvis Beviláqua, desse modo, no decorrer das próximas linhas, ressaltaremos aspectos importantes dessa fase de vida de Clóvis.

Nilo Pereira em conferência da Semana do Advogado no ano de 1943, em Recife, declara que “A História da Faculdade de Direito de Recife é, antes de tudo, a história das ideias, uma história feliz, quer como história na sua opção dinâmica de tempo-espaço”, quer pelos seus grandes historiadores como Clóvis Beviláqua, Odilon Nestor,¹⁹ Pinto Ferreira²⁰ e Gláucio Veiga²¹ esses intelectuais transformaram essa faculdade num palco de debates intensos, quase passional, de ideias e controvérsias de toda sorte de diversos assuntos.

O professor e historiador Nilo Pereira cita Ariano Suassuna²² para afirmar que: “ao aludir às instituições culturais do nordeste” Suassuna caracterizou bem o sentido regional dessa faculdade, dos seus movimentos, das suas antecipações, “faculdade germinal”, chamada assim por ele. “De lá saíram gerações que se reproduziram culturalmente” por todas as regiões como Sílvio Romero com uma visão mais ampla da problemática nacional, Clóvis Beviláqua, o mais jurista de todos a respeito das leis nacionais e representantes das ideias germânicas, sem criar talvez algo de novo, a não ser a expectativa de um mundo diferente que se abria aos olhos de estudantes e professores fomentados por suas intelectualidades.

Em uma carta escrita no dia 25 de janeiro de 1899, Epitácio Pessoa, na época Ministro da Justiça convidou Clóvis Bevilaqua para elaborar um novo projeto para o *Código Civil Brasileiro* “aproveitando, tanto que possível, sem prejuízo de suas ideias, o que antes fora realizado por Coelho Rodrigues”.²³

Assim, com a decisão de aceitar Clóvis e sua esposa Amélia e suas duas filhas Doris e Floriza partem para o Rio de Janeiro em 27 de março do mesmo ano, a partir disso ele inicia

¹⁹ Odilon Nestor de Barros Ribeiro nasceu em 26 de fevereiro de 1865, na Paraíba. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife.

²⁰ Nasceu em Recife, em 7 de outubro de 1918 e faleceu em 7 de abril de 2009, foi advogado, político e escritor brasileiro. Era membro da Academia Pernambucana de Letras, onde ocupava a cadeira 6 e foi professor universitário, lecionando na Faculdade de Direito do Recife.

²¹ Nascido em João Pessoa, no dia 28 de julho de 1923, formou-se na Faculdade de Direito de Recife sete volumes da série “*História das Ideias da Faculdade de Direito do Recife*”.

²² Foi poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo, professor e advogado. Em 1990, ocupou a cadeira nº 32 da Academia Brasileira de Letras. Em 1993, foi eleito para a cadeira n. 18 da Academia Pernambucana de Letras e em 2000, ocupou a cadeira n. 35 da Academia Paraibana de Letras.

²³ PESSOA, Epitácio. apud FERNANDES, A. *Clóvis Bevilaqua e sua obra*. Rio de Janeiro: Riachuelo, 1960. p. 19.

seu trabalho de codificar o *Código Civil Brasileiro*, encerrando sete meses depois. Após a execução, o projeto foi enviado para outros juristas, ação solicitada pelo governo da república para ser avaliado e criticado e assim corrigido por Clóvis antes de ser enviado ao Congresso Nacional.

O contato do público com a obra não aconteceu, apesar da importância da obra para a sociedade brasileira, inicialmente não houve interesse de divulgar esse conjunto de leis por parte das instituições e também dos jornais que circulavam na época, a crítica mais evidente divulgada por pessoas próximas de Clóvis partia da perspectiva de ver como autor desconhecido, seu trabalho não havia do mundo jurídico.

Por outro lado, há em nossas pesquisas duas manifestações de publicação a respeito desse trabalho, uma no *Jornal do Comércio*²⁴ onde ganhou espaço na seção judiciária para divulgar trechos do *Código*, e a outra divulgação aconteceu no *Diário Oficial* datado em 13 de maio de 1900,²⁵ dessa vez o *Código* foi publicado na íntegra.

Entre o momento de divulgação desse documento surgem as opiniões e críticas de juristas antes mesmo de Clóvis realizar as correções, uma dessas opiniões estava centrada na crítica de Rui Barbosa em um artigo divulgado no jornal *A Imprensa*, onde em uma das críticas ele declara que

Rui Barbosa ‘a pressa dada à de codificação civil forçosamente haveria de produzir obra tosca, indigesta, aleijada. O escolhido é muito moço ainda e ainda por demais carecido da madureza da reflexão, nem está preparado para cometimento de tão elevada magnitude. A sua escolha para codificar as nossas leis civis foi um rasgo do coração, não da cabeça [...] falta-lhe sobre tudo um requisito primário, essencial, soberano, para tais obras: a ciência de sua língua, a vernaculidade’.²⁶

Podemos evidenciar o descontentamento de Rui Barbosa a respeito do feito de Clóvis Bevilacqua como codificador, pois ele entendia que Clóvis “com 40 anos de idade e para ele ser qualificação jurídica, era jovem e inexperiente para tal missão”²⁷ e criticou muito a obra, principalmente a respeito dos erros gramaticais, que segundo a *Revista Acadêmica* de 1900 “essa intolerância a respeito de Clóvis era demonstrada desde os tempos de academia”.²⁸

²⁴ BEVILAQUA, Clóvis. O código na íntegra. *O Comercio*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 219, 4 jan. 1908. p. 4-7.

²⁵ FERNANDES, 1960.

²⁶ BARBOSA, Rui. Apud FERNANDES, 1960, p. 80.

²⁷ BARBOSA, Rui. Os fundamentos do projeto. *Revista Jurídica Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 9, 1899, p. 23.

²⁸ O AUTOR do código. *Revista Acadêmica*. Recife, ano 1912, n. [?], 1900, p. 32-34.

Apoiando a opinião de Rui Barbosa e outros críticos a revista *Jurisprudência*, importante meio de divulgação da justiça na cidade do Rio de Janeiro também divulgou sua opinião a respeito do trabalho de Clóvis, onde um dos editores destacou que

Não se justifica por nenhuma conveniência pública, a codificação de nossas leis civis, e nem a opinião estar preparada para essa urgente tarefa, nem o movimento é azado para pensar em traçar, definitivamente, o círculo em que hão de girar as atividades sociais, na relação do direito privado.²⁹

Foi dessa contrariedade dos editores da revista *Jurisprudência* que resultou a negatividade de todos os pedidos de Clóvis para divulgar as leis que compunham o *Código Civil* na revista e, no entanto todos os que queriam criticar o trabalho de Clóvis tinham espaço nessa revista. Contra essas críticas, outras escritas surgiram apoiando e elogiando o *Código Civil* por mais respeito que tinham à Rui Barbosa, como um homem digno em suas convicções.

De todo modo e acima das opiniões a respeito da codificação, em novembro de 1900, o Presidente Campos Sales a pedido e recomendação do ministro Epiácio Pessoa envia ao Congresso Nacional o projeto de *Código Civil*. Mesmo assim, alguns juristas continuaram criticando o trabalho de Clóvis, como Coelho Rodrigues, além de estudos monográficos sobre certos institutos consagrados no projeto. Na Câmara, formou-se uma comissão de 21 membros para analisar o projeto, tendo ficado a presidência com José Joaquim Seabra e a relatoria com Silvio Romero; a discussão do projeto se desenrolou em várias sessões, dela participando personalidades de destaque e também Tribunais de Justiça e Faculdades de Direito.

Após vencidos os entraves da Câmara o projeto foi encaminhado ao Senado no começo do ano de 1902, onde segundo foi submetido a uma comissão especial em que pontificava Rui Barbosa, que apresentou emenda a quase todos os artigos, fazendo um trabalho paralelo ao projeto, assumindo a feição de um verdadeiro substitutivo. Somente em 1908, constituiu-se nova comissão para continuar a análise do projeto, separado em partes autônomas e apenas em 1911 é que se deu aprovação em segunda discussão.

Segundo Francisco César Asfor Rocha,³⁰ foram muitos os institutos e as disposições do projeto que tiveram de sofrer ajustes para que obtivesse aprovação, mas a estrutura do

²⁹ O código civil. *Revista Jurisprudência*. Rio de Janeiro, n. 17, jan. 1899, p. 75.

³⁰ Em 2003 o Ministro Francisco César Asfor Rocha foi responsável pelo prefácio do livro *Direito das coisas* de Clovis Bevilacqua, redigitado pelo projeto do Superior Tribunal de Justiça e do Senado Federal chamado “A Coleção História do Direito Brasileiro”.

projeto de Clóvis Beviláqua foi em geral respeitada. No fim do ano de 1916 o projeto se converteu em Lei, que entrou em vigor em 1 de janeiro de 1917.

Clóvis Beviláqua, antes de se tornar o codificador e civilista de renome internacional, também dedicou-se ao cargo da docência. Foi, ainda, deputado à Assembleia Constituinte do Ceará; regeu aulas de Filosofia da Faculdade de Direito do Recife, por concurso, em 1884; professor de Legislação Comparada da mesma Faculdade. Clóvis fez parte da famosa Escola do Recife, tendo convivido com a geração de Tobias Barreto, Sílvio Romero, Rui Barbosa, Plínio de Lima, Guimarães Júnior, Castro Rebelo Júnior, Joaquim de Souza e Oliveira Sobrinho.



FIGURA 19: O Professor Clóvis Beviláqua.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Beviláqua no Tribunal de Justiça do Ceará.



FIGURA 20: Professor Clóvis Beviláqua usando veste talar

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Beviláqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Em 1906, já no Rio de Janeiro, já reconhecido como grande homem do direito, Clóvis Beviláqua é nomeado pelo Barão do Rio Branco consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, onde se manteve até 1934. Em 1920 foi convidado a fazer parte do Comitê dos Juristas no Conselho da Sociedade das Nações. Seu cargo exigia o compromisso de viajar para o exterior, mas foi uma condição que Clóvis colocou ao aceitar o cargo que em condição nenhuma se ausentaria do Brasil, talvez pela responsabilidade familiar com a esposa e as filhas. Continua publicando, sempre dentro do seu lar, novos livros de literatura e direito, sobretudo os *Comentários ao Código Civil*,³¹ em seis volumes. Em obras especiais estuda diversas partes do *Código: Direito da Família, Direito das Obrigações, Direito das Coisas*.

Outro fato interessante de sua vida, foi que como jurista participou dos ideais do pensamento alemão de século XIX disseminados pela Escola do Recife, que desencadearam a renovação do pensamento brasileiro a respeito de novos conceitos sobre os estudos de direito, Filosofia e de Literatura não ficcional no momento histórico da chegada da República. Em Recife, ligou-se a grupos literários juntamente com experientes literatos e deixou numerosas obras jurídicas, como *Direito das obrigações*, projeto do Código Civil Brasileiro, *Direito Público Internacional, Teoria Geral do Direito Civil*, entre outros títulos, foi responsável por vários convites para colaborar com diversas associações científicas estrangeiras.

Clóvis Beviláqua retribuiu todo seu conhecimento à Faculdade de Direito de Recife, que foi criada no ano de 1827 por um decreto do Imperador Pedro I. Na primeiras décadas do século XIX, os estudantes brasileiros que buscavam formação tinham como única opção a Universidade de Coimbra, em Portugal. No dia 11 de agosto de 1827 começaram a funcionar os dois primeiros cursos de direito do Brasil, o de Pernambuco e o de São Paulo.

A instituição transformou-se em um importante centro de debates e de ideias e controvérsias a respeito dos assuntos mais importantes que integram a vida política, social e cultural do país, pois ela que fornecia para a sociedade os juízes, promotores, legisladores e intelectuais que no auge de suas carreiras viram na escrita à possibilidade de expandir seus ideais e anseios.

Demonstrando admiração pelo trabalho de Clodoaldo Freitas temos um depoimento de Clóvis Beviláqua comentando que

³¹ Depois do período que oficialmente passou a vigorar o *Código Civil Brasileiro*, Clóvis passou a escrever e atualizar algumas dessas leis, assim sempre divulgava essa produção como complemento dessa obra.

Na história da Faculdade de Direito de Recife ‘inteligência superior’, não havia, possuindo largo preparo literário e filosófico tendo-se ensaiado em várias direções, na crítica de religiões, na história, no romance, no conto e na poesia, foi principalmente jornalista vivaz, solerte, elegante e maleável para quem não havia assunto árido, e cuja pena mais se enriquecia em vibrações e mais se aligeirava em produzir, quanto mais dela exigiam as circunstâncias.³²

Nessa mesma expectativa estava o trabalho de Higino Cunha que foi elogiado e sendo considerado por Vamireh Chacon, no seu livro: *Da Escola de Recife ao código civil* como um dos “corifeus” do movimento filosófico daquela Escola de Recife.

Recebendo o grau de bacharel em Ciências Jurídicas, tais jovens tinham à sua frente muitos caminhos a seguir. Clóvis, homem de gabinete, retraído e introvertido, não tentaria a advocacia militante, a luta do foro, o contato com os clientes e os serventuários de justiça. A vida ativa de um advogado, repleta de emoções, não estaria no seu feitio, ele que até quarto ano do curso jurídico só se dedicava com afinco aos estudos da literatura e da filosofia.

Aproximava-se do ano de 1883. Com vinte e três anos completo era um homem preparado para vida. Muitas opções se apresentavam a sua frente, a advocacia, o ministério público, magistratura, diplomacia, magistério, a política. E ele podia escolher aquilo que ele mais gostava, ou ainda articular entre os diversos âmbitos sociais, pois como destacamos anteriormente, Clóvis foi um homem múltiplo em diversos sentidos e sabia muito sobre tudo, justamente porque lia constantemente, era um homem culto e sempre atento nos acontecimentos que regiam o nosso país.

3.3 A candidatura de Amélia à Academia Brasileira de Letras

De que serve, finalmente, externar o meu modo de sentir?

Para dizer que pretendo uma cadeira na erudita sociedade?! Se em todas as minhas aspirações, por mínimas que tenham sido sempre encontrei a formidável barreira do Impossível, como poderia pensar em ser consagrada? (BEVILAQUA, Amélia. A Academia Brasileira de Letras e Amélia Bevilaqua: documentos histórico-literários. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930. p. 18.)

³² BEVILÁQUA, Clóvis. Inteligência superior. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano 1, n. 45, 2 mar. 1952, p. 4.

O texto acima escrito por Amélia de Freitas Beviláqua faz parte de uma coletânea de opiniões dela e Clóvis, como de intelectuais que com suas escritas marcaram o momento de a candidatura rejeitada da escritora à vaga do imortal Alfredo Pujol na Academia Brasileira de Letras, no ano de 1930, com o resultado de uma interpretação ao estatuto³³ da Academia? Ou resultado do olhar limitado dos imortais sobre a presença feminina dentro da academia? Em algumas interpretações o que dizia o estatuto foi naquele momento o que se tinha em defesa desses imortais. Assim esses escritos registrados no livro *A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Bevilaqua* versaram a respeito da contrariedade de assistir Amélia, ser recusada por um estatuto concretizado a partir um modelo francês e voltado à escrita masculina. Assim ela analisa que a rejeição a sua candidatura

Provocou revolta natural na mentalidade brasileira contemporânea, que se traduziu em escritos de grandes vibrações liberais e notável elegância de frases, e em outras manifestações mais íntimas, igualmente expressivas de simpatia pela minha causa, principalmente pelo pensamento, a que ela, dignamente deu expressão. Foi, portanto, um extraordinário acontecimento literário, que eu julgo merecer ficar documentado e não disperso em jornais. Daí nasceu a ideia de publicar este volume.³⁴

Esse momento marcou a vida não só da escritora, mas também de Clóvis Bevilaqua, um dos imortais, e um dos fundadores da Academia onde tinha pela instituição um apreço e dedicação em fazer daquele espaço a referência em estudo intelectual brasileiro, porém esse relacionamento cessou no momento que houve a restrição à candidatura de sua esposa pela instituição, onde “alguns receberam bem a notícia, outros fizeram restrições reservadas, sem ânimo para declarar com franqueza à Clóvis a sua discordância. Vários se opuseram, por motivos nem sempre revelados”.³⁵

Percebemos assim, que independente do que dizia o estatuto da Academia que seguia o modelo francês de não aceitar mulheres como membros, os homens que estavam à frente do pleito já haviam decidido que não seria nem colocado em questão uma eleição com um nome feminino para disputar a vaga. Para alguns nomes da produção literária brasileira não discutir o mérito da candidata quando solicitou a sua inscrição, seria alicerçar preconceitos e valores dominantes que ultrapassavam o grande momento de transformações sociais que era visto no país.

³³ O estatuto faz referência a brasileiros e nessa expressão estava ligada somente ao sexo masculino.

³⁴ BEVILAQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Bevilaqua: documentos histórico-literários*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930. p. 19.

³⁵ MEIRA, 1990, p. 301.

Contemplando as opiniões de intelectuais a respeito da conduta dos membros da ABL, Amélia registrou os escritos que foram produzidos e divulgados em forma de artigos e poesias, a exemplo desses escritos podemos apreciar os depoimentos onde Felix Pacheco colocou-se ao lado de Amélia ao escrever:

Dia por dia a mulher cresce em cultura e se impõe na vida intelectual do mundo moderno, sem decair do seu papel antigo, assim argumentado de novos brilhos. [...] não colhe o argumento que a nossa congênera³⁶ francesa só permite a inscrição aos homens [...] Não queiramos para nós o desprazer da imitação do ingrato privilégio, e evitemos, que, de futuro, algum brasileiro nos increpe da falta de um nome ilustre feminino injustamente posto de lado. Honro-me bastante de ser membro da Academia Piauiense de Letras, a que também pertence a distinta escritora. Os cenáculos estaduais, modelados pelo nosso, andam nesse ponto, muito adiante da academia. A consciência me diz que erraria se procurasse de qualquer forma impedir que viesse a fazer parte do nosso grêmio escritoras e poetisas da estirpe de Maria Eugênia, Amélia de Freitas, Albertina Bertha, Ana Amélia, para não citar alguns nomes entre muitos³⁷.

A decisão da Academia, no olhar de Felix Pacheco, evidenciava não só um olhar dos representantes da ABL, mas também, os limites sociais das mulheres que mesmo décadas depois de transformações provocadas com a chegada da República parecia perdurar no meio social.

Spencer Vampré, filósofo e jurista escreveu sobre o fato no jornal *A Notícia* e como crítico, lançou o seu olhar a respeito da tentativa da instituição de sanar a questão trazendo uma justificativa nos estudos gramáticos. Vampré assim se manifestou:

Isso que fizeram foi uma violência aos textos da lei, e até ao ‘decoro da inteligência’ porque a um certo impudor em sustentar o que a academia sustentou. Tais doutrinas estão abaixo dos merecimentos Acadêmicos. É uma violência e, como toda violência fere mais a quem a pratica do que a quem recebe. A este choca mas aquele tísna... [...] Apresento a Amélia de Freitas Bevilaqua os meus protestos, os de minha mulher, e os de todos os paulistas com quem tenho conversado a respeito.³⁸

Nesse sentido, o não reconhecimento por parte desses intelectuais não teria uma justificativa pautada somente na escrita e muitos sabiam que não condizia também com o talento e dedicação de Amélia Bevilaqua ao mundo das letras. Em meados de 1880 quando ainda era estudante em São Luís e participava da produção do jornal da escola.

³⁶ A Academia Brasileira de Letras foi fundada seguindo o modelo da Academia Francesa.

³⁷ BEVILÁQUA, 1930, p. 60-61.

³⁸ SPENCER, Vampré. Decoro da inteligência. *A Notícia*. Rio de Janeiro, ano 1930, n. [?], 28 jul. 1930, p. 4.

Logo depois, casada com Clóvis Beviláqua, foi morar em Recife onde mais uma vez, e agora profissionalmente, sua escrita ganhou evidência em jornais da capital pernambucana, onde também fundou revistas e foi redatora-chefe da Revista *O Lírio* revista mensal que circulou durante o período de 05 de novembro de 1902 a setembro de 1904, divulgando assuntos e escrita feminina.

Mesmo a Academia Brasileira de Letras nascendo com a finalidade de celebrar a expressão da vida literária do país negou o acesso de Amélia Bevilaqua e de unir ao seu acervo literário a produção desta que naquele momento aparecia entre os nomes das maiores escritoras brasileiras. Sua produção reúne crônicas, novelas artigos e romances³⁹ publicados pelas maiores editoras do país. Reconhecimento que a tornou em 1918, sócia efetiva da Academia Piauiense de Letras, onde divulgava parte de sua produção literária e colaborava juntamente com seu companheiro, aceito como membro correspondente da APL, para consolidar essa instituição e elevar a nível nacional as produções literárias piauienses.

Somados a todas essas questões, Clóvis Bevilaqua, seu companheiro e admirador da esposa não só como mulher mas também por seu talento com as letras e todas as suas ações voltadas sempre para o engrandecimento literário, preferiu manifestar-se como um homem das leis e comentar de maneira sóbria mas que em nenhum momento se eximia a responsabilidade de defender sua esposa do constrangimento. Assim ele discorre:

Do que tenho lido no brilhante Diário da Noite, os acadêmicos reconhecem que a lei interna da Academia Brasileira de Letras não se opõe à entrada de senhoras nessa douta corporação. Realmente, diante do dispositivo estatutário, ninguém poderá pensar de outro modo. Portanto, negar a admissão de senhoras no grêmio ilustra que deve refletir as mais características expressões da literatura da literatura brasileira, é contrariar a própria lei fundamental da Academia. Ao mesmo tempo, se a Academia, por sua finalidade, deve ser a expressão da vida literária do país, e, se há mulheres de talento e cultura, cujos livros são afirmações apreciáveis da mentalidade brasileira, por seu vigor e beleza, a exclusão delas torna incompleta e falha a função representativa da Academia de Letras.⁴⁰

Manifestações assim marcam os momentos de profunda decepção de Clóvis Beviláqua a respeito das atitudes dos acadêmicos, mesmo sabendo que esse tipo de interdição já fazia parte de um universo de restrições às mulheres, que tinham na escrita, mesmo que em vários momentos de forma anônima, uma possibilidade de questionar e criticar a realidade.

³⁹ *Alcione* (1902), *Através da Vida* (1906), *Silhouettes* (1906), *Vesta* (1909), *Angústia* (1913), *Açucena* (1921) e *Impressões* (1929).

⁴⁰ BEVILÁQUA, 1930, p. 33-35.

A indignação de Clóvis ocorre justamente porque o escritor acreditava no valor da escrita feminina, por isso, se achava no direito de defender o espaço de atuação deste segmento no mundo das letras, tendo em vista que as mulheres representam diferentes aspectos da realidade brasileira, por isso mesmo merecedores de valorização e não de exclusão da Academia de Letras.

Neste sentido, já podemos considerar Clóvis como um homem diferente, pois mesmo vivendo em um meio social que prega ao homem o centro das atenções e por muitas vezes o ser feminino o jugo e imposição, o mesmo não se deixou influenciar por tais pensamentos, demonstrando autenticidade, principalmente porque defendia um maior espaço de atuação das mulheres e na prática ajudou Amélia romper tabus sociais do período em que viveram.

3.4 Sociedade literária no lar dos Bevilaqua

No século XX, eram comuns reuniões de amigos e de admiradores das artes, onde grupos formados por aqueles que queriam expor seus talentos e divulgar seus trabalhos ou simplesmente admirar e estar perto desse tipo de convívio.

Assim quando Clóvis foi convidado por Epiácio Pessoa para transferir-se para o Rio de Janeiro para redigir o *Código Civil*, pois seria importante estar perto do governo e das grandes bibliotecas do Rio de Janeiro, pesou a sua atração por Recife, e o apego aos seus familiares e amigos também

A velha casa do sogro, desembargador José Manoel de Freitas, onde, quando ainda vivo o velho magistrado, se realizavam reuniões literárias, com a presença dos irmãos de D. Amélia, eminentes brasileiros, o Dr. Otávio de Freitas, médico, depois fundador da Faculdade de medicina de Pernambuco e João de Freitas, ambos diletos amigos, o segundo talvez mais do que o primeiro, por ter sido seu companheiro de estudos no curso jurídico. Havia também o grande círculo de amigos que o cercava sempre, entre tantos Isidoro Martins Junior, Clodoaldo Freitas e Silvio Romero.

Porém, o cotidiano do casal em relação às reuniões e encontros não foi interrompido, o lar do casal Clóvis e Amélia, no Rio de Janeiro, também acolheu homens e mulheres das letras que apreciavam literatura e arte, assim o casal organizavam saraus com frequência e recebia em seu lar nomes de destaque da intelectualidade brasileira, estudantes e admiradores com recepções acolhedoras e organizadas por todos da família.

É nesse espaço de socialização intelectual e criação de redes que o casal viveu no Rio de Janeiro, Assim esta pesquisa toma como fonte escritos de pessoas que conviveram com o casal e discorreram sobre alguns momentos que compartilharam na intimidade familiar dos Bevilaqua.

Havia momentos que o casal também era recebido pelos amigos, é o que detalha Noemia Brandão ao recordar das visitas semanais de Clóvis e Amélia ao seu pai Carlos Xavier Paes Barreto com quem mantinha uma relação de amizade, assim ela comenta

Quase sempre, uma vez na semana os Bevilaqua apareciam em nossa residência às 8 horas. Várias vezes tivemos a oportunidade de abrir-lhes o portão de entrada na Rua Carlos de Vasconcelos nº 83, Tijuca, no Rio de Janeiro. Papai, satisfeito, aproximava-se, introduzindo-os na sala de estar. Vez por outra, vinham munidos de máquina fotográfica, e Doris, uma das filhas, tirava fotos a mando de Amélia.

São poucos relatos de momentos como esse que o casal ausentava-se de sua residência, pois eram um casal maduro e além disso, Clóvis era caseiro e Amélia já apresentava sinais de instabilidade na saúde, Noemia Brandão assim, lembra com carinho as visitas do casal e como ela gostava de contemplar o perfil do jurista e da escritora

Já era idoso quando eu o conheci pela primeira vez, ele sempre apresentável, barba feita, terno escuro, camisa branca, colarinho alto, gravata e chapéu escuros, sua fisionomia serena, meiga e bondosa, sua maneira acolhedora ao nos receber. Ela apesar de estar sempre de chapéu na cabeça pequena, de cabelos grisalhos, andava curvada e vestia-se com modestas roupas escuras, mais para magra, olhos pretos, alegre, inteligente, simpática.⁴¹

O que percebemos em alguns trabalhos, notadamente os escritos por pessoas que além de estudar a vida do casal, também conviveram próximos a eles, é a maneira que é narrado os momentos de convívio, a exemplo dessas descrições, trazemos a escrita da professora Noemia Brandão sobre sua visita à casa do casal

Quando chegamos à residência, atravessamos um pequeno jardim e, através do varandão que rodeava a casa, entramos na sala de visitas onde havia de tudo: uma estante, mesa com cadeiras, piano, sofá, poltronas, duas cadeiras de balanço três estantes abarrotadas de livros, além de muitos mais espalhados por cima da mesa e das cadeiras, enquanto alguns pombos arrulhavam tranquilamente em cima de um grande retrato de Clóvis à parede. Acomodamo-nos na sala. Sentou-se o biografado numa das cadeiras de balanço. Amélia ao seu lado. Floriza e Doris vieram cumprimentar-nos. Doris muito alegre e falante. Veleda e Vitória, bem mais moças, sorridentes,

⁴¹ BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clovis Bevilaqua na intimidade*. Rio de Janeiro: Editora Editorama, 2008. p. 26.

mas caladas, se chegaram, chamando-nos para seu quarto, pois éramos jovens como elas. Uma acariciava o pombo, a outra abraçava um galo. Notamos que esse perdera as pernas, essas e outras aves dormiam em suas camas.⁴²

A cada detalhe que temos sobre a vida familiar e o lar dos Bevilaqua nos deu subsídio para conhecer melhor parte da vida particular do casal e com suas filhas e netas, bem como, as atividades e discussões realizada naquele ambiente.

A escrita sobre o casal e as correspondências foram também importante para nos mostrar como se deu os anos de convivência entre Clóvis e Amélia, o carinho demonstrado em público e os cuidados do jurista com sua esposa também chamava atenção

Na sala, pudemos perceber que, mesmo com a atenção voltada para a conversa, o jurista não deixava um instante sequer de demonstrar carinho e consideração pela esposa. Transmita-lhe, pacientemente, tudo que diziam, pois Amélia sofria de surdez- esclerose, que, com a velhice piorara e, certa hora, notamos Clóvis levantar-se para fechar a janela a fim de impedir o vento nas costas da esposa.⁴³

Clóvis se mostrou companheiro ao lado de Amélia, deixou de realizar alguns trabalhos e atividades para dedicar-se a esposa. Em alguns momentos sua condição financeira foi abalada por suas escolhas e também pela tentativa de tratar a doença da esposa como no momento que vendeu os direitos autorais do seu livro *Teoria Geral do Direito Civil* para pagar as despesas com a operação de Amélia, mas que não trouxe resultados.

A hospitalidade do casal refletia na frequência dos encontros literários, jantares, comemorações de aniversários que ocorria na própria residência, Clóvis em particular era reconhecido como um homem bondoso que se desfazia de suas economias e bens para ajudar familiares, amigos e até mesmo desconhecidos como os estudantes que participavam desses encontros.

Conta-se que o casal estava concluindo a negociação da compra de uma residência após Clóvis receber um prêmio pela colaboração no projeto do *Código Civil* que o Congresso havia aprovado, quando um parente de Amélia chegou e pediu o dinheiro emprestado, alegando estar desempregado e precisar comprar uma casa para morar. Amélia, a princípio negou-lhe o empréstimo, mas Clóvis, penalizado, acalmou e consolou a esposa: é só emprestado, quando ele nos pagar, compraremos também a nossa. Assim como outros empréstimos, eles não recuperaram esse dinheiro.

⁴² BRANDÃO, 2008, p. 27.

⁴³ BRANDÃO, 2008, p. 26.

Em outras situações, também são comentadas em cartas, onde Clóvis recebia pedidos para ele usar seu prestígio em prol de uma determinada causa e isso deixava Clóvis constrangido e entre negar alguns desses pedidos, quando se falava em família ele tentava atender foi o caso da carta datada em 6 de maio de 1906, Clóvis escreve a Carlos Xavier Paes Barreto rogando uma colocação para seu cunhado Vítor Manuel que há tempos desempregado tinha suas despesas pagas por Clóvis:

Escrevo-lhe hoje, sob a pressão de uma necessidade imperiosa, que nos impele a tomar uma deliberação que poderá passar por importuna e impertinente. O meu cunhado, Vítor Manuel de Freitas, veio do Amazonas há quase dois anos, sob o engodo de umas promessas felizes, e, desde esse tempo, está desempregado. A princípio ficou aqui no Rio, depois, em novembro último, passou a residir em Resende, onde a vida é mais barata. Imagina um homem casado, com filhos, sem Haveres e sem emprego. A advocacia em Resende não se aplica, no Rio é impossível. Demos ao Vítor o apoio e o auxílio que pudemos, porém, a situação é dolorosa, não obstante isso. Já pedir a quem era possível pedir. Ministros, deputados, servidores, prometem todos e todos faltam ou se escusam. Hoje Amélia lembrou-me que lhe escrevesse. Assim o fiz, escreva-nos dizendo o que houver... A Amélia cumprimenta-o com particular estima e pede que apresente os meus melhores cumprimentos à sua senhora a quem respeitosamente saúdo.⁴⁴

Prontamente o seu pedido foi aceito, mas o seu cunhado achou o cargo abaixo de sua qualificação. Clóvis se dividia entre a sua profissão e o cuidado com seu lar, mas apresentava-se disponível para auxiliar financeiramente os seus familiares, bem como os familiares de Amélia, como podemos perceber na leitura dessa carta ao seu amigo Carlos Xavier, Clóvis sentia-se forçado em pedir favores, mesmo ele que recebia vários pedidos não se achava no direito de usar seu prestígio em trocas de favores.

Esses fatos mencionados, Amélia registrou em seus “livrinhos de recordações”⁴⁵ onde também mencionava os momentos de sua juventude ao lado de sua família, como as viagens feitas para o lazer da família Freitas, organizadas por seus pais quando o Dr. Freitas estava de férias e descrevia também nesse livro, as festas e recepções que eram frequentadas por homens que formavam a sociedade política e intelectual próximos do Dr. Freitas.

A partir disso consideramos que o dom que Amélia demonstrava quando recebia seus convidados em sua residência, veio de berço. Segundo Noemia Barreto Amélia foi educada num meio culto, que via a bondade de seus pais sendo elogiada por quem convivia próximo ao casal

⁴⁴ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 6 maio 1906, Rio de Janeiro [para] XAVIER, Carlos., Vitória.

⁴⁵ Livro utilizado para registros de Amélia, ainda solteira, era uma espécie de diário, mas não de seus segredos e sim as narrativas diárias de sua família, as viagens, as festas, recepções e as visitas de amigos e homens de destaque na sociedade para as rodas de conversas.

Seus pais - Desembargador José Manuel de Freitas e D. Tereza Carolina da Silva Freitas – eram muito respeitados, D. Tereza aprazia-se em ternura pura com os filhos e amigos destes, e o Dr. Freitas mantinha-se sempre afável e cordial com suas visitas, sua residência, de feição colonial era a melhor do lugar, muito vasta, mostrava os ares apalacetados.

Era costume, nas tardes estivais, assentarem-se todos da família, entre visitas, ao ar livre, junto ao portal das casas, sua casa era frequentada por intelectuais e pessoas de prestígio social, uma espécie de Academia Política e Literária [...] grandes e pequenas figuras ali aportadas iam ao elegante palacete. Aos domingos a família recebia para jantar diversos parentes e amigos, com a mesa farta, com acompanhamento de vinhos estrangeiros, tradição conservada também pelo casal Clóvis e Amélia em seu lar.⁴⁶

Igualmente a isso destacamos também a descrição de Silvio Romero quando fala do lar do casal, reconhece as qualidades e nos mostrou, assim como os estudiosos do casal, detalhes do lar dos Beviláqua, onde escreve

Uma das coisas mais agradáveis, mais deliciosas, mais encantadoras que me tem sido dado apreciar na vida é a convivência com a família Clovis Beviláqua. O casal e duas filhas. Mas o casal se compõe desse singularíssimo de espírito, em que o saber, a erudição, a elevação das ideias, a originalidade do pensamento se entrelaçam, se embebem, se disfarçam, se diluem, digamos assim, tão espontânea e tão docemente na modéstia, a naturalidade, a despreensão, a placidez da luminosa atmosfera moral que constituem a tonalidade do caráter do grande escritor, e dessa senhora, na qual a distinção se chama candura, a bondade é sinônimo de delicadeza, a inteligência é um rebento do coração, antes de ser um presente do cérebro. Que dizer das duas filhas, as duas representantes da meiguice brasileira, senão que nelas se requintou a superioridade espiritual dos pais? — Se houvesse verdade na descrição da família patriarcal dos velhos tempos bíblicos, esse deveria ser o seu retrato. É um espetáculo que conforta, por se perceber ao vivo estar o filão de nobres qualidades da raça longe de esgotar se.⁴⁷

Comprendemos que na vida familiar, várias situações são vivenciadas por seus membros, encontramos também, no caso dessa família, narrações de problemas e dilemas presenciados por pessoas próximas do casal, momentos marcados por dificuldades e mudanças, mas que para nosso trabalho não convém adicionar.

Marcadamente, o que nos pareceu oportuno foi traçarmos nosso olhar a respeito da escrita do casal e de suas atividades intelectuais que nos trouxe a possibilidade de mostrar

⁴⁶ BRANDÃO, 2008, p. 33.

⁴⁷ ROMERO, Silvio. *Provocações e debates*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1908. p. [?].

parte da história do jurista Clóvis Bevilaqua e de sua esposa e escritora Amélia Bevilaqua, duas figuras das letras que tiveram seus nomes marcados nas instituições literárias no Brasil.

4 ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE

Philippe Ariès¹ falava da morte como o último degrau de uma vida, o fim do ciclo da existência, passo inevitável até aos grandes homens. Ciclo completo quando a morte vem na velhice, reforçando a certeza que todos os homens são mortais e que o binômio morte e vida são indissociáveis. É importante ressaltar, contudo, que apesar de as pessoas configurarem a morte como um momento trágico, há certa conformidade quando ela está associada à velhice, transmitindo a sensação de que o corpo e o indivíduo conseguiu cumprir o ciclo natural da vida. A morte, normalmente precedida de dificuldades físicas e biológicas, finda o alento do homem que aos poucos se torna um ser dependente e com suas ações limitadas.

No caso de Amélia e Clóvis o tempo findou a história do casal com a morte, quando já estavam envelhecidos e debilitados. O jurista já estava com oitenta e quatro anos quando foi acometido pela morte no dia 26 de julho de 1944. Florisa relatou em seu depoimento a noite que antecedeu o fato até o momento que o encontrou falecido:

Na véspera, a noite, recolhera-se ao dormitório tranquilo. Doris, como de costume, tomara-lhe a benção. Nessa noite, ao responder o pedido de minha irmã, o pai exclamou: “Eu te abençoei por hoje e para sempre”. Papai costumava trabalhar até de madrugada em seus pareceres e ainda assim acordava muito cedo para voltar ao seu escritório. Ao amanhecer eu como de costume fui levar o seu desjejum, quando o vi caído e imaginei que o barulho que ouvimos foi de sua queda, sua testa estava ferida. [...] aflita gritei por minha mãe que em desespero ajoelhou e tentou levantar papai, ele não respondia, corri em busca de ajuda, meu vizinho senhor Saul veio logo e pegou o corpo de meu papai e colocou na cama, outros amigos chegaram e solicitaram a presença de seu médico Dr. Carlos Freire e como ele demorava chamaram o Dr. Joaquim Garcia e diagnosticou colapso cardíaco. Passamos todo tempo ao lado do corpo de nosso pai, mamãe pegava em seu terno como se quisesse deixá-lo mais elegante é doloroso agora ver meu pai aqui nesse salão e lembrar.²

A notícia do falecimento de Clóvis logo foi noticiada pelos jornais, todos queriam transmitir tributos à memória de Clóvis Bevilaqua, as instituições organizaram discursos, conferências, confecção de selos, bustos para lembrar o nome do jurista em homenagens realizadas durante o velório e em outros períodos. O jornal *O Globo* dedicou algumas páginas para falar da vida de Clóvis citou que

¹ ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

² BEVILAQUA, Florisa. *Caderno de anotações*. Rio de Janeiro, 1908-1911. Não paginado. Manuscrito.

A morte repentina do mestre causou, como era natural, uma desorientação completa para as mulheres de sua família, entre elas a esposa, as filhas e as duas netas, ele era o único homem da casa, foram os vizinhos os primeiros a correr, atendendo os lamentos das filhas, e deles partiram a iniciativa da comunicação da grande perda às pessoas que dela deviam tomar conhecimento em primeiro lugar, assim chegou seu primo João Bevilaqua, um representante da livraria Freitas Bastos e Aquiles Bevilaqua seu sobrinho e advogado. Logo mais a casa se encheria de visitantes ilustres, ministros, advogados, autoridades, pessoas humildes, de todas as categorias. E os moços, aqueles que ele homenageara durante a vida toda, os moços, ali estavam.³

Ainda em sua residência chegaram a reunir-se, segundo Meira, “as mais altas autoridades do Brasil, entre outros, o presidente da academia brasileira de letras, Mucio Leão”.⁴ De seu discurso reescrevemos este fragmento divulgado no jornal *O Globo*

Mestre Clóvis Bevilaqua, são estas palavras que á beira do teu tumulto a Academia Brasileira de letras deseja dizer-te. Ela desejava dizer-te, também, que existem afastamentos que não são de forma nenhuma afastamentos; são aqueles em que a pessoa que se afastou continua a ser o motivo do amor e do orgulho das pessoas que ficaram. Assim aconteceu outrora, quando deixaste de frequentar a casa de que havias sido um dos fundadores, a Casa que continuou a ter por ti o mesmo sentimento de orgulho e de amor de que te cercara em outros tempos.’ E em outro passo: ‘ainda ontem, ao visitá-lo logo depois do seu falecimento , ao vê-lo no lar, que não é próprio classifica-lo como modesto, porque chega a ser humílimo; ao vê-lo cercado dessas doces figuras em pranto, a sua esposa, d. Amélia De Bevilaqua, escritora e romancista que lhe foi a companheira desvelada de toda a existência, e as suas filhas; ao contemplá-lo, estendido em sua roupa civil sobre a tabua rude que lhe servia de leito final; ao contemplar, revoando sobre o seu cadáver os pombos que ele criava, alimentando-os com as próprias mãos – eu irresistivelmente me ia perguntando a mim mesmo se acaso não estaria a assistir a algum capítulo maravilhoso de algum velho hagiólogo, ressuscitado, sem sabermos como, para o deslumbramento dos nossos espíritos atônitos...’⁵

O casal viveu muitos anos ao lado um do outro, a morte foi a única força que distanciou esse casal, pois Clóvis fez escolhas em sua vida profissional condicionalmente pesando em sua esposa. Desistiu de viagens oferecidas a ele para as tradicionais homenagens proporcionadas por instituições nacionais e internacionais ou até mesmo a desistências de cargos que para assumi-los se desligaria da família ou tomaria parte de seu tempo que por escolha própria dedicava à família.

³ BARRETO, Hugo. Iluminou, durante quase meio século, a vida jurídica do Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 5591, 28 jul. 1944, p. 1.

⁴ MEIRA, 1990, p. 406.

⁵ LEÃO. Lúcio. Iluminou, durante quase meio século, a vida jurídica do Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 5591, 28 jul. 1944, p. 1.

A dedicação existente entre o casal que discutimos nesse trabalho, foi referenciada por pessoas que estavam próximas ao casal, era comum em escritos dedicados aos dois, relatos do companheirismo existente naquele lar, juntamente com suas filhas e em especial o cuidado de Clóvis à sua esposa e companheira nos últimos anos de união.

4.1 Envelhecimento e doença

No final da década de 1930, viviam em uma nova residência na Rua Barão de Mesquita, uma casa mais simples, contudo foi o cenário dos últimos anos da vida do casal que caracterizavam-se como um período mais intimistas e somente com a família, pois Amélia, nesse período, estava com sua saúde muito fragilizada, fato que a impedia de realizar algumas atividades. Com a morte de seu marido, suas filhas e netas substituíram os cuidados do pai falecido, são momentos de dor e solidão que cercam a família, pois a única figura masculina que provia o lar deixou órfãs as quatro mulheres que ganharam a comoção de amigos e apreciadores da história do lar de Clóvis e Amélia de Freitas Bevilaqua.

Dessa forma, a história de Amélia de Freitas Beviláqua como mulher e profissional das letras, nos permite visualizar os valores e condutas que foram socialmente cristalizados, e nos permitem observar uma mulher rompendo com padrões vigentes, tendo em vista que Amélia em alguns momentos fugia do padrão feminino de seu meio social, pois participava de círculos sociais destinados aos homens.

Um período delicado da vida de Amélia Bevilaqua, não tinha mais os cuidados e a total dedicação do seu esposo. A doença de Amélia, fez com que aos poucos ela enfraquecesse. De mulher das letras e com atitudes independentes, tornou-se frágil, muitas vezes com um quadro de saúde preocupante e que se encontra descrito em correspondências por Clóvis ou por suas filhas Doris e Florisa.

Enquanto Clóvis Bevilaqua, apesar de alquebrado pelos anos, continuou trabalhando intensamente como consultor jurídico de todos os brasileiros até seu falecimento, a mulher, Amélia de Freitas Bevilaqua, “a senhora do meu lar”, entrava em franca decadência física e mental [...] Não era mais aquela vigorosa mulher, nordestina, morena e de uma beleza rústica, que vemos nos seus retratos de mocidade.⁶

⁶ MEIRA, Silvio. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990. p. 408.

Embora seja possível perceber a partir das comunicações que havia certa discrição de amigos e familiares quando perguntavam pela saúde de Amélia, sabemos que a doença tirou o vigor da escritora, segundo as palavras de sua filha Florisa, era um tipo de esclerose que tomou de conta do corpo e da mente, assim suas lembranças foram sendo esquecidas, precisava de auxílio para alguns cuidados de higiene, quando vivo era Clóvis que gentilmente penteava seus cabelos, direcionava seu rosto para as fotografias de família e repetia para ela em tom mais alto tudo que era falado em sua casa.



FIGURA 21: O casal na juventude nos primeiros anos de casamento.
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Em algumas dessas fotos percebemos o olhar de Amélia longe, parecia não perceber o que estava acontecendo. Em carta de um estudante de direito e admirador do jurista Alcântara Nogueira, ele comenta o prazer de encontrar o casal em um ponto da cidade, onde ele percebe a dificuldade de movimento de Amélia e o olhar atento de Clóvis em guiar a esposa.



FIGURA 22: O casal no final da década de 1930.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilacqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Em algumas dessas fotos percebemos o olhar de Amélia longe, parecia não perceber o que estava acontecendo. Em carta de um estudante de direito e admirador do jurista Alcântara Nogueira, ele comenta o prazer de encontrar o casal em um ponto da cidade, onde ele percebe a dificuldade de movimento de Amélia e o olhar atento de Clóvis em guiar a esposa.

O casal raramente saía do seu lar e algumas vezes quando ocorria se beneficiavam da modernidade que deixava o século XX mais encantador, “pela incorporação de uma série de novos produtos, frutos do avanço tecnológico à vida cotidiana”,⁷ como carros e principalmente o bonde que era o meio de transporte também usado pelo casal. Andavam pela cidade do Rio de Janeiro em busca daquilo que lhes dava mais prazer, o conhecimento intelectual. Assim, as livrarias eram os locais favoritos de passeio do casal, era a verdadeira motivação para afastarem de sua residência. Depois, era frequente encontrarem alguns amigos⁸ nos corredores do recinto e ir ter com eles em um chá na Confeitaria Colombo.⁹ Nisso se resumia a vida pública do casal fora de sua residência.

⁷ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na primeira república*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 120.

⁸ A presença do casal em espaço público era motivo de agitação. As pessoas queriam se aproximar, conversar, elogiar o casal e seus trabalhos, ou ainda cabia aos mais indiscretos fazer consultas jurídicas que sempre eram atendidas, por Clóvis, sem se incomodar.

Não sabemos quando começaram os primeiros sinais de instabilidade de saúde em Amélia, mas temos registros de que, em 1917, a saúde da escritora merecia cuidados. Estava Amélia com cinquenta e seis anos de idade, e Clóvis com cinquenta e oito anos. Nesse período eram frequentes os convites dos amigos, admiradores e de instituições que solicitavam a presença do casal em eventos como jantares, inaugurações e homenagens¹⁰. Normalmente a recusa era certa, até convites de amigos mais íntimos e da estima do casal não conseguiam tirar o casal de seu lar. O trecho abaixo faz parte de uma carta que responde a um convite de um velho amigo da família:

Meu caro Dr. Melchíades Picanço, saudações cordiais.

Eu e Amélia, como também as meninas, somos agradecidos ao convite delicado, que nos fez para irmos almoçar em sua nova residência, agora inaugurada, e que imaginamos que seja uma vivenda confortável e adaptável aos desejos da família e às suas necessidades de trabalhador intelectual. Neste momento, porém, nos é difícil a ida a Niterói, para atender à solicitação amiga. Num dia, que não marcamos, iremos ter o prazer de visitá-lo, em companhia de sua senhora, com quem Amélia muito simpatiza. Do seu amigo que se preza de o ser, Clóvis Bevilaqua¹¹

Amélia com já estava com setenta e oito anos e Clóvis com oitenta, assim não tinham mais o vigor da juventude, viviam para o lar e para as filhas. Porém Clóvis, mesmo em sua residência, não deixou seus estudos e leituras, e ainda registrou alguns trabalhos escritos nas horas vagas pois, não deixou de realizar suas atividades como consultor jurídico até os últimos dias de vida.

Não achamos conveniente citar aqui alguns predicados usados para descrever a imagem física de Amélia como mulher, desde os olhos mais próximos de amigos e parentes aos de admiradores, que não a conheceram na juventude.

Preferimos ficar com a imagem que nos é transmitida nas primeiras fontes iconográficas¹² que nos mostra na juventude uma mulher elegante, de olhar firme e muito vaidosa, de uma beleza facial que nada deixa a desejar, elogiada por seu noivo. Podemos até mesmo imaginar que esse rosto de traços agradáveis foi herdado do pai, o Dr. José Manuel de

⁹ A Confeitaria Colombo tradicional na cidade do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1893, era o referencial em espaço para uma boa alimentação e ponto de encontro para confraternização da alta sociedade carioca. Nos dias atuais não perdeu sua tradição e ainda tem o seu local de privilégio entre os que apreciam um ambiente voltado para a classe mais favorecida do Rio de Janeiro.

¹⁰ Em nossas pesquisas localizamos cerca de 240 correspondências (cartões e telegramas) endereçadas ao casal, a maioria desses eram convites para eventos.

¹¹ BEVILAQUA, Clóvis [Carta] 1 dez. 1939, Rio de Janeiro [para] PIKANÇO, Melchíades., Rio de Janeiro. Justificando a recusa de um convite.

¹² O acervo de fotos do casal e da família Bevilaqua auxilia na produção e tece uma linha do tempo que colabora com nossos estudos. Parte desse acervo adquirimos em obras escritas pelo casal ou sobre eles, bem como no conjunto iconográfico do Memorial Clóvis Bevilaqua, localizado no Tribunal de Justiça do Ceará em Fortaleza.

Freitas, que era um homem elegante e de boas feições, que se apresentava como seus cargos exigiam. Sua esposa¹³ era mais franzina e aparentemente sem nenhuma vaidade.

Sabemos que a doença acometeu fisicamente Amélia, provocando o enfraquecimento de sua memória, que suas práticas intelectuais foram ameaçadas pelo esquecimento. Neste sentido, não sabemos com qual frequência a doença tomava conta de seu corpo, mas o que identificamos na leitura das correspondências é que períodos extensos transcorriam entre uma crise e outra. Sua produção, em parte, poderia comprovar o que afirmamos, pois temos algumas de suas obras lançadas com certa proximidade.

Amélia Beviláqua faleceu aos oitenta e cinco anos, no ano de 1946, quase dois anos depois da morte de seu companheiro, segundo relatos de sua neta em documentário e também nas leituras de alguns telegramas da época que Amélia. Estava debilitada física e mentalmente, sendo que os últimos dias de Amélia mereceram cuidados especiais de familiares e amigos, assim como recebeu ajuda financeira para continuar com o mesmo padrão de vida com a falta do provedor da família.

Morreu longe de sua terra natal, no Rio de Janeiro, onde viveu em quatro endereços, na Rua Santa Alexandrina nº 29-B, poucos meses, depois mudaram-se para Rua Aristides Lobo, 209, a seguir foram morar no seu melhor endereço no bairro da Tijuca, Rua Barão de Mesquita, 572. A ligação com essa residência se dava pela estrutura da casa e por marcar ali o nascimento de suas três netas, Thereza que faleceu aos quatro meses, Veleda e Vitória, todas as filhas de Floriza, que viveu poucos anos casada e com sua separação, as netas foram perfilhadas pelo casal Bevilaqua. Foi também dirigida a esse endereço que encontramos a maioria das correspondências endereçadas ao casal, pois lá a família viveu mais de 20 anos.

Depois da morte de Clóvis Beviláqua a sua “casa ficou vazia, mas as lembranças estavam em todas as partes da residência principalmente onde por muito tempo foi seu templo particular da intelectualidade, seu escritório e biblioteca, onde viveu seus últimos momentos”,¹⁴ Amélia sentiu a morte de seu companheiro, solitária muitas vezes “chorava pelo jardim e recitava poesias baixinho”.¹⁵ Desejado por várias instituições, a biblioteca passa a ser negociada, várias ofertas à sua família foram feitas, todos admiravam a riqueza de seu acervo formado por incontáveis livros, arquivos fotográficos, documentos jurídicos, correspondências, rascunhos de escritos da família, entre outras bens que contavam tanto a

¹³ Temos uma única imagem da mãe de Amélia, não datada mas que presumimos que ela estava com uma aparência de mais de 35 anos.

¹⁴ BEVILAQUA, Doris. Discurso no velório de Clóvis Bevilaqua. In: *LIVRO de lembranças do sepultamento de Clóvis Bevilaqua*. Rio de Janeiro: [s. n], 1944. p. 1. Datilografado.

¹⁵ BEVILAQUA, Florisa. *Caderno de anotações*. Rio de Janeiro. Não paginado. Manuscrito. Anotação do caderno de Florisa, datado em 10 de outubro de 1844.

vida dos Bevilaqua, como parte da história da sociedade brasileira que se encontrava guardada em gavetas e armários da residência.

A casa da Rua Barão de Mesquita continuou por muitos anos intacta, sua biblioteca, que era o bem valioso da família ficou sob os cuidados de Doris, filha do casal, cuidadora dos objetos pessoais, documentos, escritos. Quando Doris faleceu, a neta Velleda continuou o trabalho, mas o tempo tirou a conservação do acervo pessoal da família. Utensílios e móveis foram envelhecendo.

A casa, hoje sem nenhuma conservação, ainda guarda algumas lembranças da família. Suas bisnetas ainda moram no casarão, mas na verdade além dos objetos pessoais o que restou foi o legado divulgado durante suas vidas.

O nome do jurista estava ligado a muitos trabalhos que elevaram seu nome ao cenário judiciário, literário, mas o principal foi a elaboração do *Código Civil Brasileiro*, que foi visto como modelo para leis em outros países.

A respeito da importância desse documento para a sociedade brasileira, poderíamos apontar aspectos que renovaram as ideias e atitudes sociais que passaram a ver no *Código Civil* um guia que transformaria e deixaria a nossa nação mais independente com leis feitas para o Brasil e por brasileiros, diante disso e em particular o aspecto percebido ligado a nossa pesquisa, é a respeito desse conjunto de leis e como a mulher era vista perante o projeto evidenciado pro Clóvis.

A respeito disso, Clóvis escreveu um artigo no *Almanaque Garnier* sobre sua produção e reconheceu que levantar a condição civil da mulher foi realmente uma de suas preocupações, era dar a solução legal ao que ele considerava um grave problema e que uma das soluções seria seguir uma trilha que fosse a diretriz da verdade jurídica “traçada a igual distância dos exageros do feminismo anárquico e das caturrices do masculinismo pretencioso”.¹⁶

Preocupado em transparecer certa vaidade, Clóvis afirma que seu trabalho não traduz o “envahecimento do artista que descobre em sua produção uma qualidade boa sobressaindo entre outras do mérito contestável, mas o grato sentimento do juiz que profere uma sentença que lhe parece o transunto da justiça e da equidade”.¹⁷ Um projeto levou em conta corresponder satisfatoriamente às necessidades da sociedade.

¹⁶ BEVILAQUA, Clóvis. A mulher perante o Código Civil Brasileiro. *Almanaque Garnier*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 42, 11 set. 1901, p. 225.

¹⁷ BEVILAQUA, Clóvis. A mulher perante o Código Civil Brasileiro. *Almanaque Garnier*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 46, 27 nov. 1901, p. 227.



FIGURA 23: Clóvis Bevilaqua recebendo a comprovação da inscrição de seu nome no livro do mérito.
FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Nos últimos dias de vida, Clóvis demonstrava uma caligrafia envelhecida que já não era mais a mesma, de difícil leitura, mas o que impressionava era sua nitidez nas palavras, seu discurso era de um jovem dotado de conhecimento e que demonstrava competência ainda maior ao analisar as demandas daqueles que o procuravam para resolução de pendências judiciais, pareceres e sua opinião crítica a respeito de trabalhos que variavam dentre os assuntos corriqueiros da sociedade a uma escrita mais intelectual. Sua produção era referência para autores que na maioria das vezes eram homens com seus trabalhos consolidados que viam no olhar do jurisconsulto um importante referencial.

4.2 O testamento de Clóvis Bevilaqua

Ampliando nosso estudo, escolhemos trabalhar com dois documentos; o inventário de Clóvis e seu testamento, o inventario traz detalhes de seus bens e o testamento como último desejo de Clóvis, os bens que deixou para a esposa e para suas filhas e netas - que foram registradas como filhas - todos os detalhes sobre os direitos autorais de seus livros, em fim, informações que serão agregadas ao nosso trabalho.

Clóvis foi uma pessoa de poucos bens, ainda na juventude teve oportunidade de herdar a maior parte dos bens de seu pai, mas pensando na condição de solteira de sua irmã mais velha abriu mão de sua herança quando sua mãe faleceu para Edeltrudes que para casar-se precisaria de um bom dote principalmente pela ausência da mãe, mais tarde com a morte do pai achou que sua irmã dedicou sua vida para cuidar do vigário e recusou assim sua parte nessa herança também.

No início de sua vida a dois, pouco conseguiu economizar com seus cargos era o único provedor de sua casa. No final de sua vida, em alguns momentos, precisou da ajuda de amigos e admiradores, mesmo com uma vida plena de trabalhos constantes na área jurídica e atividades ligadas ao exercício de sua escrita, autor de inúmeras produções que renderam na época alguns rendimentos, vivia também de pareceres mas não cobrava a conterrâneos, amigos, parentes, a instituições religiosas e de pessoas pobres, quando realizava um parecer e cobrava pedia uma quantia ínfima.

Conta-se que um gerente de rica empresa levou alguns pareceres que reputava valiosos para sua defesa ao advogado Astolfo Rezende, informando que havia um de menos valia, de um tal de Bevilaqua, porque os outros me custaram Cr\$ 5.000,00 e este cobrou Cr\$ 200,00. Lembrava sua filha Doris que um cliente, após receber, seu parecer, perguntou quanto lhe devia ao que Clóvis respondeu que desse quanto entendesse, e a pessoa entregou uma nota de Cr\$ 20,00.¹⁸

Sobre sua condição financeira e suas atividades profissionais, Clóvis preferiu a tranquilidade do seu trabalho em seu lar onde era pouco remunerado. Recusou em 1890 os mandatos de deputado e de senador federal, assim como cargo de governador do Ceará, rejeitou três honrosos oferecimentos para ocupar o cargo de ministro do mais alto tribunal do país. O primeiro em 1921, pelo então presidente da República Marechal Hermes da Fonseca. Sobre o fato, comentou em cartão a seu amigo Carlos Xavier Paes Barreto:

Como já deve saber, não me foi possível aceitar o honroso convite do Marechal, mas dele me ficou essa manifestação de simpatia dos amigos e um atestado de que não desmerecia do cargo, porém, penso na tranquilidade de meu lar e que mudanças esse cargo me traria, ao lado dos meus trabalho em boas condições.
Do colega e amigo Clóvis.¹⁹

¹⁸ BRANDÃO, 2008.

¹⁹ BEVILAQUA, Clóvis. [Cartão postal] 2 de junho de 1932, Rio de Janeiro [para] BARRETO, Carlos Xavier Paes, Rio de Janeiro. Cartão a respeito de sua recusa para o cargo de deputado.

A segunda solicitação, em caráter reservado, ocorreu em 1920, por Epitácio Pessoa, seu grande amigo. O terceiro convite aconteceu em 1929, por Washington Luiz. Em 1932 é convidado para tomar parte como delegado do Brasil no congresso Americano, não aceitando, no que muito lamentou o Barão do Rio Branco. Em carta ao ministro, datada de 2 de junho de 1932 Clóvis agradece

Telegrafei ontem a V. exa. Agradecendo a distinção com que V. Exa e o Exmo. Sr. Presidente da República me honraram, convidando-me para tomar parte do Congresso Pan-americano, como delegado do Brasil. Infelizmente a minha índole, os maus hábitos e um conjunto de circunstância que me são peculiares impedem-me de aceitar tão honroso convite e de no posto que me era designado, prestar à causa do Brasil os serviços que estivesse na altura de minhas forças. Como, porém, o governo se lembrou de mim para as funções de consultor jurídico do Ministro do exterior, se houver oportunidade de V. Exa. Achar necessário, poderei, nessa qualidade, aceitar.²⁰

Com todas as suas recusas de cargos e prêmios por mérito do uso de seu nome, Vivia com a família com modesto salário, mas demonstrando sempre o prazer por exercer o cargo que não o consumia como pai e marido. Continuou até sua aposentadoria trabalhando como consultor jurídico do Brasil

Aposentado do Ministério das Relações Exteriores em 1934, seus proventos não eram de ordem de lhe proporcionar, e à família, grande conforto. Passou a viver de pareceres jurídicos, que se fossem bem pagos, permitiria amealhar razoável fortuna. Mas era mal remunerado. Não sabia cobrar. Sua bondade sem limites o levava a fixar honorários ínfimos e às nem sequer os exigia. Aproveitavam-se, assim, de sua generosidade. Clóvis deveria trabalhar dos setenta aos oitenta e quatro anos, dia e noite, a caneta na mão, rodeado de livros, enquanto os pombos penetrava na casa, pousavam na estante ou na mesa e recebiam de suas próprias mãos a ração de todos os momentos. Que quadro admirável esse, daquele ancião em sua banca de trabalho, pilhas de livros abertos, as estantes repletas servindo de fundo, a fisionomia sempre serena, o olhar meigo e meditativo, enquanto as aves vojavam em torno. Essa bondade e mansidão com os animais nem sempre foi compreendida pelos que lhe visitavam a casa e até comiam de seu pão. Alguns, felizmente poucos, faziam comentários ou inventavam anedotas de toda a espécie, na ausência.²¹

Clóvis, ele pouco teve a oferecer à sua família, assim estava escrito parte de seu inventário oficializado meses depois da morte de Clóvis, lido na presença da viúva Amélia e de suas filhas e netas

²⁰ BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 2 jun. 1932, Rio de Janeiro [para] Barão de Rio Branco, Niterói. Carta comentando sobre o convite para tomar parte do Congresso Pan-americano, como delegado do Brasil.

²¹ MEIRA, 1990, p. 401.

Os bens são: Uma casa na cidade de Viçosa com três janelas e uma porta de frente voltada para o norte onde extrema com a rua padre José Bevilaqua; ao sul, com a rua que a Praça General Tibúrcio a rua de Paris, ao nascente com a casa pertencente ao Dr. Aquiles Bevilaqua. Medindo oito metros e cinquenta centímetros de frente por trinta e oito de fundo encontrando-se a referida casa estragada, a frente ameaçando a ruir; havido recebido por herança de seu pai, José Bevilaqua anterior ao código, Uma biblioteca com 20 mil exemplares, apólices, [...] conta poupança nos bancos Mercantil e 3 poupança na caixa econômica, Assim também como os direitos autorais de livros.²²

Como podemos perceber nada em especial foi deixado de herança, Clóvis não acumulou bens, não comprou se quer sua própria residênciã, para sua família deixou sua história e sua produção, o maior bem deixado por Clóvis segundo Aquiles Bevilaqua, sobrinho que dedicou parte de sua vida para cuidar de seu “mestre”, foi

Meu tio e pai partiu e conosco ficou sua brilhante história, uma infinita produção literária e jurídica que não canso de organizar. No meio de seus livros sinto ainda seus cuidados sua preocupação em não organizar nada que o faria ter que procurar, as folhas soltas pela mesa, sua caneta de penas e seu tinteiro ainda estão esperando por sua assinatura. Não é fácil para mim um simples discípulo guardar os seus pertences.²³

Clóvis acolheu parentes e amigos em sua casa, como acadêmicos também recebeu seus cunhados. No caso de Aquiles Bevilaqua ao receber seu diploma não voltou para Viçosa, ficou ao lado de Clóvis e o auxiliou em suas atividades jurídicas, passou a ser advogado da família.

Clóvis dizia que o espaço de sua residênciã era “consagrado para acolher e ensinar, como os sarais que faço e vejo a minha família acompanhada por homens das letras que enchem meu ser e quando finda-se sinto a tranquilidade que não nos convém.”²⁴

4.3 O reconhecimento dos contemporâneos

O jurista Clóvis Bevilaqua foi reconhecido pela sociedade da época, visto como um homem competente. Dessa forma podemos mencionar que, elogios não paravam de surgir ao

²² INVENTÁRIO de Clóvis Bevilaqua, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1945. p. 7.

²³ BEVILAQUA, Aquiles. Depoimento na solenidade do velório de Clóvis. In: LIVRO de lembranças do sepultamento de Clóvis. Rio de Janeiro: [s. n], 1944, p. 3. Datilografado.

²⁴ BEVILAQUA, Clóvis. *Livro de recordações*. Rio de Janeiro, 1923. Não paginado. Manuscrito.

seu respeito e em tudo que se dedicava tinha o reconhecimento social. Todavia, recebia essa afetividade de uma maneira serena e humilde e assim foi durante toda sua vida, cercado por admiradores, tinha no seu lar um refúgio necessário, sendo que foram poucos os reais momentos que sua casa estava calma e tranquila, sem a presença de amigos, discípulos e admiradores, como cita Freitas Nobre ao retratar sua residência

Sua casa vivia repleta de acadêmicos, de estudantes de todas as faculdades, de antigos discípulos e, principalmente de crianças. Na desarmonia de seus móveis, na agitação de papeis, livros, cartas e embrulhos por sobre a mesas estantes enormes enchendo sete salas e sua cozinha, dominava, num contraste evidente, uma ordem estonteante.²⁵

Clóvis valorizava as atividades no seu lar, assim reservou um espaço de trabalho em sua residência, aos olhos dos visitantes, local amarrotado de papeis e livros, mas o jurista sabia a qualquer época, localizar um livro, um folheto, uma anotação, uma carta de amigo, com uma familiaridade que o identificava profundamente com aquele mundo estranho, povoado de páginas, de milhares de livros em dezenas de línguas.

Homem de vida simples, muitas vezes desorganizada financeiramente, Clóvis Beviláqua renunciava os pagamentos que recebia pelos seus pareceres, de parentes, amigos e quando cobrava custavam no máximo um conto de réis, decidindo às vezes causas de milhões. No Rio de Janeiro morando de aluguel, falava do apego a casa que morava, tudo naquele lugar tinha o toque dos Bevilaqua, ninguém lembrava que aquela propriedade não lhes pertencia, mas na verdade era o que o jurista ganhava não era o suficiente até mesmo para pagar suas contas em dias, em correspondências endereçadas à sua residência havia varias cobranças, principalmente do aluguel que sempre estava em atraso.²⁶

Segundo Silvio Romero a todos que foram chamados para fazer o Código Civil Brasileiro receberam uma grande quantia em dinheiro, mesmo com os trabalhos não concluídos, antes de Clóvis o que se tinha de código civil brasileiro não supria as reais necessidades que representasse os novos ideais nacionais, a função do jurista quando chamado para a função era muito mais complexa do que a própria produção do código de leis, pois havia algumas pendências do que foi produzido, realizar a introdução de leis que beneficiasse e lançasse olhares para todos os membros da sociedade incluindo leis ligadas aos egressos da escravidão, bem como, e correções que deixariam o documento mais ligado a realidade do país. Mesmo assim, Clóvis sentiu a realidade de ser um iniciante quando:

²⁵ NOBRE, Freitas. *Clóvis Bevilaqua*. São Paulo: Edição melhoramento, 1954. p. 17.

²⁶ ROMERO, Silvio. *Provocações e debates*. Rio de Janeiro; Portugal: Imprensa Moderna, 1908. p. 11.

A outros a quem houveram por bem incumbir em épocas varias a feitura do Código Civil não ousaram esquecer-se da remuneração de grossas somas. Ao modesto jurista, ao preclaro professor do Recife... O inverso! É que não basta ter talento e saber! Há outros predicamentos que se fazem mais valer em dias de agora. E é esse o motivo principal do singularismo encalhe que teve o projeto da sua lavra no Senado Federal.²⁷

Desvalorizar o trabalho de um iniciante era injusto aos olhos de quem estava ligado a história de Clóvis Beviláqua, mas para o novo autor do *Código Civil* não ter seu nome reconhecido no meio jurista e por isso receber uma quantia irrisória, não diminuía o seu trabalho e o orgulho de ter cumprido sua tarefa.

Segundo Freitas Nobre, uma preocupação superior fez de Clóvis Beviláqua um homem honesto e de firmeza política, pois foi criado em meio a sua família católica onde o pai era vigário da cidade de Viçosa honrado e respeitado por todos e sua mãe uma devota religiosa dedicada aos cuidados dos filhos, foi talvez o resultado dessa educação que o tornou um homem sem ambição.

Clóvis foi elogiado e admirado por nomes importante da história e da literatura nacional, tal fato é evidenciado em vários escritos, como os de Pinto Ferreira, que anos depois da morte de Clóvis Beviláqua, rememorou suas lembranças ao pontuar o seguinte:

Clóvis Beviláqua era um santo e um sábio com uma humildade dignificante e saberes múltiplos no Direito, ele não só engrandeceu sua a sua ciência como também a faculdade a que dedicou a sua vida gloriosa de jurisconsulto e humanista. Quando Clóvis era ainda recém formado estive com ele em sua modesta residência na Rua Barão de Mesquita, 556 no subúrbio pobre do Rio de Janeiro. A sua fala era mansa e humilde, mas de sua pessoa irradiava uma aura de santidade e de ternura humana. Clóvis diplomou-se em 1882, autor do sempre citado *Tratado do direito comercial*. Foi contemporâneo do meu avô Leopoldo Marinho de Paula Lins e conheceu de perto Tobias Barreto. Conversei com o mestre várias vezes sobre essas pessoas, das quais ele se lembrava com emoção e carinho.²⁸

Através dos elogios, podemos identificar importantes elementos para a nossa pesquisa, pois elas denotam o quanto Clóvis foi um homem que despertava admiração, respeito e atenção de seus amigos e companheiros de jornada, Talvez pelo fato de Clóvis Beviláqua ser jurista, magistrado, jornalista e historiador crítico onde sua vida dedicada aos estudos, tenha despertado admiração em muitos outros homens de sua época.

²⁷ BEVILAQUA, Clóvis. *Código Civil Brasileiro*, 1. v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p. 95.

²⁸ FERREIRA, Pinto. O sábio do direito. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano XXVIII, n. 231, 23 out. 1982, p. 6.

Na feitura do *Código Civil*, por exemplo, vários amigos escreveram a respeito da astúcia de Clóvis ao escrevê-lo principalmente porque, além da dedicação com que fazia seu trabalho, ele não era um homem orgulhoso, pelo contrário, sempre estava disposto a ajudar e também, preocupado com as questões que afetam o nosso país. Nas palavras de Spencer Vampré

Não há glória mais pura do que a do eminente autor do nosso Código Civil; como não há na terra mais pura alma do que a sua. Para dizer tudo do dr. Clóvis Bevilaqua, basta assinalar que não possui nem mesmo essa forma mais nobre da vaidade humana – a vaidade literária; não experimenta nem mesmo o mais santo dos orgulhos, o orgulho de sua obra, produto da sua pertinácia, só igual ao seu mérito.²⁹

Sua produção e comentários que compunha o *Código Civil Brasileiro* tinham como referência aos juristas da Alemanha. Convém pontuar que, sua formação na escola de Recife foi ao lado de Tobias Barreto, Sílvio Romero que eram os principais articuladores desse movimento intelectual. Preocupado constantemente com as questões que afetam no cenário político brasileiro, constantemente diversos amigos seus teciam elogios tanto a sua vida honesta e dedicada, bem como pela sua história profissional, como ficou expresso nas palavras de Freitas Nobre

Sua vida, humilde e honesta, é um exemplo de dedicação ao Brasil. [...] Quanto mais necessitado ele estivesse, mais firme era o seu caráter, mais resoluto o seu pensamento, mais inabalável a sua diretriz de honra profissional. [...] Sua devoção republicana, sua vocação de democrata, são acontecimentos inseparáveis de sua vida e de sua obra.³⁰

Outra intelectual que dispõem a sua atenção para declarar o seu pensamento a respeito de Clóvis, foi a escritora e conterrânea Raquel de Queiroz que também dedicou sua escrita a respeito do jurista, assim ela discorreu

Esse velho de olhos quase cegos de ler, humilde de coração, mas cultor fanático dessa abstração poderosa que é a lei, ao fim de contas resulta muito mais importante e precioso para o patrimônio de sua terra de que todos esses valentões e leguleios. [...] Festejemos Clóvis, reeditemos a sua obra, premieemos seus biógrafos e seus comentadores, e, da inumação das suas cinzas na cripta do Fórum Clóvis Bevilaqua em Fortaleza, façamos uma festa cívica que impressione os moços.³¹

²⁹ VAMPRÉ, Spencer. O autor do Código Civil. *Atualidade*. [S. l: s. n.], 1923, p. 7.

³⁰ NOBRE, 1954, p. 29.

³¹ QUEIROZ, Raquel de. Portal da história do Ceará. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2560&catid=293&Itemid=101>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

Todos esses apontamentos são importantes porque se constituem um meio de compreendermos melhor, a partir da visão de outros profissionais, sejam eles pertencentes à literatura ou não, como Clóvis foi um homem admirado pelo ciclo social em que fazia parte, justamente porque todos compreendiam que ele era um verdadeiro homem digno dos mais diversos elogios e dedicações.



FIGURA 24: O jurista Clóvis Bevilaqua.

FONTE: Arquivo do Memorial Clóvis Bevilaqua no Tribunal de Justiça do Ceará.

Segundo Freitas Nobre, Clóvis foi reconhecido como “defensor de causas importantes para o Brasil do limiar do século XX, como jurista e literato, como representante de um homem engajado e militante no meio social”³² em que articulava, talvez por ter inúmeras qualidades, como ficou explícito nas citações supracitadas. Convém pontuar que mesmo em meio a admiração dos amigos e reconhecimento de suas ações e trabalho no mundo das letras e no meio do jurídico, Clóvis foi visto como um homem, sempre estava disposto a ajudar quem precisasse de seus conselhos, por isso mesmo foi um homem que teve amigos fieis e admiradores de sua história de vida.

³² NOBRE, 1954, p. 27.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dessa narrativa partiu do uso de diferentes tipos de fontes, dentre as quais destaco neste momento as cartas escritas pro Clóvis e trocadas com Amélia e outros sujeitos. A partir destas foi possível reconstruir muito do cotidiano do casal e das relações sociais mantidas com diferentes sujeitos históricos no quadro das elites brasileiras. Foi realizado, nesse sentido, um trabalho de pesquisa documental desde os acervos do Piauí, Ceará, Rio de Janeiro e acervos online que nos possibilitaram entrar em contato com o universo do casal.

Nossa preocupação inicial foi a de caracterizar a família brasileira na passagem do século XIX para o século XX, de forma que se pudesse delinear o contexto em que se inseria o casal Clóvis e Amélia Bevilaqua. O matrimônio do casal ocorreu em um momento em que imperavam fortes tradicionalismos quanto aos modos como as famílias se constituíam, mas insistimos que entre eles se deu um casamento singular, afetivo desde o princípio, tornando-se uma exceção ao que predominava no período.

A história da família brasileira é marcada por permanências, tendo sido possível identificar que no período de tempo que envolveu a Primeira República, a formação das famílias dava-se a partir da consumação de matrimônios constituídos de maneira muito semelhante ao que acontecia na época da colônia e do império. O casal objeto de nosso estudo, portanto, forjou-se na singularidade de um matrimônio construído a partir da afetividade e não unicamente por acertos familiares. Essa afirmação não pretende colocá-los livres das amarras dos costumes do tempo que viveram, mas denota a emergência de ações individuais que permitiam a fuga da regra.

O cotidiano do casal era embebido da intelectualidade, pois ambos se dedicaram às letras. Amélia dedicou-se, sobretudo, à literatura, tendo sido a primeira mulher brasileira a se candidatar à Academia Brasileira de Letras, instituição a qual Clóvis integrava. A escritora foi rejeitada por ser mulher, atitude jamais perdoada por Clóvis, que desde então deixou de frequentar as reuniões da Academia.

Para ele, a recusa de sua esposa poderia se dar pela avaliação de sua produção, mas jamais pela natureza de seu sexo. Essa valorização do sexo feminino pode ser notada igualmente por meio de seus trabalhos como jurista. Clóvis destacou-se no Direito, tendo o privilégio de ser convidado e redigir o *Código Civil Brasileiro*, que vigorou até poucos anos

atrás. Partindo de versões inacabadas o projeto foi levado a frente e finalizado, representando um marco para o judiciário brasileiro.

Por meio da produção de Clóvis e Amélia, percebe-se que as escritas do casal foram marcadas pela cumplicidade, pela afetividade conjugal e familiar, e pelas discussões arroladas no círculo literário que se formou em seu lar, em suas sociabilidades e em seus círculos de amizade.

Segundo analisamos, a vida profissional de Clóvis foi marcada por escolhas que colocaram Amélia e as filhas em primeiro plano, tendo recusado viagens e cargos que pudessem distanciá-los, em especial nos anos finais de vida de sua esposa, marcados pela fragilidade física. A doença foi uma marca constante desse período, levando a uma vida mais intimista, centrada no lar, com raras saídas e visitas a parentes ou amigos do casal. Isolamento, fragilidade e cuidados com a saúde foram uma constante dos últimos oito anos de vida do casal.

Portanto, a trajetória vivida pelo casal Bevilaqua e as atitudes profissionais e intelectuais que fizeram parte de suas vidas nos aproximou do nosso período de estudo, onde o casal vivenciou e escreveu sobre a sociedade que vivenciavam, onde Amélia transferiu seu olhar em sua escrita e Clóvis contribuiu com suas reflexões jurídicas.

Por fim, o importante papel das fontes utilizadas, as correspondências trocadas pelo casal, bem como periódicos, testamento, inventários, manuscritos e fotografias. Foi dessa forma, que concluímos que o casamento enquanto instituição social representou o mecanismo de coesão social e de manutenção dos sujeitos na estrutura de poder estabelecida e, mais especificamente sobre o casal, o estudo para o casamento como espaço para construção e manifestação de sentimentos que levam à durabilidade do laço matrimonial e apoio mútuo no desenvolvimento da intelectualidade dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ABRANTES, Elizabeth Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ANHEZINI, K. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 51-70, 2003.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em <www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>. Acesso em: 27 nov. 2015.

BARCELAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: BASSANEZÍ, C. P. (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BEVILAQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Bevilaqua*: documentos histórico-literários. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930.

BEVILÁQUA, Amélia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1913.

BEVILÁQUA, Amélia. *Através da Vida*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906.

BEVILÁQUA, Amélia. *Jeannette*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Bernard Freres, 1933.

BEVILÁQUA, Amélia. *Jornada pela infância*: memórias. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940.

BEVILÁQUA, Amélia. *Meu noivo*. Recife: [S. l: s. n], 1902.

BEVILÁQUA, Amélia. *Silhouettes*. Recife: T. Garnier, 1906.

BEVILÁQUA, Clóvis. *Direito da família*. 9. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1952.

BEVILÁQUA, Clóvis. *Direito da família*. Recife: Livraria Contemporânea, 1904.

BEVILÁQUA, Clóvis. *Phrases e Phantasias*. Recife: Hugo & Co. Editores, 1907.

BEVILÁQUA, Clóvis. *Código Civil Brasileiro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. v. 1.

BEVILAQUA, Clóvis. *Traços bibliográfico do desembargador José Manoel de Freitas*. Recife: Tipografia Tradicional, 1888.

BIBLIOTECA Nacional. *Comemoração do centenário de nascimento de Clóvis Beviláqua*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959.

BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clovis Bevilaqua na intimidade*. Rio de Janeiro: Ed. Editorama, 2008.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Casamento e Família em São Paulo Colonial: caminho e descaminhos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. .

CANABRAVA, Alice Piffer. História e Economia. *Literatura Econômica*, v.7, n. 1, 1985.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na primeira república*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, W. D. dos S. *A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura*. *Niterói*, Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2010.

CUNHA, Higino. Discurso para 1º seção da Academia Piauiense de Letras. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, vol. 1. 24 maio 1918, p. 133-134.

D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 223-240.

DEL PRIORE, Mary. *A família no Brasil colonial*. São Paulo: Moderna, 1999.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FALCI, Miridan Brito Knox. As mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, M. (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 241-277.

FERNANDES, A. *Clóvis Bevilaqua e sua obra*. Rio de Janeiro: Riachuelo, 1960.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal. 1885.

FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e crítica*. Imperatriz: Ética, 2010.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: EdUFPI, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 23. ed. São Paulo: Editora Global, 2003.

LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia: correspondência inédita do jurista Clóvis Beviláqua para sua mulher, a escritora Amélia de Freitas Beviláqua*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.

MAGALHAES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizonte e crítica literária*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MARTINS-COSTA, J. Clóvis Beviláqua e a Escola do Recife. *RIDB*, ano 2, n. 8, 2013, p

MEIRA, Silvio. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990.

MENEZES, Fernando. *Recife nos Tempos da Província*. Recife: Bagaço, 1999.

MIRANDA, Waldemir. *Vida médica em Pernambuco; scientia et caritas*. Recife: Sociedade de Medicina de Pernambuco, 1974. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/ccs/medicina.htm>>. Acesso em: 6 jul. 2005.

NASCIMENTO, L. *História da Imprensa de Pernambuco*. Recife: Editora da UFPE, 1975. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosimprensa/historia_da_imprensa.pdf>. Acesso em: 3 out. 2014.

NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Melhoramento, 1954.

NOBRE, Freitas. *Grandes vultos das letras: Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1950.

PAIM, A. *A Escola do Recife*. Londrina: Editora UEL, 1997.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michele. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995.

PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

QUEIROZ, Raquel de. *Portal da História do Ceará*. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2560&catid=293&Itemid=101>. Acesso em: 12 abr. 2014.

QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí: (1880-1930)*. Imperatriz: Ética, 2008.

QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Uma história de amor a antiga através dos cartões postais. *Iluminuras*, São Paulo, v. 9, n. 22, 2008. p. 3. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/9326/5394>>. Acesso: 12 de março de 2016.

ROCHA, H. *Memória indiscreta: de Getúlio, Juscelino, Prestes, etc. a Drummond, Vinícius, Bethânia, etc.* Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

ROMERO, Silvio. *Provocações e debates*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1908.

SCOTT, A. S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-16

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e a criação cultural da Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, M. B. N. da. *Sistema de Casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: EDUSP, 1984.

SILVA, V. R. do N. *Vossa excelência, Vossa senhoria, Excelentíssimo senhor e Prezado amigo: considerações sobre a correspondência de Clóvis Beviláqua*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 2009. P. 178.

SILVA, W. C. L. O único luxo de um santo laico: fotografias pessoais em biografias de Clóvis Beviláqua. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 5, n. 9, p. 258-280, jul. 2013.

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo. Editora Annablume, 2001.

Periódicos

ANDRADE, Corinto. Em redor do feminismo. *Litericultura*. Teresina, ano 2, fasc. 4, 30 abr. 1913.

ASSIS, M. Dionísia Gonçalves Pinto. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 189, 20 de mar. 1864, p. 9.

BARBOSA, V. O autor do código. *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife*. Recife, [s. n], 1900, p. 32-34.

BARBOSA, V. *Revista Jurídica Brasileira*. Rio de Janeiro, ano 9, [s. n], 1899, p. 23.

BARRETO, T. Em defesa da mulher. *A Pilheria*. [S. l, s. n], 1913, p. 5.

BEVILAQUA, Clóvis. A mulher perante o Código Civil Brasileiro. *Almanaque Garnier*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 42, 11 set. 1901, p. 225.

BEVILAQUA, Clóvis. O código na íntegra. *O Comercio*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 219, 4 jan. 1908. p. 4-7.

BEVILÁQUA, Clóvis. Inteligência superior. *Diário de Pernambuco*. Recife, ano XXVII, n. 231, 2 out. 1952, p. 4.

FREITAS, Lucídio. História da poesia no Piauí. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, dez. 1924, p. 112- [...].

OLYMPIO, Mathias. Uma piauiense notável. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 1, jun. 1918, p. 162-163.

SPENCER, Vampré. Decoro da inteligência. *A Notícia*. Rio de Janeiro, ano 1930, s/n, 28 jul. 1930, p. 4.

VIAGEM. *Imprensa Caxiense*. Caxias, ano 4, n. 22, 22 de jan. 1875, p. 4.

Fontes manuscritas

BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta], 23 de maio de 1923, Rio de Janeiro [para] Nobre, Freitas. Rio de Janeiro. 1f. Carta ao amigo discorrendo sobre poder e política.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 23 nov. 1879, Recife [para] Euclides Bevilaqua.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] maio 1882, Recife [para] BEVILAQUA, Amélia.

BEVILAQUA, José. [Carta] 1882, Viçosa-CE [para] BEVILAQUA, Clóvis., Recife.

BEVILAQUA, Clóvis. [Ofício] 17 mar. 1883, Alcântara - MA [para] FREITAS, José Manoel de., São Luís. Ofício informando que tinha assumido a promotoria da cidade de Alcântara.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 24 jun. 1882, Recife [para] FREITAS, Amélia.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 18 maio 1882, Recife [para] FREITAS, Amélia. São Luís, Maranhão. 7 f. Carta de namoro falando do cotidiano.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 6 maio 1906, Rio de Janeiro [para] XAVIER, Carlos., Vitória.

BEVILAQUA, Clóvis [Carta] 1 dez. 1939, Rio de Janeiro [para] PIKANÇO, Melchisedes., Rio de Janeiro. Justificando a recusa de um convite.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 23 maio 1923, Rio de Janeiro [para] NOBRE, Freitas., Rio de Janeiro. 1f. Carta ao amigo discorrendo sobre poder e política.

BEVILAQUA, Clóvis. [Carta] 2 jun. 1932, Rio de Janeiro [para] Barão de Rio Branco, Niterói. Carta comentando sobre o convite para tomar parte do Congresso Pan-americano, como delegado do Brasil.

BEVILAQUA, Clóvis. [Cartão postal] 2 de junho de 1932, Rio de Janeiro [para] BARRETO, Carlos Xavier Paes, Rio de Janeiro. Cartão a respeito de sua recusa para o cargo de deputado.

BEVILAQUA, Clóvis. *Livro de recordações*. Rio de Janeiro, 1923. Não paginado. Manuscrito.

BEVILAQUA, Florisa. *Caderno de anotações*. Rio de Janeiro. Não paginado. Manuscrito.

BEVILAQUA, José Benício. [Carta] 31 ago. 1905, Viçosa [para] BEVILAQUA, Clóvis.

FREITAS, Amélia. [Carta] 26 maio 1882, São Luís [para] BEVILAQUA, Clóvis. Recife. 2 f. Carta elogiando a escrita de Clóvis.

INVENTÁRIO de Clóvis Bevilaqua, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1945.

MARIA, Martiniana. [Carta] ago. 1877 [para] BEVILAQUA, Clóvis., Recife.

MARIA, Martiniana. [Carta] 18 nov. [...] [para] BEVILAQUA, Clóvis., Recife.

PIKANÇO, Melchisedes. [Carta] 23 fev. 1927 [para] PIKANÇO, Macário. Carta elogiando o ambiente familiar da família Bevilaqua.